

MAIRA GUIMARÃES

**O UNIVERSO FEMININO À LUZ DE SIMONE DE BEAUVOIR:  
VIDA, FICÇÃO E TEORIA**

MAIRA GUIMARÃES

**O UNIVERSO FEMININO À LUZ DE SIMONE DE BEAUVOIR:  
VIDA, FICÇÃO E TEORIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso  
Orientadora: Profa. Dra. Emília Mendes

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras  
2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/JFMG

G963u

Guimarães, Maira.

O universo feminino à luz de Simone de Beauvoir  
[manuscrito] : vida, ficção e teoria / Maira Guimarães. – 2015.  
148 f., enc.: il., fots., color., p&b.

Orientadora: Emília Mendes Lopes.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 146-148.

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1983. – Invitée – Crítica e  
interpretação – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3.  
Discurso filosófico – Teses. 4. Dialogismo (Análise literária) –  
Teses. 5. Polifonia – Teses. 6. Alteridade – Teses. 7.  
Feminismo na literatura – Teses. I. Mendes, Emília. II.  
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.  
Título.

CDD : 418

Dedico este trabalho aos familiares e amigos que me acompanharam nessa trajetória acadêmica, aos leitores que se interessam pelos estudos filosóficos e discursivos e, especialmente, às mulheres que lutam pela sua liberdade e existência.

“Le respect de la liberté d’autrui n’est pas une règle abstraite:  
il est la condition première du succès de mon effort.”  
Beauvoir *in* Pour une morale de l’ambiguïté (1947)

## AGRADECIMENTOS

Talvez essa tarefa seja, para mim, uma das tarefas (incluindo a escolha do *corpus*, leitura das obras, procedimentos de análises, reuniões de orientação e, enfim, o processo de escrita) mais difíceis dessa presente dissertação, pois ela me insere em um universo de emoções e sentimentos: alegria, satisfação e gratidão.

Alegria de saber que fui capaz de concretizar uma importante etapa acadêmica que fez parte dos meus sonhos dourados da época da graduação. Lembro-me, ainda hoje da felicidade quando a professora Emília Mendes me convidou para participar da minha primeira Iniciação Científica (2011) na qual fui aluna voluntária e, posteriormente, vi o convite e a alegria se estenderem a uma segunda Iniciação Científica financiada pela Fapemig (2012).

Satisfação de fazer parte de um grupo de pesquisa NETII/UFMG (Núcleo de Estudos Transgressivos, Imagens e Imaginários) fundado pela professora Emília Mendes, que tanto contribuiu e ainda contribui para a minha formação acadêmica, dando-me conforto e inquietação nas mais diversas áreas do conhecimento das quais, até o momento, me interesse: imagens, transgressões, corpo, erotismo, feminino... Este último interesse de pesquisa foi o que me trouxe para o lugar no qual me encontro como pesquisadora nessa etapa acadêmica.

Gratidão por ter ao meu lado pessoas imensamente especiais e fundamentais nesse processo. Obrigada à minha mãe pelo incentivo, pelo apoio de todas as horas, pelos conselhos carinhosos, pela coragem em abdicar dos seus sonhos e desejos em prol dos meus sonhos e desejos, pela amizade sincera e cuidadosa, pelo carinho diário, pelo amor sempre muito grande. Obrigada ao meu pai (*in memoriam*) pelo amor eterno, pelo gosto pelo estudo, pela companhia sempre presente, seja ela em sonhos, cheiros, lembranças e ensinamentos.

Obrigada à professora Emília Mendes pela orientação cuidadosa, profissional e dedicada nesses quatro anos de convívio – dois anos de iniciação científica e dois anos de mestrado –, pelos livros emprestados, pelo exemplo de uma postura profissional, pelo incentivo para aprender francês, para ir a congressos e para pesquisar aquilo que me interpelava. Obrigada pelas reuniões que me confortavam e amenizavam as dúvidas

teóricas, pelas reuniões que me desorientavam as ideias, mas que, mais tarde, me faziam encontrar o eixo novamente. Obrigada, principalmente, pelo amadurecimento acadêmico.

Obrigada à minha família (Maísa, Mara, Mônica, Marilene e Maria Lúcia) pelo companheirismo, pelo amor, pela união, pela atenção e cuidado em tentar compreender, mesmo quando não estava muito claro, sobre o mundo acadêmico e as questões femininas.

Obrigada às minhas amigas Isabela e Giselle pela paciência, pela certeza de que tudo daria certo, pela leitura sempre atenta, pelos ouvidos sempre prontos a escutar. Obrigada à minha amiga Camila pelas mensagens de carinho e pela presença, mesmo que distante fisicamente.

Obrigada à *Chérie*, minha pequena e grande companheira de todas as horas de estudo e pesquisa.

Finalmente, obrigada ao CNPq pelo apoio financeiro indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa.

## RESUMO

O objetivo de nossa pesquisa é mostrar como a ficção de Simone de Beauvoir origina uma perspectiva existencialista feminista que será apresentada, posteriormente, na obra teórica da referida autora. Nessa perspectiva, buscamos demonstrar como o romance *L'invitée* (1943) dialoga com o ensaio filosófico ([1949]1976) no que diz respeito à concepção de feminino cunhada pela escritora francesa. Para tanto, nos apoiaremos nos estudos pertencentes a Análise do Discurso Franco-Brasileira, mais especificamente, na Teoria da Ficcionalidade proposta por Mendes (2004); na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (1983) e na adaptação dessa teoria por Mendes & Machado (2013) no que concerne ao discurso ficcional; nos estudos de Danblon (2013) e Amossy (2013) sobre a argumentação e nas concepções de dialogismo, polifonia e alteridade de Bakhtin e seu Círculo (1992, 2002). Por meio de nossas análises e reflexões, pudemos constatar que, ao apresentar em seu romance uma concepção de feminino pautada nas ideias de liberdade, independência financeira e emancipação social, Beauvoir já sinaliza para o seu leitor qual a construção feminina que será delineada na sua teoria filosófica. Posto isso, a autora supracitada nos revela, tanto em seu discurso ficcional quanto em seu discurso teórico, a importância dos costumes, das ideologias e da sociedade no que se entende socialmente por ser mulher.



## RÉSUMÉ

L'objectif de notre recherche est de montrer comment la fiction de Simone de Beauvoir donne naissance à une perspective existentialiste féministe qui sera présentée, postérieurement, dans l'œuvre théorique de cet auteur. Dans cette perspective, nous cherchons à démontrer comment le roman *L'invitée* (1943) dialogue avec l'essai philosophique *Le deuxième sexe* ([1949]1976) en ce qui concerne la conception féminine forgée par l'écrivain français. Par conséquent, nous appuierons nos études appartenant à l'Analyse du Discours Franco-Brésilien, plus particulièrement, sur la Théorie de la Fiction proposée par Mendes (2004); sur la Théorie de la Semiologie de Charaudeau (1983) et sur l'adaptation de cette théorie par Mendes & Machado (2013) en ce qui concerne le discours fictionnel; sur les études de Danblon (2013) et Amossy (2013) sur l'argumentation et sur les conceptions de dialogisme, de polyphonie et de l'altérité de Bakhtine (1992, 2002). Au moyen de nos analyses et réflexions, nous pouvons constater qu'en présentant dans son roman une conception de la femme axées sur des idées de liberté, d'indépendance financière et d'émancipation sociale, Beauvoir signale déjà à son lecteur quelle construction féminine sera ébauchée dans sa théorie philosophique. Cela dit, l'auteur précité nous révèle tant dans son discours fictionnel que dans son discours théorique l'importance des coutumes, des idéologies et de la société de qui s'entend socialement pour être une femme.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: SIMONE DE BEAUVOIR E AS OBRAS .....</b>	<b>18</b>
1. Considerações iniciais.....	20
1.1 A ficção de Beauvoir.....	24
1.2 A filosofia de Beauvoir.....	30
1.3 O existencialismo na ficção e na teoria de Beauvoir.....	51
1.4 Considerações finais .....	56
<b>CAPÍTULO 2:</b>	
<b>DA FIÇÃO À TEORIA DE BEAUVOIR: O PERCURSO TEÓRICO .....</b>	<b>59</b>
2. Considerações iniciais.....	61
2.1 O conceito de gênero na Análise do Discurso e os gêneros romance e ensaio na Filosofia.....	62
2.2 O discurso ficcional sob a perspectiva da obra de Beauvoir .....	68
2.3 A ficcionalidade na Teoria Semiolinguística.....	75
2.4 A argumentação no discurso ensaístico de Beauvoir .....	80
2.5 Os estudos bakhtinianos nas obras de Beauvoir .....	86
2.6 Considerações finais .....	94
<b>CAPÍTULO 3:</b>	
<b><i>L'INVITÉE</i> (1943) E <i>LE DEUXIÈME SEXE</i> (1949): OLHARES CRUZADOS.....</b>	<b>96</b>
3.1 Considerações iniciais.....	98
3.2 A concepção de feminino na obra <i>L'invitée</i> (1943) à luz da personagem Françoise .....	98
3.3 A concepção de feminino na obra <i>L'invitée</i> (1943) à luz da personagem Xavière.....	107
3.4 Diálogos entre o romance e a teoria nas obras de Beauvoir .....	116
3.5 Considerações finais .....	134
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO



A nossa dissertação de mestrado tratará do estudo da concepção de feminino a partir das obras ficcionais e teóricas da escritora, filósofa, existencialista e feminista francesa Simone de Beauvoir. Nesta perspectiva, buscamos observar de que maneira as concepções de feminino são projetadas na teoria da referida autora por meio de uma análise do romance *L'Invitée* (1943) (*A convidada*) e dos ensaios filosóficos *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) (*O Segundo Sexo I: os fatos e os mitos*) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) (*O Segundo Sexo II: a experiência vivida*).

Com base nos estudos biográficos de Deguy & Beauvoir (2008), a seguir faremos um breve resumo sobre a vida de Simone de Beauvoir. Filha mais velha de uma costureira, Françoise Brasseur, e de um advogado, Georges Bertrand de Beauvoir, Simone de Beauvoir nasceu no dia 9 de janeiro de 1908 na cidade de Paris. O banqueiro e avô de Simone, Gustave Brasseur, um ano após o nascimento da neta, decreta falência e leva toda a família da alta burguesia para a pobreza. Georges Bertrand de Beauvoir se convence então de que somente os estudos e o sucesso acadêmico poderiam retirar as filhas das condições sociais que o avô as deixara. Simone e a irmã mais nova, Hélène de Beauvoir, estudaram no *Cours Désir*, uma escola católica para meninas e foi nessa instituição que Simone conheceu a sua melhor amiga, Élisabeth Lacoïn, a Zazá. Aos quinze anos, Simone decide ser escritora e já possui um jornal onde ela testemunhava a sua luta pela autonomia. Nos anos de 1928-1929, durante o ensino universitário no curso de Filosofia, quando Simone faz uma apresentação sobre o filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz, ela conhece os jovens Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e René Maheu na Universidade de Paris (Sorbonne). Em 25 de novembro de 1929, sua amizade com Zazá é interrompida devido à morte precoce da amiga. Simone relata esse acontecimento em sua obra *Mémoires d'une jeune fille rangée* (1958) (*Memórias de uma moça bem comportada*) na qual afirma que um assassinato disfarçado foi cometido, uma vez que a autora considera que a moral burguesa foi responsável pela morte da amiga. Em 1931, Simone é nomeada para dar aulas de Filosofia na província de *Marseille* e, em 1936, a autora volta à cidade de Paris para lecionar no *Lycée Molière*. Simone de Beauvoir faleceu aos 78 anos, vítima de pneumonia, no dia 14 de abril de 1986, em Paris, e encontra-se sepultada no mesmo túmulo de Jean-Paul Sartre, no *Cimetière du Montparnasse*.

Beauvoir produziu uma vasta bibliografia que abrange os ensaios: *Pyrrhus et*

*Cinéas* (1944), *Pour une morale de l'ambiguïté* (1947) (*Por uma moral da ambiguidade*), *L'Amérique au jour le jour* (1948) (*A América dia a dia*), *L'existentialisme et la sagesse des nations* (1948) (*O existencialismo e a sabedoria das nações*), *Le deuxième sexe I e II* (1949) (*O Segundo Sexo I e II*), *Privilèges* (1955) (*O Privilégio*), *La Longue Marche* (1957) (*A longa marcha*) e *La Vieillesse* (1970) (*A velhice*); os romances: *L'Invitée* (1943) (*A convidada*), *Le Sang des autres* (1945) (*O Sangue dos outros*), *Tous les hommes sont mortels* (1946) (*Todos os homens são mortais*), *Les Mandarins* (1954) (*Os mandarins*), *Les Belles Images* (1966) (*As belas imagens*) e *Quand prime le spiritual* (1979) (*Quando prima o espiritual*); as autobiografias e memórias: *Mémoires d'une jeune fille range* (1958) (*Memórias de uma moça bem comportada*), *La Force de l'âge* (1960) (*A força da idade*), (1963), *Une mort très douce* (1964) (*Uma morte serena*), *Tout compte fait* (1972) (*Tudo dito e feito*), *La Cérémonie des adieux* (1981) (*A cerimônia do adeus*); a novela: *La Femme rompue* (1967) (*A mulher independente*); a peça de teatro: *Les Bouches inutiles* (1945) (*As bocas inúteis*); o testemunho *Djamila Boupacha* (1962) com parceira de Gisèle Halimi; a revista francesa: *Le temps modernes* (*Os tempos modernos*) criada em 1945 por Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

O nosso interesse de estudo pelo universo feminino teve início em duas pesquisas de iniciação científica realizadas durante o curso de graduação em Letras pela UFMG, sob orientação da professora Dra. Emília Mendes, no que diz respeito à representação da mulher em publicidades (2010) e em ensaios sensuais fotográficos (2012). Devido à oportunidade de realizar tais pesquisas, pudemos perceber que a retratação feminina, quase sempre, se pauta nas ideias de passividade, sensibilidade (em seu aspecto negativo) e inferioridade. Deste modo, ao nos situarmos socialmente como mulheres e analistas do discurso, julgamos relevante o estudo sobre a concepção de feminino.

Gostaríamos de salientar que, na atualidade, as questões relativas ao papel social, aos comportamentos e aos valores morais e éticos concernentes ao universo feminino, suscitam proveitosas discussões. Ao questionarmos sobre a posição da mulher diante de si mesma e do outro, seja este outro pertencente ao sexo masculino, feminino ou até mesmo a própria sociedade, nos deparamos com a indagação: o que é ser mulher na sociedade contemporânea? Com base nessa inquietação, que não se caracteriza somente como subjetiva, mas também como social, visto que a todo momento encontramos tal

pergunta tanto nos discursos midiáticos quanto nos discursos literários, pensamos que entender a concepção de feminino na obra ficcional e teórica da autora francesa é importante para compreendermos a sociedade atual.

A escolha por Simone de Beauvoir foi norteada pela importância desta pensadora no que diz respeito aos estudos sobre a mulher e à sua condição social. Ao afirmar: “On ne naît pas femme: on le devient.” (Beauvoir, 1949, p.13) (Tradução nossa: Não se nasce mulher, torna-se mulher), a autora defende que a emancipação feminina está diretamente relacionada à emancipação social. Durante a nossa pesquisa, pudemos constatar que os estudos de Beauvoir não são devidamente explorados no Brasil pelo viés da AD, posto isto, reforçamos a pertinência de nossa pesquisa.

O quadro teórico utilizado se constitui com base nas contribuições do pensamento de Beauvoir (1949), na Teoria Semiolinguística de Charaudeau ([1983]2008); nos estudos de Mendes (2004) sobre a Teoria da Ficcionalidade; nas abordagens de Amossy (2000, 2013) e Danblon (2013) no que diz respeito ao discurso argumentativo e nos trabalhos de Bakhtin e seu Círculo ([1929]1992, 2002) sobre dialogismo, polifonia e alteridade, com o objetivo de demonstrar como a filosofia de Simone de Beauvoir sobre a concepção de feminino presente no romance *L'invitée* (1943) dialoga com suas obras teóricas *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976). Julgamos importante ressaltar que a escolha da ordem ficção e teoria se pautou no fato de que o romance selecionado foi publicado anteriormente às obras teóricas.

Ao se inserir nos estudos filosóficos pertencentes ao pensamento existencialista<sup>1</sup>, Beauvoir apresenta, nas obras selecionadas, uma interlocução entre as ideias pertencentes ao pensador Jean Paul-Sartre (1905-1980) e os valores que a filósofa francesa julga necessários à esfera sócio-discursiva da mulher. De acordo com Sartre ([1946]1960, p. 21):

L'existentialisme athée, que je représente, est plus cohérent. Il déclare que si Dieu n'existe pas, il y a au moins un être chez qui l'existence précède l'essence, un être défini par aucun concept et que cet être c'est l'homme ou, comme dit Heidegger, la réalité humaine. Qu'est-ce que signifie ici que l'existence précède l'essence ?

---

<sup>1</sup> O existencialismo é uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que pregava que o indivíduo não apresenta uma essência que o pré-determina socialmente. Sendo assim, para os pensadores existencialistas, o ser humano é o resultado de suas escolhas e decisões, cabendo somente a ele a responsabilidade de seus atos e a liberdade de sua existência. No próximo capítulo, abordaremos com maior profundidade os pensamentos dessa escola em diálogo com os trabalhos de Beauvoir.

Cela signifie que l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et qu'il se définit après. L'homme, tel que le conçoit l'existentialisme, s'il n'est pas définissable, c'est qu'il n'est d'abord rien. Il ne sera qu'ensuite, et il sera tel qu'il se sera fait. Ainsi, il n'y a pas de nature humaine, puisqu'il n'y a pas de Dieu pour le concevoir. L'homme est seulement, non seulement tel qu'il se conçoit, mais tel qu'il se veut et comme il se conçoit après l'existence, comme il se veut après cet élan vers l'existence ; l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait. Tel est le premier principe de l'existentialisme.

O existencialismo ateu que eu represento é mais coerente. Ele declara que, mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz. Esse é o primeiro princípio do existencialismo. (tradução nossa)

Pautando-se na concepção apresentada acima, Beauvoir defende, em suas obras filosóficas, que a concepção de feminino é construída social e culturalmente, desse modo, a autora rejeita as ideias de que existiria uma essência feminina e um instinto materno.

Por meio de um estudo das obras ficcionais e filosóficas de Simone de Beauvoir, pudemos verificar como a escritora existencialista desenvolve, na ficção, elementos para a construção de sua obra teórica. Ao delimitar os *corpora*, incluiu-se, obrigatoriamente, a análise do modo como a concepção de feminino aponta na ficção para, posteriormente, surgir na teoria elaborada pela referida autora. Em nossa pesquisa, defendemos a tese de que Simone de Beauvoir pautou-se, principalmente, em uma das mais importantes ideias da escola filosófica existencialista, na qual podemos inferir que não há uma essência feminina, uma vez que toda mulher deve ser colocada em posse daquilo que ela é e, conseqüentemente, assumir a responsabilidade total de sua existência. Com a finalidade de situar o nosso leitor no que diz respeito às abordagens e temáticas expostas em nossos *corpora* de análise, buscamos apresentar um breve resumo sobre as obras selecionadas.

Nessa introdução, procuramos apresentar os principais pontos do nosso trabalho juntamente com uma breve biografia de Simone de Beauvoir e uma sucinta explanação sobre a corrente filosófica existencialista.



Nos capítulos seguintes, nos organizaremos da seguinte forma: o capítulo 1 – *Simone de Beauvoir e as obras* – versará sobre o romance *L'invitée* (1943) e os ensaios filosóficos *Le deuxième sexe I: les faits et le mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976). Tendo em vista que os *corpora* apresentam uma grande extensão, faremos um resumo das três obras selecionadas com o objetivo de situar o leitor no que diz respeito ao nosso objeto de pesquisa. Abordaremos, primeiramente, o discurso ficcional para, posteriormente, englobarmos o discurso teórico. Após, apresentarmos o resumo das obras, trataremos da corrente filosófica existencialista – corrente esta elaborada em um movimento de co-construção de Simone de Beauvoir e Jean Paul-Sartre – com o objetivo de relacionarmos tal corrente com as obras ficcionais e teóricas de Beauvoir.

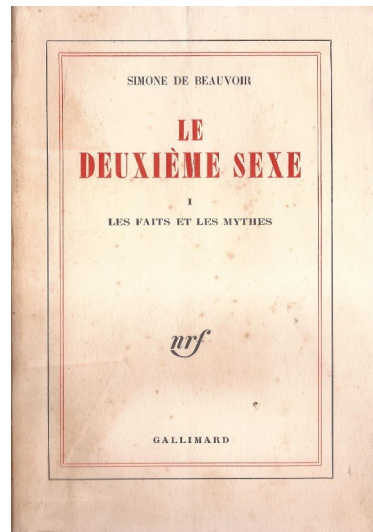
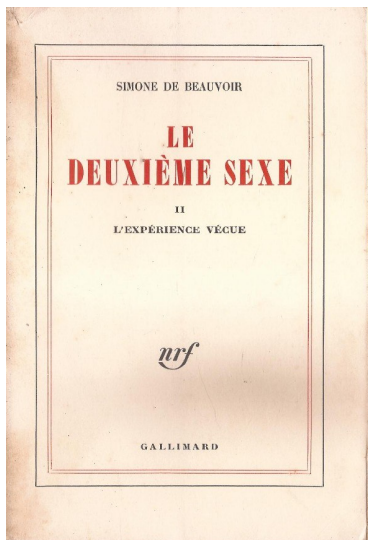
No capítulo 2 – *Da ficção a teoria de Beauvoir: o percurso teórico* – discorreremos sobre as referências teóricas utilizadas como base para o desenvolvimento da pesquisa. Discorreremos sobre o conceito de gênero na Análise do Discurso; os gêneros romance e ensaio na Filosofia; o discurso ficcional; a ficcionalidade dentro da Teoria Semiolinguística; a argumentação no discurso ensaístico e o dialogismo nas obras ficcional e teóricas de Beauvoir. Julgamos importante mencionar que, nessa parte, apresentaremos o arcabouço teórico de nossa pesquisa juntamente com algumas análises iniciais dos nossos *corpora*.

No capítulo 3 – *L'invitée* (1943) e *Le deuxième sexe* ([1949]1976): *olhares cruzados* – nos ocuparemos da concepção de feminino, tanto na obra ficcional quanto na obra teórica, buscando manter um diálogo entre o romance e a teoria no que dizem respeito aos valores, comportamentos e ideologias que são retratados nas personagens femininas e que, posteriormente, serão abordados na teoria da Beauvoir.

Por fim, apresentaremos na *Conclusão* uma síntese das ideias principais presentes na obra *L'invitée* (1943) e na obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976) buscando salientar os pontos mais relevantes para o diálogo entre as obras. Apresentaremos também uma possibilidade futura de pesquisa no que diz respeito à representação social de uma feminista e a iconografia de Beauvoir difundida na contemporaneidade.

## **CAPÍTULO 1:**

### **SIMONE DE BEAUVOIR E AS OBRAS**



## 1. Considerações iniciais

Tendo em vista que a totalidade dos nossos *corpora* se baseia na existencialista, feminista e filósofa Simone de Beauvoir, nesse capítulo, abordaremos alguns pontos que para nós se caracterizam como relevantes para a análise do nosso objeto de pesquisa. Desse modo, apresentaremos alguns trechos das obras selecionadas buscando retratar ao nosso leitor as ideias principais presentes em cada personagem do romance e em cada tópico dos ensaios teóricos.

Primeiramente, trataremos da ficção de Beauvoir, ou seja, apresentaremos ao nosso leitor, um breve resumo sobre o livro *L'invitée* (1943) com o objetivo de explicitar a trama e a organização do romance para, posteriormente, fazermos alguns comentários sobre os ensaios filosóficos. Para que o leitor possa ter uma visão mais detalhada dos acontecimentos retratados no livro, ao longo de nosso capítulo, buscamos, ao máximo, apresentar tanto trechos do romance quanto discursos de personagens.

O livro *L'invitée* (1943) foi o primeiro livro publicado por Simone e, *a priori*, o romance foi apresentado com o título de *Legitime défense* (*Legítima defesa*), mas por uma imposição da editora *Éditions Gallimard*, o romance foi renomeado. No que diz respeito à concepção do romance, o processo de escrita para Simone não se qualifica como fácil; ao contrário, para a escritora, esse ofício é um verdadeiro trabalho cotidiano e, quase sempre, árduo. Em sua obra *La Force des choses* (1963), Beauvoir (*apud* DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 111)<sup>2</sup> descreve como se dá o processo criativo e o processo de escrita de um romance:

À une ou deux exception près, tous les écrivains que je connais peinent énormément: je suis comme eux. Et contrairement à ce qu'on suppose, roman et autobiographie m'absorbent beaucoup plus qu'un essai; ils me donnent aussi plus de joies. (...) On se fait souvent de la littérature une idée plus romantique. Mais elle m'impose cette discipline justement parce qu'elle est autre chose qu'un métier: une passion, où, disons, une manie. Au réveil, une anxiété ou un appétit m'oblige à prendre tout de suite mon stylo; je n'obéis à une consigne abstraite que dans les sombres périodes où je doute de tout: alors la consigne peut même craquer (...) Et bien sûr l'inspiration joue: sans elle l'assiduité ne servirait à rien. Le projet d'exprimer certaines choses, sur un certain mode, naît, renaît s'enrichit, se transforme capricieusement. Les résonances en moi d'un incident, d'une lumière, l'éclat d'un souvenir ne sont pas concertés, ni la chance d'une image ou d'un mot.

---

<sup>2</sup> DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bon de. *Simone de Beauvoir: écrire la liberté*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

Tout en me conformant à mon plan, je tiens compte de mes humeurs: si j'ai envie soudain de raconter une scène, d'aborder un thème, je le fais, sans m'astreindre à l'ordre établi. Une fois bâtie la carcasse du livre, je me confie volontiers au hasard: je rêve, je divague, pas seulement devant mon papier, mais tout la journée, même la nuit. Il arrive souvent avant de m'endormir ou pendant une insomnie qu'une phrase me traverse et que je me relève pour la noter (...) Lorsque enfin, après six mois, un an, ou même deux, je soumetts le résultat à Sartre, je n'en suis pas encore contente, mais je me sens à bout de souffle: il me faut sa sévérité et ses encouragements pour reprendre mon élan.

Com uma ou duas exceções, todos escritores que conheço lutam enormemente: eu sou como eles. E ao contrário do que se supõe, romance e autobiografia me absorvem muito mais do que um ensaio; eles também não me dão mais alegria. (...) Nós, muitas vezes, fazemos da literatura uma ideia mais romântica. Mas ela requer disciplina porque é algo diferente de uma técnica: a paixão, onde, dizem, uma mania. Ao acordar, uma ansiedade ou um apetite me obriga a tomar imediatamente a minha caneta. Eu obedeco uma ordem abstrata somente nos sombrios períodos em que eu duvido de tudo: nesse momento a ordem pode até romper/ceder (...) E certamente a inspiração joga: sem ela, a assiduidade não serviria para nada. O projeto de expressar certas coisas, de uma certa maneira, nasce, renasce, se enriquece, se transforma caprichosamente. Os ecos em mim; um incidente, de uma imagem, de uma palavra. Acomodando-se/adaptando-se a meu plano, eu levo em conta meus humores/meus impulsos : se eu desejo de repente contar uma cena, discutir um tema, eu faço, sem me sujeitar à ordem estabelecida. Uma vez construída a estrutura do livro, é de bom grado confiar ao acaso: eu sonho, divago, e não apenas na frente do meu papel, mas durante todo o dia, mesmo durante a noite. É sempre antes que eu adormeça ou durante uma insônia que uma frase me atravessa, e que levanto para anotá-la (...) Quando, finalmente, depois de seis meses, um ano ou mesmo dois, eu envio o resultado para Sartre, eu não estou feliz ainda, mas eu sinto falta de ar: eu preciso de sua severidade/rigidez/seriedade e seus encorajamentos/estímulos para retomar meu impulso. (tradução nossa)

No decorrer da leitura da obra, percebemos a presença de temas universais e inquietantes no que diz respeito à relação que nós assumimos com os outros e com nós mesmos, através dos sentimentos de ciúmes e de liberdade – sentimentos estes considerados por nós, como os principais dentro da narrativa ficcional. A biografia de Simone e a trama do romance *L'invitée* (1943) se assemelham de tal maneira que, para alguns, é inevitável a comparação entre a vida da autora e o romance por nós selecionado. De acordo com Deguy & Beauvoir (2008, p. 30):

Librement inspiré du trio Sartre-Olga-Castor, ce roman porte un regard nouveau sur un sentiment qui ne l'est pas: la jalousie. À la différence d'une Colette qui a su dans *La Seconde* détailler les ravages d'une jalousie « traditionnelle », purement amoureuse et sexuelle, il donne à la jalousie une dimension métaphysique.

Livremente inspirado no trio Sartre-Olga-Castor, este romance tem um novo olhar sobre um sentimento que não o é: o ciúme. Ao contrário de uma Colette que soube em "*La Seconde*" detalhar a devastação de um ciúme "tradicional",

puramente amoroso e sexual, o romance dá ao ciúme uma dimensão metafísica.  
(Tradução nossa)

Em uma linguagem direta e sem fazer uso de muitas descrições, Simone de Beauvoir tece a trama do romance por meio da presença dominante de diálogos e de questionamentos sobre a existência humana.

Em relação ao *corpus* teórico, os livros filosóficos *Le deuxième sexe I: les faits et le mythes* (1949) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) foram publicados, respectivamente, nos meses de junho e dezembro e são considerados o principal legado de Simone. Considerada por muitos como a obra fundadora do feminismo moderno, *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) obtiveram alcance mundial sendo traduzido para o português espanhol em 1962, para o alemão em 1951, para o inglês em 1953 e para o italiano em 1961. É possível encontrar também traduções para o japonês e o russo. Os ensaios filosóficos de Simone provocaram reações diversas, sendo, ao mesmo tempo, possível encontrar considerações simpáticas e favoráveis às ideias da autora, como atitudes adversas perante às obras em grupos feministas da Inglaterra, Estados Unidos e França. Segundo Moil (*apud* DEGUY & BEAUVOIR, 2008, p. 107)<sup>3</sup>:

Paradoxalement, il semblerait que depuis les années 60 ce soit surtout les intellectuelles féministes – celles qui écrivent, enseignent et publient sur les questions féminines – qui formulent les critiques les plus sévères à l'égard de Beauvoir. Le fait même qu'elles soient devenues des intellectuelles, prouve qu'elles sont ses héritières directes: mais il ne faut pas s'étonner que beaucoup d'entre elles ressentent la nécessité de couper le cordon qui les relie à une image de mère aussi forte. En dénonçant la haine du corps féminin qu'exprimait leur devancière, haine qui va pair avec une glorification de la masculinité, une absence de sympathie et de compréhension vis-à-vis des préoccupations féminines classiques – mariage et maternité – de telles féministes lui reprochent ne pas être suffisamment positive dans sa représentation des femmes. Mary Evans, sociologue britannique l'accuse, par exemple, de « refléter des standards et des jugements masculins dans son estimation de ce qui constitue les vertus.»

Paradoxalmente, poderíamos dizer que desde os anos 60 seja frequente sobretudo entre as intelectuais feministas - aquelas que escrevem, ensinam e publicam sobre as questões femininas – que se formulam as mais severas críticas ao ponto de vista de Beauvoir. O próprio fato delas se tornarem intelectuais provam que elas são suas herdeiras diretas, mas não é surpreendente que muitas dentre elas sintam a necessidade de cortar o cordão que as conecta a uma imagem tão forte de mãe. Denunciando o ódio do corpo feminino que exprimia sua antecessora, esse ódio que vai caminhar junto com uma glorificação da

---

<sup>3</sup> DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bon de. *Simone de Beauvoir: écrire la liberté*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

masculinidade, uma ausência de simpatia e compreensão *face* às questões femininas tradicionais - o casamento e a maternidade - tais feministas criticaram não ser suficientemente positiva a representação das mulheres por Beauvoir. Mary Evans, socióloga britânica, a acusa, por exemplo, de "refletir as normas e preceitos do sexo masculino em sua estimativa do que constitui a virtude." (tradução nossa)

Para nós, tanto a crítica quanto às apreciações às obras de Simone são vistas como um aspecto importante para a discussão sobre a condição feminina na sociedade, visto que, até o momento de publicação dos ensaios filosóficos, a questão da desvalorização da mulher na sociedade patriarcal não se apresentava tão frequentemente em debates. Devido à relevância da discussão promovida pela autora francesa em relação à classe feminina, em maio de 1968, as obras *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) assumiram o caráter essencialmente político. Para Cordellier (2002, p. 218):

Y-a-t-il une tradition Beauvoirienne qui s'incarnerait dans son antidifférencialisme? C'est bien possible. Selon moi, *Le Deuxième sexe* est d'une importance fondamentale pour les jeunes féministes et d'une actualité brûlante, parce qu'il incarne la position féministe anti-essentialiste dans le monde entier et parce que celle-ci a besoin aujourd'hui plus que jamais être réaffirmée.

Há uma tradição *Beauvoiriana* que se incorpora em seu antidiferencialismo? É possível. Para mim, *O Segundo Sexo* é de fundamental importância para as jovens feministas e de grande atualidade porque ele encarna a posição feminista anti-essencialista no mundo, e porque ele tem a necessidade de hoje mais o que nunca de ser reafirmada. (tradução nossa)

Na obra, observamos um percurso histórico que abrange desde a concepção biológica do que é ser fêmea até a representação da mulher na sociedade em meados do século XX, passando pelas Amazonas, as casadas, as lésbicas, as prostitutas e as amorosas contemporâneas.

A seguir, faremos uma breve apresentação dos *corpora* através das temáticas referentes à ficção, a teoria e o existencialismo de Simone de Beauvoir.

## 1.1 A ficção de Beauvoir

Ao longo de sua trajetória na literatura, Simone de Beauvoir publicou seis romances, sendo eles: *L'invitée* (1943), *Le sang des autres* (1945), *Tous les hommes sont mortels* (1946), *Les mandarins* (1954), *Les belles images* (1966) e *Quand prime le spirituel* (1979). Para a nossa pesquisa, optamos pela análise da primeira obra tendo em vista o que expusemos na introdução e nas considerações iniciais. Com o propósito de abarcarmos a ficção da escritora francesa, gostaríamos de fazer a seguir uma breve apresentação do nosso *corpus* ficcional.

O romance *L'invitée* (1943) retrata o cotidiano de um triângulo amoroso formado pelas personagens Françoise, Xavière e Pierre que se passa na cidade de Paris no contexto histórico que antecede a invasão dos alemães durante Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Françoise é uma escritora famosa e junto de Pierre, um prestigiado ator, mantém um relacionamento de cumplicidade e, principalmente, de liberdade. Toda a trama se desenvolve em bares, cafés e teatros da capital francesa e é exatamente em um bar que Françoise, convencida por Pierre, convida Xavière, uma jovem moça que mora na cidade de Rouen, a se instalar na cidade das luzes. Para Pierre, o ato de acolher Xavière é uma forma de contribuir para com os outros a sorte que ele e Françoise tiveram na vida: “Nous avons eu tant de chance dans notre vie , dit Pierre. Il faut bien en faire profiter les autres chaque fois que nous le pouvons.” (*L'invitée*, 1943, p. 28) (Tradução nossa: Tivemos tanta sorte em nossa vida, disse Pierre. É preciso fazer aos outros aproveitar bem cada vez que nós o pudermos). Xavière aceita o convite de Françoise para morar em Paris, bem como a ajuda financeira de Françoise e Pierre como uma forma de empréstimo, até que ela consiga arrumar um emprego. Passam-se alguns meses e Pierre se preocupa em conseguir alguma ocupação que dê sentido à vida de Xavière, é quando o ator propõe à jovem do interior que ela se dedique ao teatro. A aproximação entre Pierre e Xavière se torna algo inevitável, pois Pierre dá aulas particulares de interpretação para Xavière em seu apartamento. Por manterem uma relação de lealdade e cumplicidade, Pierre conta satisfeito a Françoise que acredita na hipótese de que Xavière esteja interessada por ele:

– Je crois qu'elle a de fort bons sentiments pour moi, dit Pierre avec un air de fatuité en partie jouée mais qui trahissait une satisfaction intime. Françoise en fut choquée;



d'ordinaire la discrète muflerie de Pierre l'amusait, mais Pierre estimait Xavière, la tendresse qui au Pôle Nord rayonnait dans tous ses sourires n'avait pas été feinte; ce ton cynique en devenait inquiétant. (*L'invitée*, 1943, p. 141)

– Acho que Xavière tem um sentimento bastante forte por mim – disse Pierre, com um ar de presunção que, embora em parte fosse fingido, revelava, no fundo, uma satisfação íntima. Tudo isso chocava Françoise. Normalmente ela se divertia com a velhacaria de certa maneira discreta de Pierre. Mas Pierre estimava Xavière: a ternura que, no *Pôle Nord*, se distinguia sob o seus sorrisos, não era fingida. Aquele tom cínico tornava-se, portanto, inquietante. (tradução nossa)

É com a chegada de Xavière que Françoise começa a perceber que ela e Pierre não eram um só como ela imaginava, uma vez que a escritora francesa via a sua existência através da figura e da presença do amado, mas, para ela, o contrário não acontecia, conforme podemos observar no trecho abaixo:

(...) mais Pierre n'était pas en faute, il n'avait pas changé. C'était elle qui pendant des années avait commis l'erreur de ne le regarder que comme une justification d'elle-même: elle s'avisait aujourd'hui qu'il vivait pour son propre compte, et la rançon de sa confiance étourdie, c'est qu'elle se trouvait soudain en présence d'un inconnu. Elle pressa le pas. La seule manière dont elle pût se rapprocher de Pierre, c'était de rejoindre Xavière et d'essayer de la voir comme il l'avait vue. Il était loin le temps où Xavière n'apparaissait à Françoise que comme un morceau de sa propre vie. (*L'invitée*, 1943, p. 166)

Pierre, porém, não tinha culpa, pois não mudara. Fora ela quem, durante anos, cometera o erro de só olhar para ele como uma justificção de si própria. Ela percebia hoje que Pierre vivia por sua própria conta, e o preço de sua confiança imprudente é que ela se achava subitamente na presença de um desconhecido. Ela apressou o passo. A única maneira de voltar a aproximar-se de Pierre era procurar Xavière e tentar vê-la como ele a via. Já passara o tempo em que Xavière aparecia a Françoise como um pedaço de sua própria vida. (tradução nossa)

Após sair sozinha pela cidade de Paris para pensar na possibilidade de largar tudo, ou seja, Xavière, Pierre e a sua própria felicidade, Françoise fica doente e Pierre decide interná-la para que ela possa receber os melhores cuidados e tratamentos para curar uma tuberculose. Pierre e Xavière visitam Françoise diariamente e lhe informam sobre os acontecimentos pessoais e profissionais de suas vidas. Ao se ver internada em um sanatório para cuidar da doença que atinge os seus pulmões, a escritora francesa vê a aparência de Xavière se transformar aos seus próprios olhos. Se antes a jovem era vista por Françoise como uma camponesa e uma figura familiar, agora ela se apresenta como uma mulher elegante e que possui desejos sexuais. Destacamos o fragmento:

Françoise la regarda avec un peu de malaise; cette austère petite vertu, ça semblait sacrilège de la penser comme une femme avec des désirs de femme; mais elle cependant, comment se pensait-elle? Quels rêves de sensualité et de coquetterie faisaient frémir son nez, sa bouche? A quelle image d'elle-même cachée aux yeux de tous souriait-elle avec un mystérieuse connivence? Xavière en cet instant sentait son corps, elle se sentait femme et Françoise eut l'impression d'être dupée par une inconnue dissimulée derrière les traits familiers. (*L'invitée*, 1943, p. 228-229)

Françoise olhou-a, com certo mal-estar. Parecia-lhe sacrilégio imaginar essa austera virtudezinha também pudesse ser uma mulher, com os desejos do seu sexo. E como Xavière veria a si mesma? Que sonhos de sensualidade e de faceirice fariam estremecer suas narinas, sua boca? A que imagem de si mesma, escondida aos olhos de todos, sorriria Xavière, com uma misteriosa conveniência? Nesse instante via-se que ela sentia seu corpo, sabia que era mulher e Françoise tinha a impressão de estar sendo enganada por uma desconhecida, dissimulada atrás daqueles traços familiares. (tradução nossa)

Enquanto Françoise ainda está internada no sanatório se recuperando de sua doença, durante uma visita como outra qualquer, Pierre conta à escritora francesa que ele e Xavière descobriram que gostam um do outro: “Il ajouta rapidement et d’un ton enjoué qui ne sonnait pas tout à fait juste: – Et nous avons convenu que ce n’était pas tellement étonnant puisque, en somme, nous nous aimions.” (*L'invitée*, 1943, p. 251) (Tradução nossa: E – acrescentou rapidamente, num tom leviano que não soava exato – chegamos à conclusão de que não era tão surpreendente, já que, em suma, nós nos amávamos). Françoise aceita a situação e o sentimento de Pierre por Xavière e tenta convencer a jovem do interior a aceitar a relação amorosa dos três. Ao propor a Xavière que eles formem um triângulo amoroso e ao assumir que a relação dos três não é algo comum, mas que será fácil para eles, Françoise muda a sua postura de desconfiança e intolerância à Xavière e reconhece amá-la:

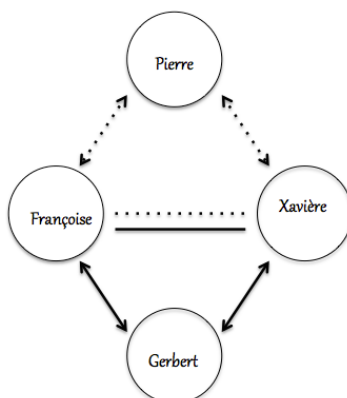
Jamais elle ne s’était doutée que Xavière fût si attentive à sa présence; comme elle l’avait méconnue! Comme elle allait l’aimer pour rattraper le temps perdu. Elle pressa sa main et la regarda en silence. Les tempes bruissantes de fièvre, la gorge sèche, elle comprenait enfin quel miracle avait fait irruption dans sa vie. Elle était en train de se dessécher lentement à l’abri des constructions patientes et des lourdes pensées de plomb, lorsque soudain, dans un éclatement de pureté et de liberté, tout ce monde trop humain était tombé en poussière; il avait suffi du regard naïf de Xavière pour détruire cette prison et maintenant, sur cette terre délivrée, mille merveilles allaient naître par la grâce de ce jeune ange exigeant. Un ange sombre avec de douces mains de femme, rouges comme des mains paysannes, avec des lèvres à l’odeur de miel, de tabac blond et de thé vert. – Précieuse Xavière, dit Françoise. (*L'invitée*, 1943, p. 264-265)

Nunca pensara que Xavière fosse tão atenta à sua presença. Como a conhecia mal! E como agora ia amá-la para recuperar o tempo perdido! Apertou sua mão e

olhou-a em silêncio. Com as fontes a latejar de febre, a garganta seca, Françoise compreendia agora que milagre irrompera na sua vida. Ela murchava devagar, à sombra de pacientes construções, de pensamentos pesados como chumbo, quando subitamente, graças a uma explosão de pureza e liberdade, todo aquele mundo demasiado humano transformara-se em pó. Agora, da terra libertada brotariam mil maravilhas, por obra e graça desse anjo jovem e exigente. Um anjo sombrio, com mãos de mulher, mãos vermelhas como as das camponesas, com lábios cheirando a mel, tabaco e chá verde. – Querida Xavière, disse Françoise. (tradução nossa)

Na segunda parte do romance, Françoise, Xavière e Pierre se mostram felizes e completos em relação aos seus sentimentos e satisfações diante do triângulo amoroso até que Xavière resolve trair Pierre com Gerbert, um jovem de vinte anos que trabalha no teatro e é amigo de Pierre e Françoise. A seguir, apresentaremos um esquema da trama narrativa com o intuito de auxiliar o nosso leitor no entendimento dos acontecimentos apresentados na obra:

Figura 1 – Esquema do romance *L'invitée* (1943)



No esquema acima, as linhas com pontilhado representam a relação formada por um triângulo amoroso no qual cada um dos personagens sabe da existência do outro dentro da relação, vivendo harmoniosamente entre si; as linhas sem pontilhado retratam a relação que não se caracteriza como um triângulo amoroso, pois Xavière não sabe do relacionamento entre Françoise e Gerbert; e as setas com/sem pontilhado se referem à presença do envolvimento sexual entre os personagens.

Ao saber do envolvimento de Xavière e Gerbert, Pierre acredita no fato de que a atitude de Xavière não passa de uma vingança, visto que ele não pensa na possibilidade dos dois jovens se gostarem, conforme podemos observar na fala de Pierre a Françoise:

“Elle n’est que coquetterie, et caprice, et trahison. Elle a couché avec Gerbert uniquement par un retour de haine, pour ôter toute valeur à notre réconciliation, pour me duper, pour se venger.” (*L’invitée*, 1943, p. 401) (Tradução nossa: Ela é somente vaidade, e capricho, e traição. Foi para cama com Gerbert unicamente por um retorno com ódio, para tirar todo o valor de nossa reconciliação, para me enganar, para se vingar). Françoise se sente triste pelo rompimento de Xavière e Pierre, pois consegue perceber a tristeza de ambos com a separação, chegando até mesmo a afirmar que antes da chegada de Xavière sua vida possuía uma felicidade monótona.

Ao afirmar que Pierre foi mesquinho e rancoroso por não querer perdoar Xavière pela traição com Gerbert, Françoise descobre que Xavière traiu Pierre porque ela o pediu que abandonasse Françoise: “C’est elle qui a fini par se montrer si exigeante qu’il a fallu l’arrêter parce qu’elle ne me demandait rien moins que de te sacrifier (...) Elle a couché avec Gerbert pour me punir de ne pas te fouler aux pieds.” (*L’invitée*, 1943, p. 433) (Tradução nossa: Foi ela que acabou por ficar tão exigente que foi necessário contê-la, porque ela me pedia nada menos que te sacrificar. (...) Ela se entregou a Gerbert para me punir por eu não ter te espezinhado). Sendo assim, Françoise percebe a impossibilidade de se aliar a Xavière, pois ela não deseja mais a amizade da jovem de Rouen.

Enquanto isso, Gerbert e Françoise viajam juntos para praticar alpinismo – uma paixão de ambos – e nessa viagem, Françoise sente um forte desejo por Gerbert e lhe propõe que durmam juntos. Gerbert aceita a proposta e, ao voltarem para Paris, Françoise conta para Pierre que Gerbert e ela tiveram um caso, no entanto, Françoise resolve não contar para Xavière o que tivera com Gerbert. Devido a um chamado do exército francês, Pierre se ausenta de Paris e Françoise se vê longe de seus amigos e obrigada a conviver somente com a presença de Xavière.

Em uma visita à casa de Xavière, Françoise comenta com a jovem que ela e Pierre trocam livros e confidências por correspondências, então, ao aproveitar que Françoise está no banheiro, Xavière vasculha a bolsa da escritora francesa e encontra a chave da gaveta na qual Françoise guarda todas as suas cartas, inclusive as que ela troca com Gerbert. Xavière lê as correspondências que Françoise troca com Gerbert e descobre que os dois tiveram um relacionamento. Então, as duas discutem calorosamente sobre a traição de Françoise com Gerbert e o rompimento de Xavière com Pierre. Quando Xavière diz a Françoise: “– Je sais, dit Xavière. Vous étiez jalouse de moi parce que Pierre

m'aimait. Vous l'avez dégoûté de moi et pour mieux vous venger, vous m'avez pris Gerbert. Gardez-le, il est à vous. C'est un beau trésor que je ne vous disputerai pas.” (*L'invitée*, 1943, p. 498-499) (Tradução nossa:– Eu sei. Você tinha ciúmes porque Pierre gostava de mim. Consegui afastá-lo de mim e, para melhor se vingar, roubou-me Gerbert. Mas guarde-o; é seu. É um lindo tesouro que não disputarei com você).

Depois de discutir com Xavière, Françoise decide que não quer ser a mulher ciumenta, traidora e criminosa que Xavière lhe retratou e decide ir até à casa da jovem para tentar convencê-la de lhe perdoar e ficar em Paris, no entanto, a jovem de Rouen não aceita as desculpas da famosa escritora. Françoise, então, resolve lutar pela sua existência, ao decidir matar Xavière deixando o gás da cozinha aberto.

Ao final do romance, Françoise acredita que o seu ato pertence somente a ela, não culpando, portanto, Pierre, Gerbert ou a própria Xavière, como observamos no trecho a seguir:

Personne ne pourrait la condamner ni l'absoudre. Son acte n'appartenait qu'à elle. « C'est moi qui le veux. » C'était sa volonté qui était en train de s'accomplir, plus rien ne la séparait d'elle-même. Elle avait enfin choisi. Elle s'était choisie. (*L'invitée*, 1943, p. 503)

Ninguém poderia condená-la ou absolvê-la. Seu ato pertencia apenas a ela. “Fui eu quem quis.” Era a sua vontade que, nesse momento, estava se realizando, nada mais a separava de si mesma. Finalmente escolheu. Escolheu a si mesma. (tradução nossa)

Tal obra ficcional pode ser classificada como filosófica à medida que encontramos questionamentos referentes à existência humana e aos valores éticos, morais e sociais, como é o caso da última cena do romance retratada acima na qual encontramos a descrição de um assassinato como uma legítima defesa moral, uma vez que, para a personagem Françoise, a existência de Xavière está diretamente atrelada às ideias de que a primeira seria caracterizada como vingativa, invejosa e possessiva. De acordo com Deguy & Beauvoir (2008, p. 30): “En gardant le suspense d'un bon policier, Beauvoir détourne le roman psychologique vers la philosophie, mais une philosophie vécue, non explicitée. Première incarnation chez elle du problème de l'existence d'autrui, qui l'habitera jusqu'à la fin.” (Tradução nossa: Mantendo o suspense de um bom policial, Beauvoir desvia o romance psicológico em direção à filosofia, mas uma filosofia vivida,

não explicitada. Primeira encarnação em sua obra do problema da existência do outro, que a perpassará até o fim). Sob a perspectiva da corrente filosófica do existencialismo, Beauvoir delinea, principalmente na personagem de Françoise, a inquietude da relação do eu com o outro – seja esse outro representado por um ser físico ou pelo Outro<sup>4</sup> que existe dentro de cada um de nós – e a presença da nossa responsabilidade pelos nossos atos e escolhas, não cabendo, portanto, à essência a culpabilidade ou o mérito pelo que somos e vivemos.

## 1.2 A filosofia de Beauvoir

Considerado por muitos como a principal obra de Simone de Beauvoir, os ensaios filosóficos *Le deuxième sexe I: les faits et le mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) foram alvo de escândalos e críticas sociais em meados do século XX. Segundo Deguy & Beauvoir (2008, p. 43-44):

Vingt mille exemplaires du premier tome sont vendus en une semaine, mais c'est un succès de scandale, qui vaut à l'auteur lettres ignobles et insultes publiques. François Mauriac se déchaîne; même Camus lui reproche d'avoir ridiculisé le mâle français! Des libraires refusent de le vendre, le Vatican le mettra à l'Index. Le parti communiste, hostile aux existentialistes, décrète que «ça» n'intéresse pas les ouvrières.

Vinte mil cópias do primeiro volume são vendidos em uma semana, mas é um sucesso devido ao escândalo, que vale à autora cartas ignóbeis e insultos públicos. François Mauriac se enfurece; mesmo Camus a reprova por haver ridicularizado o macho francês! Livrarias recusam-se a vendê-lo, o Vaticano o põe no Index. O Partido Comunista, hostil aos existencialistas, decretou que "isso" não interessa às operárias. (tradução nossa)

Ao convocar as mulheres a questionarem a condição feminina na sociedade da época, Simone revela ao seu público-alvo que a intenção de suas obras filosóficas não é criar verdades que sejam eternas e incontestáveis, e sim de descrever o percurso da existência feminina dentro de valores e comportamentos culturais que supervalorizam o homem,

---

<sup>4</sup> Sobre o conceito de Outro de Lacan (1964), de acordo com Bleichmar & Bleichmar (1992, p. 45): “O Outro é a lei, as normas e, em última instância, a estrutura da linguagem. O sujeito, enquanto o é não existe mais do que no e pelo discurso do Outro. Somos alienados pela linguagem, pois somos efeito dela. Recordemos que o sujeito também está alienado no imaginário, segundo o descrevemos para o estágio do espelho. Dupla alienação: no desejo do outro (o semelhante) e no discurso do Outro (a lei, a linguagem). Cada um de nós crê ser o que, na realidade, não é (nível imaginário), ao mesmo tempo que não é mais do que um significante, produto da estrutura que o transcende (nível simbólico).”

cabendo, portanto, à mulher, o lugar do outro, ou melhor, do secundário, do segundo sexo.

Na epígrafe da obra *Le deuxième sexe I: les faits et le mythes* ([1949]1976), notamos a presença de citações dos filósofos Pitágoras e Poulain de la Barre sendo por meio desses pensamentos destacados que Simone revela ao seu leitor que o ensaio filosófico será regido pela refutação dos imaginários sociodiscursivos cristalizados sobre a feminilidade. A seguir, destacamos as citações apresentadas na epígrafe da obra:

Il y a un principe bon qui a créé l'ordre, la lumière et l'homme et un principe mauvais qui a créé le chaos, les ténèbres et la femme. (Pythagore)

Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem; e um princípio mal que criou o caos, as trevas e a mulher. (tradução nossa)

Tout ce qui a été écrit par les hommes sur les femmes doit être suspect, car ils sont à la fois juge et partie. (Poulain de la Barre)

Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte. (tradução nossa)

Estabelecendo um paralelo entre as citações apresentadas e as ideias desenvolvidas pela autora no decorrer de sua obra, julgamos conveniente ressaltar que, para Simone, o que se falou até o momento (de publicação do livro) sobre o feminismo, foram parvoíces. De acordo com Beauvoir (1949, p.13):

J'ai longtemps hésité à écrire un livre sur la femme. Le sujet est irritant, surtout pour les femmes; et il n'est pas neuf. La querelle du féminisme a fait couler assez d'encre, à présent elle est à peu près close: n'en parlons plus. On en parle encore cependant. Et il ne semble pas que les volumineuses sottises débitées pendant ce dernier siècle aient beaucoup éclairé le problème.

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices propagadas neste último século tenham realmente esclarecido a questão. (tradução nossa)

Com o propósito de comprovar essa afirmação, a autora existencialista, no decorrer de sua obra, refuta a inferioridade da mulher em relação ao homem ao perpassar pelos caminhos da biologia, da psicanálise, do materialismo, da história e dos mitos.

Nas primeiras páginas desse volume, Beauvoir demonstra ao leitor um certo sentimento de inquietação no que diz respeito à aceitação da submissão feminina na mulher. Além disso, a autora afirma também que a condição natural da mulher não é imutável e que o fato da tradição educacional ter prestigiado o homem desencadeou como consequência a não recusa da mulher de ser o outro, posto que o homem é o responsável por protegê-la financeiramente e materialmente. Para Simone, a dominação do cenário educativo e econômico é um dos elementos que propiciaram aos homens o sentimento de serem os reis da criação, cabendo, portanto, na relação com o sexo oposto, o papel de opressor. Segundo Beauvoir (1949, p. 28):

Un des bénéfiques que l'oppression assure aux oppresseurs c'est que le plus humble d'entre eux se sent supérieur: un «pauvre Blanc» du sud des U.S.A. a la consolation de se dire qu'il n'est pas un «sale nègre»; et les Blancs plus fortunés exploitent habilement cet orgueil. De même le plus médiocre des mâles se croit en face des femmes un demi-dieu.

Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é que o mais humilde deles se sentem superior: um “pobre branco” do sul dos E.U.A. tem o consolo de se dizer que não é “um negro imundo” e os brancos mais afortunados exploram habilmente esse orgulho. Mesmo o mais medíocre dos homens, diante das mulheres, julga-se um semideus. (tradução nossa)

Com o objetivo de demonstrar a questão da feminilidade sob as mais diversas perspectivas, Simone divide o livro em duas partes. A primeira parte se intitula *Destin* (Destino) e apresenta como subdivisões os capítulos: *Les données de la biologie* (Os dados da biologia); *Le point de vue psychanalytique* (O ponto de vista psicanalítico) e *Le point de vue du matérialisme* (O ponto de vista do materialismo). A segunda parte nomeia *Histoire* (História) e a terceira parte se identifica como *Mythes* (Mitos).

No primeiro volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), Simone de Beauvoir aborda a questão do feminino e da feminilidade por meio de fatos e mitos presentes na sociedade ocidental no que diz respeito aos âmbitos da biologia, da história, da psicanálise e da literatura. A opção da autora por realizar um recorte de diferentes áreas do conhecimento permite que o leitor tenha um contato maior com variadas correntes de pensamento sobre o que se entende sobre a figura feminina na contemporaneidade de seus estudos.

Calcada em teóricos e teorias, Beauvoir procura, primeiramente, demonstrar como a abordagem do feminino e da feminilidade é construída em cada âmbito de estudo



para, posteriormente, apresentar as suas críticas e reflexões e, conseqüentemente, exibir a teoria que defende. Mesclando, então, os teóricos rejeitados e também os contemplados pela autora, Beauvoir nos expõe o pensamento existencialista voltado para uma abordagem social relativa ao gênero feminino. É entre essa mescla de autores, filosofias, áreas e conhecimentos que o leitor se depara com uma nova concepção do que se entende por mulher em uma sociedade contemporânea do século XX. No entanto, gostaríamos de salientar que a teoria da autora não se restringe apenas ao momento histórico no qual ela escreve e publica tal obra, posto que, até os dias atuais, Simone é entendida como uma referência de base para os estudos sobre o feminino e o feminismo.

Já nas primeiras linhas dessa obra, Beauvoir (1949) nos atenta para uma concepção distinta das anteriores no que concerne ao feminino, uma vez que a autora não nos apresenta uma concepção baseada em dados biológicos, conforme podemos observar no trecho:

Tout être humain femelle n'est donc pas nécessairement une femme; il lui faut participer de cette réalité mystérieuse et menacée qu'est la féminité. Celle-ci est-elle sécrétée par les ovaires? Ou figée au fond d'un ciel platonicien? Suffit-il d'un jupon à frou-frou pour la faire descendre sur terre? Bien que certaines femmes s'efforcent avec zèle de l'incarner, le modèle n'en a jamais été déposé. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 14)

Todo ser humano fêmea não é, portanto, necessariamente mulher; é lhe necessário participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia com frufus para fazê-la descer à terra? Embora certas mulheres se esforcem com zelo para encarná-lo, o modelo nunca foi registrado. (tradução nossa)

Destacamos, portanto, que a noção de gênero através de categorias relativas ao seu caráter biologicizante serão, imediatamente, descartadas por Simone. A divisão dos seres humanos a partir dos elementos físicos não servem como justificativa para a compreensão do que se entende socialmente por homem e mulher. Em outras palavras, não é o fato de um indivíduo nascer mulher que este, automaticamente, receberá certas características próprias e inerentes ao seu sexo. Assim, Simone afirma que o biológico não deve ser compreendido como algo definidor da condição feminina na sociedade:

Il semble, au contraire, qu'une condition naturelle défie le changement. En vérité pas plus que la réalité historique la nature n'est un donné immuable. Si la femme

se découvre comme l'inessentiel qui jamais ne retourne à l'essentiel, c; est qu'elle n'opère pas elle-même ce retour. Les prolétaires disent « nous ». Les noirs aussi. Se posant comme sujets ils changent en « autres » les bourgeois, les Blancs. Les femmes – sauf en certains congrès qui restent des manifestations abstraites – ne disent pas « nous »; les hommes disent « les femmes » et elles reprennent ces mots pour se désigner elles-mêmes; mais elles ne se posent pas authentiquement comme Sujet. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 21)

Parece, ao contrário, que uma condição natural desafia qualquer mudança. Em verdade, a natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem “nós. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em “outros” os burgueses, os brancos. As mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem “nós”. Os homens dizem “as mulheres” e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito. (tradução nossa)

Nessa linha de pensamento, classificar a mulher como fêmea é algo pejorativo, uma vez que a limita ao seu sexo. Porém, é importante sublinhar que Simone não desvaloriza a relação que o corpo tem enquanto instância de domínio de mundo, o que ela pretende mostrar com tal afirmação é que o biológico não deve restringir o ser humano a um destino que já estaria escrito pela sexualidade. Posto isto, Simone vai contra o pensamento, presente no senso comum, no qual é comum escutarmos: “Sou mulher e por esse motivo não consigo desempenhar certas atividades tão bem quanto o homem”.

Para a autora, esse discurso não é verdadeiro, pois se nós, mulheres, não conseguimos carregar um pacote com um peso maior que o homem, por exemplo, é porque fomos criadas socialmente para carregarmos menos peso, além de estarmos inseridas em uma sociedade onde a noção de fraqueza é perpassada por referências econômicas e morais. Como consequência desse costume social, teremos menos habilidades para desempenhar essa atividade. Homens e mulheres são, portanto, seres construídos sociodiscursivamente:

C'est seulement dans une perspective humaine qu'on peut comparer dans l'espèce humaine la femelle et le mâle. Mais la définition de l'homme, c'est qu'il est un être qui n'est pas donné, qui se fait être ce qu'il est. Comme l'a dit très justement Merleau-Ponty, l'homme n'est pas une espèce naturelle: c'est une idée historique. La femme n'est pas une réalité figée, mais un devenir; c'est dans son devenir qu'il faudrait la confronter à l'homme, c'est-à-dire qu'il faudrait définir ses possibilités. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 75)

É somente dentro de uma perspectiva humana que se pode comparar o macho e a fêmea dentro da espécie humana. Mas a definição do homem é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é

uma realidade imóvel, e sim um vir-a-ser; é no seu vir-a-ser que se deveria confrontá-la com o homem, isto é, que se deveria definir suas *possibilidades*. (tradução nossa)

Os contextos sociais e culturais são os principais elementos definidores da construção da concepção de feminino, dessa forma, a biologia desempenharia o papel de auxiliar o entendimento dessa concepção, porém, ela não pode ser considerada como um caráter definidor. Para Simone, o que tem importância é compreender como a natureza biológica da mulher foi vista e entendida ao longo da história de acordo com as ideologias e valores dominantes. Ressaltamos o excerto:

Ainsi c'est à la lumière d'un contexte ontologique, économique, social et psychologique que nous aurons à éclairer les données de la biologie. L'asservissement de la femme à l'espèce, les limites de ses capacités individuelles sont des faits d'une extrême importance; le corps de la femme est un des éléments essentiels de la situation qu'elle occupe en ce monde. Mais ce n'est pas non plus lui qui suffit à la définir; il n'a de réalité vécue qu'en tant qu'assumé par la conscience à travers des actions et au sein d'une société; la biologie ne suffit pas à fournir une réponse à la question qui nous préoccupe: pourquoi la femme est-elle l'Autre? Il s'agit de savoir comment en elle la nature a été reprise au cours de l'histoire; il s'agit de savoir ce que l'humanité a fait de la femelle humaine. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 78-79)

É, portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta: por que a mulher é o *Outro*? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (tradução nossa)

A valorização do falo, por exemplo, se deve às significações e sentidos que lhe foram atribuídos dentro de um determinado contexto histórico e social. Sendo a consciência do que é ser mulher, entendida no seio da sociedade da qual esta mulher faz parte, Beauvoir nos esboça a ideia de que não somos seres caracterizados como essencialmente bons ou ruins, homens e mulheres, uma vez que, para a autora e segundo a corrente filosófica do existencialismo, a existência precede a essência e não o contrário.

Dentro dessa abordagem sobre o gênero feminino, consideramos relevante destacar que a noção de eterno feminino e instinto materno será rejeitada por Simone. A consciência feminina de sua constituição e existência no mundo é perpassada por

elementos sociais que variam de acordo com a cultura, o momento histórico, a idade, a condição financeira etc. Para Simone:

Ainsi la femme ne saurait être considérée simplement comme un organisme sexué: parmi les données biologiques, seules ont une importance celles qui prennent dans l'action une valeur concrète; la conscience que la femme prend d'elle-même n'est pas définie par sa sexualité: elle reflète une situation qui dépend de la structure économique de la société, structure qui traduit le degré de l'évolution technique auquel est parvenue l'humanité. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 98)

Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos só tem importância os que assumem, na ação, um valor concreto; a consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura da evolução técnica a que chegou a humanidade. (tradução nossa)

O fato de Simone não excluir as contribuições das áreas da biologia, do materialismo e da psicanálise para abarcar a questão da corpo, da corporalidade e da sexualidade, serve para nos retratar que ela demonstra certo respeito em relação às outras abordagens do conhecimento sem, necessariamente, ser conveniente a elas. Para a autora, a compreensão destes domínios de conhecimento possibilitam algumas contribuições para o entendimento do que se entende socialmente por feminino, no entanto, o alicerce desta análise deve se basear em uma infraestrutura existencial, ou seja, em um mundo que se define por valores, dogmas e convenções.

A relação da mulher com o mercado de trabalho é abordada durante a obra como algo que pode resgatar a liberdade feminina, uma vez que o trabalho propiciaria uma autonomia tanto financeira quanto social à mulher. Para Beauvoir (1949, p. 188):

On pourrait s'attendre que la Révolution eût changé le sort de la femme. Il n'en fut rien. Cette révolution bourgeoise fut respectueuse des institutions et des valeurs bourgeoises; et elle fut faite à peu près exclusivement par les hommes. Il est important de souligner que pendant tout l'Ancien Régime ce furent les femmes des classes travailleuses qui connurent en tant que sexe le plus d'indépendance. La femme avait le droit de tenir un commerce et elle possédait toutes les capacités nécessaires à un exercice autonome de son métier. Elle prenait part à la production à titre de lingère, blanchisseuse, brunisseuse, revendeuse etc.; elle travaillant soit à domicile soit dans de petites entreprises; son indépendance matérielle lui permettait une grande liberté de mœurs: la femme du peuple peut sortir, fréquenter les tavernes, disposer de son corps à peu près comme une homme; elle est l'associée de son mari et de son égale. C'est sur le plan économique et non sur le plan sexuel qu'elle subit l'oppression.

Poder-se-ia imaginar que a Revolução transformasse o destino feminino. Não foi o que aconteceu. A revolução burguesa mostrou-se respeitosa das instituições e dos valores burgueses; foi feita quase exclusivamente pelos homens. É importante sublinhar que durante todo o Antigo Regime foram as mulheres das classes trabalhadoras que conheceram maior independência como sexo. A mulher tinha o direito de possuir uma casa de comércio e todas as capacidades necessárias a um exercício autônomo de seu ofício. Participava da produção como fabricante de roupa branca, lavadeira, brunidora, revendedora, etc; trabalhava em domicílio ou em pequenos negócios; sua independência material permitia-lhe grande liberdade de costumes: a mulher do povo pode sair, frequentar tavernas, dispor do corpo quase como um homem; é associada ao marido e seu igual. É no plano econômico e não no plano sexual que a mulher sofre opressão. (tradução nossa)

Nessa abordagem, a autora acredita que a desigualdade dentro do mercado de trabalho pode ser justificada, uma vez que, ligada ao pai e ao marido, a mulher contenta-se em receber um salário mais baixo que o do homem, pois compreende que a sua renda funciona como uma espécie de auxílio para o núcleo familiar. Para a mulher e para a sociedade, o trabalho feminino é visto como uma espécie de renda complementar. Definida pelos homens e não por ela mesma, a mulher não encontra a sua autonomia e sua existência no mundo, desse modo, o trabalho funciona, muitas vezes, como uma forma de “distração” enquanto o casamento não se realiza.

Uma das formas apresentadas pela autora para a contribuição de uma existência e constituição que seja própria da mulher e não, simplesmente, uma criação elaborada por homens, mas sim por elas mesmas, é a eliminação da feminilidade enquanto um mito:

On déclare non que la Féminité est une entité, mas que les femmes ne sont pas féminines. Les démentis de l'expérience ne peuvent rien contre le mythe. Cependant, d'une certaine manière, il prend sa source en elle. Ainsi, il est exact que la femme est autre que l'homme, et cette altérité est concrètement éprouvée dans le désir, l'étreinte, l'amour; mais la relation réelle est de réciprocité; comme telle, elle engendre des drames authentiques; à travers, l'érotisme, l'amour, l'amitié et leurs alternatives de déception, de haine, de rivalité, elle est lute des consciences qui se veulent chacune essentielle, elle est passage indéfini de l'inimitié à la complicité. Poser la Femme, c'est poser l'Autre absolu, sans réciprocité, refusant contre l'expérience qu'elle soit un sujet, un semblable. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 395-396)

Declara-se que as mulheres não são femininas e não que a Feminilidade é uma entidade. Os desmentidos da experiência nada podem contra o mito. Entretanto, de certa maneira, este tem sua fonte nela. Assim é exato que a mulher é outra e essa alteridade é concretamente sentida no desejo, no amplexo, no amor; mas a relação real é de reciprocidade; como tal, ela engendra dramas autênticos: através do erotismo, do amor, da amizade e suas alternativas de decepção, ódio, rivalidade, ela é luta de consciência que se consideram essenciais, é reconhecimento de liberdades que se confirmam mutuamente, é a passagem

indefinida da inimizade à cumplicidade. Por a Mulher é por o Outro absoluto, sem reciprocidade, recusando contra a experiência que ela seja um sujeito, um semelhante. (tradução nossa)

A mulher deve ser vista como um ser humano, assim como o homem, sendo necessário derrubar as noções de que é exclusividade da mulher a sua ligação com a natureza e a sua definição enquanto objeto carnal, já que homem e mulher são iguais e se encontram arraigados à natureza humana:

Reconnaître dans la femme un être humain, ce n'est pas appauvrir l; expérience de l'homme: celle-ci ne perdrait rien de sa diversité, de sa richesse, de son intensité si elle s'assumait dans son intersubjectivité; refuser les mythes, ce n'est pas détruire toute relation dramatique entre les sexes, ce n'est pas nier les significations que si révèlent authentiquement à l'homme , à travers la réalité féminine: ce n'est pas supprimer la poésie, l'amour, l'aventure, le bonheur, le rêve: c'est seulement demander que conduites, sentiments, passions soient fondés dans la vérité. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 405-406)

Reconhecer um ser humano na mulher não é empobrecer a experiência do homem: esta nada perderia de sua diversidade, de sua riqueza, de sua intensidade, se se assumisse em sua intersubjetividade; recusar os mitos não é destruir toda relação dramática entre os sexos, não é negar as significações que se revelam autenticamente ao homem através da realidade feminina; não é suprimir a poesia, o amor, a aventura, a felicidade, o sonho: é somente pedir que as condutas, os sentimentos, as paixões assentem na verdade. (tradução nossa)

A libertação feminina virá quando a própria mulher se libertar dos mitos, das ideologias e da figura masculina que lhe aprisiona para reivindicar um lugar que é seu, para lutar pela sua autonomia de escolher qual destino lhe é mais conveniente, para ser capaz de buscar os seus desejos profissionais, emocionais e sexuais, para se sentir livre para poder se constituir enquanto ser humano autônomo e dona de seu destino, para encarar a vida social e o mundo exterior não se limitando apenas ao ambiente doméstico e à vida matrimonial.

Ao contrário do que muitos pensam, a subordinação feminina não se dá, exclusivamente, ao tratamento que o homem dá à mulher, ela se manifesta também nas atitudes conformistas das mulheres diante da sua condição na sociedade. De acordo com Beauvoir (1949, p. 19-20):

Comment donc se fait-il qu'entre les sexes cette réciprocité n'ait pas été posée, que l'un des termes se doit affirmé comme le seul essentiel, niant toute relativité par rapport à son corrélatif, définissant celui-ci comme l'altérité pure? Pourquoi les femmes ne contestent-elles pas la souveraineté mâle? Aucun sujet ne se pose

d'emblée et spontanément comme l'inessentiel; ce n'est pas l'Autre qui se définissant comme Autre définit l'Un: il est posé comme Autre par l'Un se posant comme Un. Mais pour que le retournement de l'Autre à l'Un ne s'opère pas, il faut qu'il se soumette à ce point de vue étranger. D' où vient en la femme cette soumission?

Como se entende, então, que entre os sexos essa reciprocidade não tenha sido colocada, que um dos termos se tenha imposto como único essencial, negando toda relatividade em relação a seu correlativo, definindo este como a alteridade pura? Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão da mulher? (tradução nossa)

Ao colocar a figura feminina em uma posição de inferioridade, Simone nos alerta para o fato de que a mulher não é considerada como um ser autônomo, visto que ela é diferenciada e valorizada de acordo com os padrões masculinos sendo caracterizada, pela autora, como um ser inessencial<sup>5</sup>, o Outro.

Para nós, analistas do discurso, a concepção de feminino como o Outro nos remete aos estudos de Mikail Bakhtin e o seu Círculo sobre a noção de alteridade. Esta noção é entendida, nesse trabalho, como uma tentativa de definição de um ser tendo como base o critério da diferença. O conceito de alteridade permite, portanto, que eu me defina em relação ao outro, ou seja, se sou o que sou é porque não sou como o outro é. Dialogando os trabalhos filosóficos da linguagem com a concepção de feminino elaborada por Beauvoir, podemos considerar que a mulher é vista como o outro, pois ela se insere e se define discursivamente e socialmente por meio da oposição com o sexo masculino. Em outras palavras, o homem foi escolhido socialmente e discursivamente como um indivíduo padrão, cabendo às mulheres a anulação de sua constituição e identidade ao assumir o papel de ser aquilo que o homem não é.

Nos escritos de Beauvoir, a libertação feminina se delineia como algo que é, tanto da responsabilidade total da sociedade e das ideologias dominantes que a atravessam, quanto da mulher que deve se posicionar e tomar entendimento de sua situação na sociedade para que possa lutar pela sua liberdade. Muitas vezes, o que impede que esse

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Simone em sua obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976) para se referir a ideia da mulher como um ser que não possui nenhuma importância nas questões sociais e históricas da sociedade contemporânea.

processo se consolide é a atitude de inércia das mulheres, uma vez que, para que a liberdade seja alcançada, é necessário que haja um esforço árduo:

Ce qui est certain, c'est qu'aujourd'hui il est très difficile aux femmes d'assumer à la fois leur condition d'individu autonome et leur destin féminin; c'est là la source de ces maladroites, de ces malaises qui les font parfois considérer comme "un sexe perdu". Et sans doute il est plus confortable de subir un aveugle esclavage que de travailler à s'affranchir: les morts aussi sont mieux adaptés à la terre que les vivants. De toute façon un retour au passé n'est pas plus possible qu'il n'est souhaitable. Ce qu'il faut espérer, c'est que leur côté les hommes assument sans réserve la situation qui est en train de se créer; alors seulement la femme pourra la vivre déchirement. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 407-408)

O que é certo é que hoje é muito difícil às mulheres assumirem concomitantemente sua condição de indivíduo autônomo e seu destino feminino; aí está a fonte dessas inépcias, dessas incompreensões que as levam, por vezes, a se considerar como um "sexo perdido". E, sem dúvida, é mais confortável suportar uma escravidão cega que trabalhar para se libertar: os mortos também estão mais bem adaptados à terra do que os vivos. Como quer que seja, uma volta no passado não é mais possível nem desejável. O que se deve esperar é que, por seu lado, os homens assumam sem reserva a situação que se vem criando; somente então a mulher poderá viver sem tragédia. (tradução nossa)

Observamos, desse modo, que a autora se utiliza dos pensamentos da corrente existencialista para cunhar uma concepção de feminino que se pauta na escolha livre de cada mulher para decidir o seu futuro e suas situações dentro da sociedade. A responsabilidade dessa escolha, seja a recusa de se posicionar enquanto ser autônomo, seja a opção por se inserir em um universo ideológico que se baseia na igualdade entre os homens e mulheres, é atribuída ao sujeito social feminino.

Tendo em vista o que foi exposto sobre a concepção de feminino apresentada no primeiro volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), consideramos relevante ressaltar que os dados biológicos e psicanalíticos, juntamente com os mitos sobre o feminino e a feminilidade, servem para aprisionar a mulher à condição de secundária se comparada ao homem. Ao entender a concepção de feminino como algo que é determinado e que está imerso nos elementos pertencentes ao contexto sócio, histórico e social, Simone faz uma espécie de convocação às mulheres para que elas se livrem de tudo aquilo que as prendem socialmente buscando se reconhecerem enquanto seres autênticos e não como uma representação fabricada pelos homens. Sob esta perspectiva, em sua obra teórica, Beauvoir incentiva as mulheres a refletirem e a se posicionarem criticamente diante dos



costumes, das tradições e dos valores que as prendem ao seu sexo e as limitam a se tornarem seres capazes de fazer as suas próprias escolhas.

No que diz respeito ao segundo volume do ensaio teórico de Beauvoir, a filósofa existencialista faz a afirmação que ficará durante muitos anos como a frase que melhor representa as suas ideologias e convicções: “On ne naît pas femme: on le devient.” (Beauvoir 1949, p.13) (Tradução nossa: Não se nasce mulher, torna-se mulher). Neste volume, há uma divisão em quatro partes: *Formation* (Formação), *Situation* (Situação), *Justification* (Justificação) e *Vers la libération* (Em direção à liberação), nas quais Simone traça um deslocamento que vai desde a infância feminina até a velhice, sem deixar de abordar as diferentes representações que a mulher pode assumir, conforme veremos posteriormente ao tratarmos das abordagens presentes na referida obra.

Diferentemente da temática abordada no primeiro volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), o segundo volume da obra teórica de Beauvoir busca abordar um percurso mais individual e subjetivo da concepção de feminino. O que queremos dizer é que, se no primeiro volume, Simone apresentou a temática do feminino e da feminilidade em uma perspectiva mais objetiva e universal (como a mulher é entendida na biologia, na psicanálise, no materialismo e na literatura), no segundo volume, a autora retrata a formação da mulher em vários estágios biológicos de sua vida, como a menstruação e a iniciação sexual, além de abordar as diversas posições sociais que lhe são atribuídas, como é o caso da mulher casada e da mulher idosa.

Nas primeiras linhas do segundo volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), Beauvoir afirma ao seu leitor que a concepção de feminino deve ser abarcada tomando como base a presença de fatores sociais. De acordo com Beauvoir (1949, p. 13):

On ne naît pas femme: on le devient. Aucun destin biologique, psychique, économique ne définit la figure que revêt au sein de la société la femelle humaine; c'est l'ensemble de la civilisation qui élabore ce produit intermédiaire entre le mâle et le castrat qu'on qualifie de féminin. Seule la médiation d'autrui peut constituer un individu comme un Autre.

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode construir um indivíduo como um Outro. (tradução nossa)

Dando continuidade à linha de pensamento apresentada no volume anterior da mesma obra, a autora inicia a discussão sobre a abordagem do gênero excluindo a sua relação com os elementos biológicos ao pautá-lo em uma discussão mais abrangente devido à inserção do social dentro da sua leitura do feminino na sociedade ocidental.

A descoberta de que os homens se caracterizam como o padrão e o parâmetro na sociedade ocorre nas meninas de forma perturbadora, pois transforma a consciência que ela tem de si mesma:

Plus l'enfant mûrit, plus son univers s'élargit, et plus la supériorité masculine s'affirme. Très souvent, l'identification à la mère n'apparaît plus alors comme une solution satisfaisante; si la fillette accepte d'abord sa vocation féminine, ce n'est pas qu'elle entende abdiquer: c'est au contraire pour régner; elle se veut matrone parce que la société des matrones lui semble privilégiée; mais quand ses fréquentations, ses études, ses jeux, ses lectures l'arrachent au cercle maternel, elle comprend que ce ne sont pas les femmes, mais les hommes qui sont les maîtres du monde. C'est cette révélation – bien plus que la découverte du pénis – qui modifie impérieusement la conscience qu'elle prend de elle-même. (*Le deuxième sexe II*, [1949]1976, p. 37-38)

Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma. Muitas vezes, a identificação com a mãe mais se apresenta como solução satisfatória; se a menina aceita, a princípio, sua vocação feminina, não o faz porque pretenda abdicar: é, ao contrário, para reinar; ela quer ser matrona porque a sociedade das matronas parece-lhe privilegiada; mas quando suas frequentações, estudos, jogos e leituras se arrancam do círculo materno, ela compreende que não são as mulheres e sim os homens os senhores do mundo. É essa revelação – muito mais do que a descoberta do pênis – que modifica imperiosamente a consciência que ela toma de si mesma. (tradução nossa)

Para Simone, anteriormente a esta fase, a menina tem orgulho de seu corpo e de sua constituição, visto que sente feliz com o crescimento dos seios se vangloriando do crescimento das mamas junto com as amigas. Todavia, é no momento da primeira menstruação que a menina começa a se envergonhar de se tornar mulher devido às significações sociais que são atribuídas a esse processo biológico:

De même que le pénis tire du contexte social sa valeur privilégiée, de même c'est le contexte social qui fait de la menstruation une malédiction. L'un symbolise la virilité, l'autre la féminité: c'est parce que la féminité signifie altérité est infériorité que sa révélation est accueillie avec scandale. La vie de la fillette lui est toujours apparue comme déterminée par cette impalpable essence à laquelle l'absence de pénis ne réussissait pas à donner une figure positive: c'est elle qui se découvre dans le flux rouge qui s'échappe d'entre ses cuisses. Si déjà elle a assumé sa condition, c'est avec joie qu'elle accueille l'événement... « À présent tu es une dame » Si elle l'a toujours refusée, le verdict sanglant la foudroie; le plus souvent,

elle hésitait: la souillure menstruelle l'incline vers le dégoût et la peur. « Voilà donc ce que signifient ces mots: être une femme! » La fatalité qui jusqu'ici pesait sur elle confusément et du dehors, elle est tapie dans son ventre; il n'y a aucun moyen d'échapper; elle se sent traquée. Dans une société sexuellement égalitaire; elle n'envisagerait la menstruation que comme sa manière singulière d'accéder à sa vie d'adulte; le corps humain connaît chez les hommes et les femmes bien d'autres servitudes plus répugnantes: ils s'en accommodent facilement parce qu'étant communes à tous elles ne représentent pour personne une tare; les règles inspirent à l'adolescente de l'horreur parce qu'elles la précipitent dans une catégorie inférieure et mutilée. Ce sentiment de déchéance pèsera lourdement sur elle. Elle garderait l'orgueil de son corps saignant si elle ne perdait pas sa fierté d'être humain. (*Le deuxième sexe II*, [1949]1976, p. 74)

Assim como o pênis tira do contexto social seu valor privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição. Um simboliza a virilidade, a outra a feminilidade. E é o porque a feminilidade significa a alteridade e inferioridade que sua revelação é acolhida com escândalo. A vida da menina sempre lhe apareceu como determinada por essa impalpável essência a que a ausência do pênis não conseguia dar uma figura positiva: é esta que se descobre no fluxo do sangue que lhe escorre entre as coxas. Se já assumiu a condição é com alegria que ela acolhe o acontecimento... “Agora és uma mulher.” Se sempre a recusou, o veredicto sangrento a fulmina; o mais das vezes, ela hesita; a mancha menstrual inclina-a para a repugnância e o medo: “Eis então o que significam estas palavras: ser mulher!” A fatalidade que até então se pesava confusamente sobre ela, escondeu-se em seu ventre; não há mais meio de escapar; ela sente-se acuada. Em uma sociedade sexualmente igualitária, ela só encararia a menstruação como sua maneira particular de atingir a vida adulta; o corpo humano conhece nos homens e nas mulheres muitas outras servidões mais repugnantes: eles se acomodam facilmente porque, sendo comuns a todos, não representam uma tara para ninguém. As regras inspiram horror à adolescente porque a precipitam numa categoria inferior e mutilada. Esse sentimento de decadência pesará fortemente sobre ela. Conservaria o orgulho de seu corpo sangrento se não perdesse seu orgulho de ser humano. (tradução nossa)

O aniquilamento da consciência feminina surge, então, através da presença de uma educação social – nesse âmbito, englobamos, simultaneamente, a educação que é dada pelas famílias às crianças e a educação escolar – que se impõe por meio de diferenças sexuais e corporais impedindo que a mulher se coloque como um sujeito que tem consciência de sua constituição, de seu corpo e de seu lugar social.

No segundo volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), o matrimônio é considerado um êxito passivo para a mulher, pois ela não é livre para fazer as suas escolhas e permanece sob tutela de um homem – se quando solteira era submissa ao pai, no casamento se submete ao marido – sendo vista, continuamente, em posição de inferioridade e dominação.

Do mesmo modo que a sociedade é responsável, em grande parte, por anular a consciência que a mulher tem de si mesma, ao mesmo tempo, ela regula o que se

entende por ser mulher e feminina. Quando criança, não é raro ouvirmos a frase: “isso não é coisa de menina” para diferentes situações, como o uso de um vocabulário específico, o modo de se sentar, de se vestir etc. De maneira abrupta – pois a personalidade de cada indivíduo não é abolida comedidamente – e contínua – em razão da sanção, quase que diária, dos modos considerados inadequados de se vestir e de se comportar –, as mulheres são inseridas em valores e ideologias que ditam como elas devem ou não se constituir enquanto sujeito feminino que possui feminilidade. De acordo com Beauvoir (1949, p. 143):

On s'étonne souvent de voir avec quelle facilité une femme peut abandonner musique, études, métier, dès qu'elle-même dans ses projets pour trouver dans leur accomplissement un grand profit. Tout concourt à freiner son ambition personnelle, et cependant, une énorme pression sociale l'invite à trouver dans le mariage une position sociale, une justification. Il est naturel qu'elle ne cherche pas à se créer par elle-même sa place en ce monde ou qu'elle ne le cherche que timidement. Tant qu'une parfaite égalité économique ne sera pas réalisée dans la société et tant que les mœurs autoriseront la femme à profiter en tant qu'épouse et maîtresse des privilèges détenus par certains hommes, le rêve d'une réussite passive se maintiendra en elle et freinera ses propres accomplissements.

Espantamo-nos muitas vezes, ver com que facilidade uma mulher pode abandonar a música, os estudos, a profissão logo que encontra um marido; é que empenhara demasiado pouco de si mesma em seus projetos para descobrir grande proveito na realização deles. Tudo contribui para frear sua ambição pessoal, enquanto uma enorme pressão social a convida a encontrar uma posição social no casamento, uma justificação. É natural que não procure criar por si mesma seu lugar neste mundo ou que ela o faça timidamente. Enquanto não houver uma perfeita igualdade econômica na sociedade e enquanto os costumes autorizarem a mulher, como esposa ou amante, a aproveitar-se dos privilégios de certos homens, o sonho de um êxito passivo continuará e ela freará suas próprias realizações. (tradução nossa)

Ao subtrair algumas características que são próprias de sua personalidade e constituição enquanto sujeito social, a mulher se vê forçada a se enquadrar em um modelo feminino e de feminilidade que é esperado e visto como adequado socialmente. Logo, não seria errôneo afirmar que, nesses casos, observamos a existência do assujeitamento do sujeito, conforme os trabalhos de Pêcheux (1975).

Tendo em vista esse processo de enquadramento do sujeito feminino dentro de princípios e condutas, notamos a presença das dicotomias mulher para casar *versus* mulher para transar, moça de família *versus* mulher fácil. A determinação de comportamentos femininos sociais faz com que se torne frequente a percepção de que

se a mulher age de uma maneira que a sociedade não considera correta, ela é digna de punições. Como exemplificação, podemos citar os imaginários sociodiscursivos referentes às ideias de que se uma mulher não se preocupa com o marido e não cuida do bem estar do seu companheiro, ela merece ser traída por ele ou, se levarmos para casos considerados mais graves, física, judicial e psicologicamente, podemos elucidar os episódios em que é corrente a afirmação de que, se uma mulher não se veste “decentemente”, ela está pedindo para ser abusada sexualmente.

Considerado por Beauvoir como um êxito passivo, o casamento é compreendido como uma ascensão social, já que, quase sempre, as mulheres casadas são mais bem aceitas se comparadas às mulheres solteiras. Para Beauvoir (1949, p. 222):

*Ainsi pour les deux conjoints, le mariage est à la fois une charge et un bénéfice; mais il n'y a pas de symétrie dans leurs situations; pour les jeunes filles le mariage est le seul moyen, d'être intégrées à la collectivité et, si elles « restent pour compte », elles sont socialement des déchets. C'est pourquoi les mères ont toujours cherché si âprement à les caser. Au siècle dernier, dans la bourgeoisie, c'est à peine si on les consultait. On les offrait aux prétendants éventuels au cours d'« entrevues » arrangées à l'avance.*

Assim, para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficarem solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis porque as mães sempre procuraram tão encarniçadamente casá-las. Na burguesia do século passado mal as consultavam. Ofereciam-nas aos pretendentes eventuais em “entrevistas” combinadas de antemão. (tradução nossa)

O matrimônio acarreta, em grande parte das mulheres, uma atitude comodista, pois, muitas vezes, a mulher para de investir nas habilidades pessoais, nos planos de estudo e na carreira profissional que estavam em andamento na fase solteira de sua vida. Verificamos, assim, que conquistar um marido é como conquistar a libertação em empreendimentos técnicos e intelectuais, uma vez que cessam as preocupações no que diz respeito ao universo econômico e social na maioria das mulheres. O companheiro é visto por muitas delas como uma espécie de protetor, ou seja, um responsável pelo seu sustento e por sua felicidade amorosa e financeira. No casamento, é comum observarmos que a mulher passa a se inserir, exclusivamente, no ambiente doméstico rompendo ou diminuindo o seu contato com o mundo exterior, com novas ideias, pessoas e percepções.

O aspecto mutilador da consciência, individualidade e autonomia femininas presente no matrimônio é amenizado no caso das lésbicas. Segundo Simone, por não ter alguém que se responsabilize por ela, a lésbica adquire, para a sociedade, um caráter viril: “Ce qui donne aux femmes enfermées dans l’homosexualité un caractère viril, ce n’est pas leur vie érotique qui, au contraire, les confine dans un univers féminin: c’est l’ensemble des responsabilités qu’elles sont obligées d’assumer du fait qu’elles se passent des hommes.” (*Le deuxième sexe II*, [1949]1976, p. 212) (Tradução nossa: O que dá às mulheres encerradas na homossexualidade um caráter viril não é a sua vida erótica que, ao contrário, as confina num universo feminino: é o conjunto das responsabilidades que elas são obrigadas a assumir pelo fato de dispensarem homens). Pautando-se em convenções e regras sociais, os indivíduos associam as lésbicas ao caráter masculino por estarem imersos em um contexto sociodiscursivo que define o homem como parâmetro, além de qualificado como mais bem sucedido em tarefas que se relacionam com a independência, objetividade e racionalidade.

Se, por um lado, o matrimônio aniquila a autonomia e a consciência que a mulher tem de si mesma, por outro, é no período da maturidade que a figura feminina encontra mais possibilidades de se ver como sujeito autônomo que é dono de suas escolhas e destino. Segundo Beauvoir (1949, p. 453-454):

Mûrie par l’expérience, elle pense qu’elle est capable enfin de se mettre en valeur; elle voudrait reprendre son coup. Et d’abord dans un pathétique effort, elle essaie d’arrêter le temps. Une femme maternelle affirme qu’elle peut encore enfanter: elle cherche avec passion à créer encore une fois la vie. Une femme sensuelle s’efforce de conquérir un nouvel amant. La coquette est plus que jamais elle ne se sent si jeune. Elles déclarent toutes que jamais elles ne sont senties si jeunes. Elles veulent persuader autrui que le passage du temps ne les a pas vraiment touchées; elles se mettent à “s’habiller jeune”, elles adoptent des mimiques enfantines. La femme vieillissante sait bien que si elle cesse d’être un objet érotique, ce n’est pas seulement parce que sa chair ne livre plus à l’homme de fraîches richesses: c’est aussi que son passé, son expérience font d’elle bon gré, mal gré, une personne: elle a lutté, aimé, voulu, souffert, joui pour son compte: cette autonomie intimide; elle essaie de la nier; elle exagère sa féminité, elle se pare, se parfume, elle se fait tout charme, toute grâce, pure immanence; elle admire avec un œil naïf et des intonations enfantines l’interlocuteur masculin, elle évoque volublement ses souvenirs de petite fille; au lieu de parler, elle pépie, elle bat des mains, elle rit aux éclats. C’est avec une sorte de sincérité qu’elle se porte, son désir de s’arracher aux anciennes routines et de repartir à neuf lui donnent l’impression d’un recommencement.

Amadurecida pela experiência, pensa que é capaz enfim de se valorizar; gostaria de recomeçar. Antes de tudo, procura deter o tempo num esforço patético. Uma

mulher maternal afirma que pode ainda conceber; procura apaixonadamente criar vida mais uma vez. Uma mulher sensual esforça-se por conquistar um novo amante. A coquete mostra-se, mais do que nunca, ávida de agradar. Declaram todas que nunca se sentiram tão jovens. Querem persuadir os outros de que a passagem do tempo não as atingiu efetivamente, põem-se a “vestir-se como jovens”, adotam mímicas infantis. A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais o homem riquezas frescas; é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: este autonomia intimidada; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se todo encanto, graça, pura imanência; admira com um olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina; ao invés de falar, cacareja, bate palmas, ri às gargalhas. É com uma espécie de sinceridade que representa essa comédia. Pois o interesse novo que dedica a si mesma, o desejo de arrancar às antigas rotinas e de partir novamente dão-lhe a impressão de que recomeça. (tradução nossa)

As experiências de vida agregam valor à mulher enquanto sujeito social, no entanto, a mulher idosa não é vista como uma pessoa detentora de certa “eficiência” no que diz respeito ao universo da sexualidade e do trabalho.

Em relação à sexualidade, a maturidade traz para a figura feminina os imaginários sociodiscursivos referentes à ideia de que os idosos não possuem vida sexual ativa e que, no caso específico da mulher, a menopausa marca o início da decadência das funções biológicas femininas.

No que concerne ao trabalho, podemos afirmar que a ineficiência da mulher madura nesse universo se deve ao fato de que a ocupação profissional na terceira idade é vista, pela sociedade ocidental, ou como uma forma de complementação da renda familiar ou como uma atividade para retirar o idoso da suposta ociosidade presente nessa fase de vida. Não é raro encontrarmos, na sociedade ocidental contemporânea, o discurso de que o ato de empregar um idoso está diretamente relacionado a um ato de bondade e solidariedade com o próximo, desta maneira, notamos, portanto, um rompimento da clássica relação empregado-empregador no qual o segundo é visto como portador de um ato relacionado à caridade e ao serviço social.

O queremos dizer é que, devido a não dominação de seu corpo pelos desejos e prazeres sexuais masculinos, bem como a não subordinação da condição financeira masculina, a mulher idosa não há mais o que fazer, socialmente, com a tão sonhada e esperada liberdade.

Por viver em uma sociedade dominada por homens e regida pelos padrões masculinos, a mulher não consegue pertencer, exclusivamente, ao universo feminino, visto que ela se encontra nesse entremeio de valores, ideologias e comportamentos. De acordo com Beauvoir (1949, p. 477-478):

On oppose parfois le « monde féminin » à l'univers masculin, mais il faut souligner encore une fois que les femmes n'ont jamais constitué une société autonome et fermée; elles sont intégrées à la collectivité gouvernée par les mâles et où occupent une place subordonnée; elles sont unies seulement en tant qu'elles sont des semblables par une solidarité mécanique: il n'y a pas entre elles cette solidarité organique sur laquelle se fonde toute communauté unifiée; elles se sont toujours efforcées – au temps des mystères d'Éleusis comme aujourd'hui dans les clubs, les salons, les ouvroirs – de se liguier pour affirmer un « contre-univers », mais c'est encore du sein de l'univers masculin qu'elles le posent. Et de là vient le paradoxe de leur situation: elles appartiennent à la fois au monde mâle et à une sphère dans laquelle ce monde est contesté.

Opõe-se por vezes o “mundo feminino” ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas; estão unidas somente enquanto semelhantes por uma solidariedade mecânica: não há entre elas essa solidariedade orgânica em que se assenta toda uma comunidade unificada; elas se esforçam sempre – nos tempos dos mistérios de Elêusis como hoje nos clubes, nos salões, nas reuniões beneficentes – por se ligar a fim de afirmarem um “contra-universo”, mas é ainda no seio do universo masculino que o colocam. E daí vem o paradoxo de sua situação: eles pertencem ao mesmo tempo ao mundo masculino e a uma esfera em que esse mundo é contestado. (tradução nossa)

Essa afirmação de Beauvoir explica o fato de percebermos entre a grande maioria dos homens uma maior solidariedade e companheirismo do que entre as mulheres, bem como nos comprova a proposição defendida pela autora, em toda a sua obra teórica, de que a mulher é uma construção das condições que lhe são impostas: “On ne naît pas femme: on le devient.” Não se nasce mulher, torna-se mulher” (tradução nossa). Com isso, consideramos pertinente nos pautar na ideia de que Simone desenvolve uma corrente filosófica existencialista feminista.

Ao se basear na ideia de que não é a essência, mas a existência o que determina a concepção de mulher e de feminino, é equivocado afirmar que as mulheres são menos capacitadas do que os homens simplesmente por serem mulheres. O que observamos, em muitos casos, é que não foram dadas a elas as mesmas oportunidades e condições das quais os homens se beneficiaram. A máxima de que a mulher é considerada o sexo frágil é compreendida, portanto, se situarmos a figura feminina dentro de um universo de



costumes, ideologias dominantes, educação familiar e escolar no qual ela foi educada para se constituir em oposição ao sujeito masculino sem que tome decisões por si mesma.

Nas reflexões de Beauvoir presentes no segundo volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), podemos notar que todas as individualidades dos sujeitos femininos – a esposa; a prostituta e hetaira – figura feminina (cortesã) que se distingue das prostitutas por se por ser bem instruída, prudente, dotada de grande beleza e elegância; a mãe e a mulher idosa – elencados pela autora revelam ao leitor que juntamente com uma transformação social é necessário uma transformação da postura feminina. Para Beauvoir (1949, p. 644):

Mais suffit-il de changer les lois, les institutions, les mœurs, l'opinion et tout le contexte social pour que femmes et hommes deviennent vraiment des semblables? « Les femmes seront toujours des femmes », disent les sceptiques; et d'autres voyants prophétisent qu'en dépouillant leur féminité elles ne réussiront pas à se changer en hommes et qu'elles deviendront des monstres. C'est admettre que la femme aujourd'hui est une création de la nature; il faut encore une fois répéter que dans la collectivité humaine rien n'est naturel et qu'entre autres la femme est un produit élaboré par la civilisation; l'intervention d'autrui dans sa destinée est originelle: si cette action était autrement dirigée, elle aboutirait à un tout autre résultat. La femme n'est définie ni par ses hormones ni par de mystérieux instincts mais par la manière dont elle ressaisit, à travers des consciences étrangères, son corps e son rapport au monde.

Mas bastará mudar as leis, as instituições, os costumes, todo o contexto social para que as mulheres e homens se tornem realmente semelhantes? “As mulheres serão sempre mulheres”, dizem os céticos; e outros videntes profetizam que, despojando-as de sua feminilidade, elas não conseguirão transformar-se em homens e se tornarão uns monstros. Isso é admitir que a mulher de hoje é uma criação da natureza; cumpre repetir mais uma vez que nada é natural na coletividade humana e que, entre outras coisas, a mulher é um produto elaborado pela civilização; a intervenção de outrem em seu destino é original; se essa ação fosse dirigida de outro modo, levaria a outro resultado. A mulher não se define nem por seus hormônios nem por misteriosos instintos e sim pela maneira porque reassume, através de consciências estranhas, o seu corpo e sua relação com o mundo. (tradução nossa)

Consideramos conveniente ressaltar que, em sua obra teórica, Simone não coloca a mulher na condição de vítima diante da hegemonia das condutas presentes na sociedade ocidental. Na obra *Le deuxième sexe II* ([1949]1976), a mulher é convocada a se retirar da cômoda situação que a grande maioria se encontra para lutar pela sua liberdade.

Tendo em vista o que expusemos, gostaríamos de salientar que, se no primeiro volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), Simone aborda a questão dos mitos

femininos se situando em um universo mais literário – Montherlant, Laurence, Claudel, Breton e Stendhal –, no segundo volume, a autora busca retratar sujeitos empíricos, ou seja, mulheres de carne e osso e suas experiências de vida. Com a utilização de trechos de diários íntimos e testemunhos de psicanalistas, Simone desperta no público-alvo do segundo volume da obra analisada um sentimento maior de proximidade com a realidade.

Com o propósito de comprovar que as noções de feminino e de feminilidade são socialmente construídas e de acordo com aquilo que é considerado mais adequado e proveitoso socialmente, Beauvoir traça e descreve as principais etapas da vida da mulher revelando os modos como os costumes, os valores e as ideologias a constroem enquanto sujeito. Nesse processo, as instituições sociais como família, escola e Igreja são classificadas como elementos de grande importância na construção da concepção de feminino. Desse modo, para mudar a configuração estabelecida socialmente pelo o que se entende por ser mulher na sociedade ocidental, é necessário que a figura feminina saia da posição de simples contemplação da vida para que ela possa agir de maneira mais responsável e autônoma em busca da sua liberdade.

Tendo em vista o que expusemos sobre as obras *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) podemos considerar que Simone instaura uma filosofia ao examinar a condição social da mulher sob variados contextos históricos e múltiplas perspectivas teóricas e científicas. A teoria da autora francesa se alicerça na concepção de que a índole do ser feminino não é pré-concebida através de fatores biológicos ou naturais, mas sim pela valorização e pelo reconhecimento do que se entende por ser mulher em um determinado contexto sócio, histórico, ideológico e cultural. Para Deguy & Beauvoir (2008, p. 42):

La féminité (comme la masculinité d'ailleurs) n'est pas un fait de nature, mais de culture, ne découle pas de une essence intangible, mais d'une existence historique, ce n'est pas un Destin, mais un Produit. Or c'est au nom d'une prétendue « nature féminine » que depuis des millénaires on a maintenu les femmes, la moitié de l'humanité, dans la dépendance, la relativité, la secondarité. Seul l'homme s'est érigé en Sujet, elle est l'Objet; il est la Transcendance, la lumière, l'activité, elle l'Immanence, la nuit, la passivité. Elle est pour lui l'Autre absolu. Beauvoir dénonce l'oppression qu'entraîne cette tradition qui passe pour une évidence. Son éducation conditionne la femme, mais elle peut e doit déjouer ce piège.

A feminilidade (como a masculinidade, por outro lado) não é um fato de natureza, mas de cultura, não deriva de uma essência intangível, mas de existência histórica, não é um Destino, mas um Produto. Ora, foi em nome de uma suposta "natureza feminina" que há milênios mantiveram as mulheres, a metade da humanidade, na dependência, na relatividade, na secundaridade. Somente o homem surgiu como um Sujeito, ela é Objeto; ele é a transcendência, a luz, a atividade; ela é a imanência, a noite, a passividade. Ela é para ele o Outro absoluto. Beauvoir condenou a opressão provocada por essa tradição que passa por uma evidência. Sua educação condiciona a mulher, mas ela pode e deve superar escapar desta armadilha. (tradução nossa)

Para que a igualdade dos sexos seja concretamente realizada, a autora francesa destaca que essa sociedade deve se afirmar como nova em cada indivíduo, ou seja, uma educação na qual a menina fosse instruída com as mesmas exigências do menino é considerada por Simone como o "ideal" de criação, pois, desde criança, homens e mulheres aprenderiam a conviver em um mundo andrógono e não masculino através de uma educação mista.

No decorrer da leitura tanto do romance quanto dos ensaios filosóficos selecionados para a nossa pesquisa, pudemos observar que as ideias pertencentes à corrente filosófica do existencialismo perpassa todas as obras presentes em nossos corpora de análise. Desse modo, julgamos relevante retratar a seguir a importância e a presença do existencialismo na ficção e na teoria de Simone de Beauvoir.

### 1.3 O existencialismo na ficção e na teoria de Beauvoir

O existencialismo é uma corrente de pensamento filosófico que teve como influência as obras de Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger, sendo o seu período de maior apogeu os séculos XIX e XX. Tal corrente se tornou popular em meados do século XX através, principalmente, das obras de Jean-Paul Sartre – *L'existentialisme est un humanisme* (1946) (O existencialismo é um humanismo) – e de Simone de Beauvoir – *L'existentialisme et la sagesse des nations* (1946) (O existencialismo e a sabedoria das nações).

O principal fundamento dessa corrente filosófica se baseia na proposição de que a existência precede e controla a essência, ou seja, para estes pensadores, ao nascermos apresentamos a existência e é ao longo de nossa vida que temos a nossa essência formada. Posto isto, para essa corrente, ninguém nasce essencialmente mal ou ruim, uma

vez que a essência não é pré-determinada ao indivíduo. Para Simone, essa filosofia não deve se limitar aos ensaios e obras filosóficas, mas deve fazer parte ativamente das experiências e da vida do sujeito. De acordo com Beauvoir (1948, p. 32-34):

Et le premier reproche qu'ils adressent à l'existentialisme c'est d'être un système cohérent et organisé, une attitude philosophique qui réclame d'être adoptée intégralement. En assumant une vision du monde trop précisément définie, ils craindraient de s'embarrasser de trop lourdes responsabilités. Car les hommes redoutent par-dessus tout les responsabilités, ils n'aiment pas courir des risques, ils ont si peur d'engager leur liberté qu'ils préfèrent la renier. Et c'est là la raison la plus profonde de leur répugnance à l'égard d'une doctrine qui place cette liberté au premier plan. (...) Dans l'existentialisme, au contraire, le moi n'est pas; j'existe comme sujet authentique, dans un jaillissement sans cesse renouvelé qui s'oppose à la réalité figée des choses; je me jette sans secours, sans guide, dans un monde où je ne suis pas d'avance installé à m'attendre: je suis libre, mes projets ne sont pas définis par des intérêts préexistants; ils posent eux-mêmes leurs fins.

E a primeira censura que dirigem ao existencialismo é o fato de ser um sistema coerente e organizado, uma atitude filosófica que exige ser integralmente adotada. Assumindo uma visão do mundo definida muito precisamente, eles temiam envolver-se em responsabilidades demasiado pesadas, já que os homens receiam acima de tudo as responsabilidades, não gostam de correr riscos, têm tanto medo de engajar sua liberdade que preferem renegá-la. E é essa a razão mais profunda da sua repugnância a respeito de uma doutrina que coloca essa liberdade no primeiro plano. (...) No existencialismo, pelo contrário, o eu não existe; eu existo como sujeito autêntico em um brotar renovado sem cessar que se opõe à realidade cristalizada das coisas; lanço-me sem auxílio, sem guia, em um mundo em que não estou de antemão instalado: sou livre, os meus projetos não são definidos por interesses pré-existent; eles mesmos determinam o seu fim. (tradução nossa)

O existencialismo retira o indivíduo do estado de inércia e comodismo diante das mais diversas situações, visto que, se estamos em determinada condição, é porque as nossas escolhas e atitudes nos levaram a tal. Cabe ao indivíduo, portanto, enfrentar a verdade ao invés de debater-se contra ela. Esse pensamento existencialista pode ser aliado às obras de Simone escolhidas para os nossos *corpora*, uma vez que o papel social da mulher não deve ser compreendido através de dados biológicos e sim por elementos sociais e culturais que enquadram a mulher em uma atitude de imanência.

Os autores como Jean-Paul Sartre, Albert Camus e Simone de Beauvoir manifestavam em suas obras certo posicionamento político e engajamento crítico social. Para estes pensadores, alguns indivíduos se encontram imersos na imanência e passividade moral ao invés de se portarem efetivamente contra as circunstâncias em que se encontram. Sendo assim, esse comportamento pode ser caracterizado como mais

fácil, pois não requer do indivíduo um empenho moral e intelectual. Segundo Beauvoir (1948, p. 66-67):

Se placer sur un plan politique c'est s'arracher à sa situation individuelle, c'est se transcender vers les autres et transcender le présent vers l'avenir. Un homme qui cherche seulement à se maintenir en vie n'a pas d'existence politique et l'horreur de sa situation vient précisément de ce que, tout occupé à ne pas mourir, il ne peut valoriser son existence en la dépassant vers autre chose qu'elle-même.

Colocar-se num plano político é sair da sua situação individual, é transcender-se em relação aos outros e transcender o presente entrando no futuro. O homem que procura somente sobreviver não tem existência política e o erro da sua situação está precisamente em que, preocupado em não morrer, não pode valorizar a sua existência tornando-a algo mais do que simples existência. (tradução nossa)

A todo o momento, Simone demonstra, em suas obras, uma postura política em defesa da causa do feminismo e da igualdade entre homens e mulheres. Ao provocar uma espécie de convocação feminina com o objetivo de fazer com que as mulheres se libertem do estado de repouso social, a filósofa francesa evoca em suas obras literárias e filosóficas a importância do trabalho e da conscientização da mulher diante de suas escolhas e posturas sociais.

O corpus literário escolhido para a nossa pesquisa dialoga com as ideias do existencialismo a partir do momento em que são abordados temas metafísicos, como a questão do livre-arbítrio e o sentido da existência humana no mundo. A inquietação de algumas personagens femininas no que diz respeito às suas escolhas, sentimentos e atitudes, bem como a temática presente na obra *L'invitée* (1943) – a existência de outras consciências em diálogo ou confronto com a nossa – pode ser observada pelo leitor logo na epígrafe do livro: “Chaque conscience poursuit la mort de l'autre.” (Hegel) (Tradução nossa: Toda consciência visa à morte de outra). Tal epígrafe demarca para o leitor o posicionamento ideológico existencialista presente na obra. De acordo com Beauvoir (1948, p. 100-101):

Ce n'est pas un hasard si la pensée existentialiste tente s'exprimer aujourd'hui, tantôt par des traités théoriques, tantôt par des fictions: c'est qu'elle est un effort pour concilier l'objectif et le subjectif, l'absolu et le relatif, l'intemporel et l'historique; elle prétend saisir l'essence au cœur de l'existence; et si la description de l'essence relève de la philosophie proprement dite, seul le roman permettra d'évoquer dans sa vérité complète, singulière, temporelle, le jaillissement originel de l'existence. Il ne s'agit pas ici pour l'écrivain d'exploiter sur un plan littéraire

des vérités préalablement établies sur le plan philosophique, mais bien de manifester un aspect de l'expérience métaphysique qui ne peut se manifester autrement: son caractère subjectif, singulier, dramatique et aussi son ambiguïté; puisque la réalité n'est pas définie comme saisissable par le seule intelligence, aucune description intellectuelle n'en saurait donner une expression adéquate.

Não é por acaso que o pensamento existencialista tenta exprimir-se hoje, ora por tratados teóricos, ora por ficções: mas sim porque é um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico; pretende encontrar essência no coração da existência; e se a descrição da essência releva da filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar na sua verdade completa, singular, temporal, o brotar original da existência. Não se trata aqui, para o escritor de explorar no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas sim de manifestar um aspecto de experiência metafísica que não pode manifestar-se de outro modo: o seu caráter subjetivo, singular, dramático e também, a sua ambiguidade; pois que a realidade não é definida como apreensível apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual poderia expressá-la adequadamente. (tradução nossa)

O romance metafísico pode ser evidenciado pela sua capacidade de, ao mesmo tempo, abordar e provocar a descoberta da existência humana no seu público-alvo, posto que o leitor é colocado diante de situações e acontecimentos que refletem sobre a transcendência, em outras palavras, os sentimentos mais abrangentes e universais do ser humano.

Ao lermos a ficção de Simone, através das atitudes e comportamentos das personagens, imediatamente somos direcionados para as ideias da corrente filosófica do existencialismo e, por esse movimento de idas e vindas que ocorre na mente do leitor, não podemos acreditar que as suas obras romanescas apenas contam uma história sem exigir uma tomada de posição ideológica ou filosófica. Para Beauvoir (1948, p. 90-91):

Et sans doute, cet objet-là a été construit par un homme et cet homme avait un dessein; mais sa présence doit être bien cachée; sinon cette opération magique qu'est ; envoûtement romanesque ne pourrait pas s'accomplir; de même que le rêve éclate en morceaux si la moindre perception se révèle comme telle au dormeur, de même la croyance imaginaire s'évanouit dès qu'on songe à la confronter avec la réalité: on ne peut pas poser l'existence du romancier sans nier celle de ses héros.

E, sem dúvida, aquele objeto foi construído pelo homem e esse homem tinha um desígnio; mas a sua presença deve estar escondida, senão essa operação mágica que é a subjugação romanesca não poderia cumprir-se; do mesmo modo que o sonho se desfaz em pedaços se a menor percepção se revela como tal a crença imaginária desvanece-se quando se pensa em confrontá-la com a realidade: não se pode admitir a existência do romancista sem negar a dos seus heróis. (tradução nossa)

Acreditamos que assim como não podemos desprender as ideias existencialistas do romance de Simone tampouco podemos praticar esse equívoco nas obras teóricas da autora.

Gostaríamos de salientar que esse movimento de amalgamar as obras de Beauvoir a sua ideologia pessoal pode ser caracterizado como mais espontâneo no que diz respeito às suas obras romanescas se comparadas às obras filosóficas. No entanto, o que queremos dizer é que, no caso de Simone de Beauvoir, obra e biografia se entrelaçam de maneira quase que natural aos olhos do leitor, visto que ela não somente escreveu ensaios filosóficos e livros literários tendo como fundamento o existencialismo, mas viveu a sua vida e os seus relacionamentos com Jean-Paul Sartre e Nelson Algren “à moda existencialista”, ou seja, ela se apresentava como uma mulher livre para tomar as suas decisões e ser quem ela acreditava que deveria. De acordo com Beauvoir (1948, p. 35):

Les existentialistes sont si loin de nier l’amour, l’amitié, la fraternité, qu’à leurs yeux c’est seulement dans ces relations humaines que chaque individu peut trouver le fondement et l’accomplissement de son être; mais ils ne considèrent pas ces sentiments comme donnés d’abord, il faut les conquérir.

Os existencialistas estão longe de negar o amor, a amizade, a fraternidade, que, aos seus olhos, é apenas nessas relações humanas que cada indivíduo pode encontrar o fundamento e o cumprimento do seu ser; mas não consideram esses sentimentos como dados prévios, é necessário conquistá-los. (tradução nossa)

Como expusemos acima, a ficção e a teoria de Simone são perpassadas pelo existencialismo como uma filosofia teórica presente tanto nas obras literárias quanto nas obras filosóficas da feminista francesa. Mais do que uma teoria para ficar “presa” nos livros, o existencialismo se apresenta para Beauvoir como uma filosofia da liberdade: liberdade para o indivíduo escolher os seus caminhos, a sua essência e os seus sentimentos.

Para os existencialistas, o próprio existencialismo coloca em prática a liberdade quando possui a capacidade de ultrapassar os âmbitos acadêmicos e profissionais para transitar no dia a dia de qualquer um de nós que simpatize e acredite na ideia de que a essência do indivíduo não é definida *a priori*, uma vez que, nessa corrente, somos entendidos como um produto cultural, coletivo e histórico capaz de mudar a nossa própria essência através de atos e posicionamentos políticos, sociais e ideológicos.

#### 1.4 Considerações finais

Conforme pudemos observar nesse capítulo, Simone de Beauvoir concebe, primeiramente, na obra literária, uma formação filosófica, que aparecerá, posteriormente, em suas obras teóricas. Tomando como ponto inicial o romance *L'invitée* (1943) em relação aos ensaios *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) em um movimento de cotejo entre os *corpora* selecionados, guiaremos o nosso trabalho sob a seguinte reflexão: De que maneira o romance de Beauvoir projeta uma concepção de feminino que será abarcada, posteriormente, em sua obra teórica? A seguir, gostaríamos de salientar alguns pontos que, para nós, se caracterizam como pertinentes.

Ao situarmos os nossos *corpora* sob a perspectiva da corrente filosófica do existencialismo que tem como lema: “O homem está condenado a ser livre” (Jean Paul-Sartre), tal corrente contempla o ser humano como um sujeito de suas ações que é dotado de liberdade, portanto, ele é responsável por suas escolhas e são elas que constituem e fazem dele aquilo que ele é. À luz do pensamento existencialista e conscientes de nossas decisões, no que diz respeito à abordagem dos objetos de pesquisa selecionados, optamos por não retratar nenhuma obra ou referência direta do pensador francês Jean-Paul Sartre que não fosse a sua conferência *L'existencialisme est un humanisme* (1946).

Durante a coleta bibliográfica e a análise dos *corpora*, procuramos, ao máximo, não ter contato com romances, ensaios políticos e filosóficos, peças de teatro, biografia e tantos outros gêneros pertencentes à extensa literatura desse autor, posto que, primeiramente, não queríamos “cair na tentação” de fixar a figura e obras de Simone às de Sartre como ocorre, na maioria dos casos, em que o pesquisador aborda ambos autores ou um só. Consideramos conveniente ressaltar que não é de nossa pretensão julgar tal comportamento de aglutinação como algo pejorativo ou de menor relevância.

O que queremos dizer é que fizemos nossa escolha metodológica guiados por dois pontos essenciais. O primeiro se resume, basicamente, à pergunta: Se o nosso objetivo é analisar, exclusivamente, as obras de Simone de Beauvoir, por que deveríamos estudar os trabalhos selecionados em diálogo com os de Sartre se esse propósito não é o que nos conduziu para a execução dessa pesquisa? O segundo se baseia no fato de que ao



buscamos investigar a concepção de feminino através do diálogo entre a ficção e a teoria de Beauvoir, nos apoiamos na importância individual que Simone de Beauvoir possui para os estudos filosóficos e os discursos sobre a condição da mulher. Desse modo, acreditamos que estaríamos desempenhando uma espécie de atitude machista se lêssemos as obras dessa autora influenciados pela visão e os posicionamentos de Sartre, visto que estaríamos colocando tanto Beauvoir quanto as suas obras em uma postura de subordinação às ideias do pesquisador francês. De acordo com Ascher (1991, p. 64):

Não foi por acaso eu ter escolhido Sartre, diz-nos ela, “pois, afinal de contas, fui eu que o escolhi. Segui-lhe alegremente o caminho porque ele me conduziu pelas trilhas que eu queria enveredar, posteriormente, sempre discutíamos juntos o nosso itinerário.” Quanto à maior iniciativa filosófica e política de Sartre: “Sartre é criativo ideologicamente, eu não o sou; essa tendência o obrigou a fazer opções políticas e a ir muito mais fundo quanto aos motivos destas do que eu” E ela acrescenta, com uma excepcional consciência, que é, também, uma reminiscência de suas explicações por aceitar o apoio econômico dele: “A verdadeira traição a minha liberdade teria sido recusar o reconhecimento dessa específica superioridade por parte dele” Ainda assim, inverto algumas reflexões anteriores, ela insiste em dizer que sua independência nunca esteve ameaçada, porque nunca repassou quaisquer responsabilidades para ele: suas emoções são o produto de “um contato direto com o mundo”, suas ideias, mesmo se extraídas dele, Sartre, somente foram adotadas após terem sido primeiro analisadas e aceitas por sua própria conta. “Ele me ajudou assim como eu o ajudei, não vivi através dele.”

Situando a nossa linguagem nos estudos da Análise do Discurso Franco-Brasileira e, mais especificamente, na Teoria Semiolinguística de Charaudeau ([1983]2008), Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir trabalharam juntos durante toda a vida e, com certeza, desempenharam os papéis de sujeitos comunicantes e sujeitos interpretantes um do outro. Isso não nos impede de falar sobre Sartre, o que não buscamos, entretanto, é entendê-lo como um sujeito absoluto cabendo a Simone o papel de tutela intelectual. Para Gothlin (2002, p. 113):

Simone de Beauvoir serait-elle une disciple de Sartre qui appliquerait la philosophie de ce dernier à des questions qu’il ne traite pas lui-même, telle la question des femmes? Ou bien Simone de Beauvoir ne serait-elle pas plutôt la véritable auteur des idées de Sartre? Le premier point de vue apparaît fréquemment dans la recherche ancienne, où Beauvoir a été réduite à une note en bas de page dans les études sur Sartre, le deuxième est la thèse controversée exprime, entre autres, par Kate et Edward Fullbrook. Pour ma part, je crois qu’une autre manière de lire leur relation serait plus féconde. À savoir, les considérer comme deux philosophes indépendants dont la collaboration intime rend parfois presque impossible de décider qui est le véritable auteur d’une idée et lire ainsi

leurs travaux comme deux philosophies en dialogue. Une condition sine qua non pour cette manière de lire est de respecter l'originalité de l'un et de l'autre.

Simone de Beauvoir seria uma discípula da filosofia de Sartre que aplicaria a filosofia desse último às questões como a questão das mulheres? Ou Simone de Beauvoir seria ele mesma a verdadeira autora das ideias de Sartre? O primeiro ponto de vista aparece frequentemente nas pesquisas mais antigas onde Beauvoir foi reduzida a uma nota de rodapé na página em estudos de Sartre. A segunda é a controversa tese expressa, entre outros, por Kate e Edward Fullbrook. Pessoalmente, acho que uma outra maneira de lê-los seria a sua relação mais frutífera. Ou seja, considerados como dois filósofos independentes cuja cooperação íntima, por vezes, torna-se quase impossível para decidir quem é o verdadeiro autor de uma ideia e, assim, ler o trabalho de ambos em diálogo com as duas filosofias. Um pré-requisito para esta forma de leitura é respeitar a singularidade de um e de outro. (tradução nossa)

Situando Beauvoir e Sartre nesse exercício de interlocução entre as obras, as filosofias e as experiências vividas pelos dois autores, podemos considerar que o pensamento existencialista se pautou em um movimento de co-construção, porém, podemos considerar também que cada pensador assentou essa corrente filosófica nos estudos que lhe mais instigavam sob o prisma de algumas questões éticas, como: o que significa ser livre, a nossa responsabilidade quanto a nós mesmos ou quanto aos outros, os efeitos de nossa mortalidade etc.

Tendo em vista as ponderações apresentadas anteriormente, gostaríamos de explicitar como organizaremos o nosso percurso teórico com o objetivo de situar o leitor sobre quais teorias trataremos no próximo capítulo. Desse modo, o segundo capítulo se dividirá em duas partes, visto que na primeira, abordaremos as nossas bases teóricas no que concerne ao *corpus* ficcional e na segunda parte, focalizaremos os trabalhos que nos norteiam na análise do *corpus* teórico.

**CAPÍTULO 2:**

**DA FIÇÃO À TEORIA DE BEAUVOIR:  
O PERCURSO TEÓRICO**



## 2. Considerações iniciais

Os *corpora* de análise referentes à nossa pesquisa, como dito anteriormente, são constituídos por dois gêneros distintos: o ensaio filosófico e o romance. No que diz respeito à questão dos gêneros do discurso, gostaríamos de situar os *corpora* sob a perspectiva dialógica e interdiscursiva da linguagem conforme os trabalhos de Bakhtin ([1979]1992), visto que, para que possamos estudar a concepção de feminino nas obras ficcionais e teóricas de Simone de Beauvoir, nos pautaremos em um movimento constante de transposição entre os dois tipos de discurso à luz do que a autora existencialista se apropria, ou seja, das ideias que Simone toma posse na obra ficcional em relação à obra teórica no que concerne à representação da figura feminina.

A nossa pesquisa caracteriza-se como empírico-dedutiva, ou seja, primeiramente, estabeleceremos uma análise qualitativa, ou seja, trabalharemos com um *corpus*-amostra e em seguida testaremos a exaustividade das ocorrências a partir de outras ocorrências posteriores. A análise define-se como contrastiva, uma vez que faremos o levantamento e a análise das constantes e das variáveis. Desse modo, o que queremos dizer é que através de uma atividade de cotejo entre as obras selecionadas, tentaremos defender como os comportamentos, as atitudes e as ideologias presentes nas personagens femininas do romance *L'invitée* (1943) engendram uma teoria filosófica que será abarcada, posteriormente, nos ensaios filosóficos de Beauvoir.

Anteriormente à exposição do referencial teórico, gostaríamos de salientar que nos pautaremos em um movimento cíclico de análise<sup>6</sup>, ou seja, apresentaremos, na exposição teórica, pequenas reflexões sobre os *corpora*. Tais reflexões se encontram em total consonância com as análises que serão apresentadas no próximo capítulo de nossa dissertação. O processo de análise de um *corpus* não ocorre de maneira independente do referencial teórico, e sim de forma conexa e dialogal, visto que, para nós, é o objeto de pesquisa quem dita quais teóricos e teorias serão abarcados e não o contrário. Posto isto, já no nosso referencial teórico, o leitor se deparará com análises iniciais dos *corpora* selecionados.

---

<sup>6</sup> Termo utilizado pelo prof. João Bôsko Cabral dos Santos no curso: “Seminário de Tópicos Variáveis em Linguística do Texto e do Discurso: Pêcheux e a Análise do Discurso” oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais durante o segundo semestre de 2014.

## 2.1 O conceito de gênero na Análise do Discurso e os gêneros romance e ensaio na Filosofia

Anteriormente a uma breve explanação sobre como os gêneros romance e ensaio se organizam à luz do discurso filosófico, gostaríamos de abordar algumas considerações sobre a questão do gênero na perspectiva da Análise do Discurso e da Teoria Semiolinguística (Charaudeau, [1983]2008), visto que, por pertencermos ao grupo de estudiosos da área de Análise do Discurso da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), falar sobre a Semiolinguística Charaudiana é nos apoiarmos em um percurso teórico delineado pela Professora Ida Lucia Machado, pelo Professor Patrick Charaudeau e colaboradores, que teve início na referida instituição durante os anos de 1990.

Valendo-nos, nesse trabalho, da noção de gêneros do discurso postulada por Charaudeau (2004), consideramos que o gênero é caracterizado situacionalmente e que este pode estar em constante transformação. Na esteira dos trabalhos do referido autor, o gênero deve ser investigado sob dois recortes: a situação de comunicação e as visadas, competindo ao primeiro recorte a identidade dos parceiros; a finalidade que os liga em termos de visadas; o propósito convocado e as circunstâncias materiais nas quais se realiza. Em relação ao segundo recorte, as visadas, Charaudeau (2004) pondera que elas correspondem a uma intenção psicossocio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante levando em consideração, tanto a instância de produção, quanto a instância de recepção. O autor nos afirma ainda que as visadas podem ser definidas através de um critério que se divide em: a) intenção pragmática do Eu, ou seja, a sua posição como enunciador na relação de força que o liga ao Tu; e b) a posição que, da mesma forma, o Tu deve ocupar.

Grosso modo, as visadas seriam, portanto, a intenção que o sujeito comunicante quer dar ao seu discurso. As principais visadas se dividem em seis tipos: prescrição – EU assume a posição de autoridade não havendo espaços para questionamentos; solicitação – EU se encontra em um lugar de inferioridade; incitação – EU instiga no TU um agir cabendo ao EU um posição de beneficiário; informação – EU se encontra em um lugar de autoridade relativo ao saber; instrução – EU se encontra em uma dupla posição de

autoridade e legitimidade para difundir um determinado conhecimento; demonstração – EU estabelece a verdade e a comprova.

Nos *corpora* selecionados para a nossa pesquisa, encontramos a organização da visada de instrução no que concerne ao gênero literário e as visadas de demonstração e de instrução no que diz respeito ao gênero ensaístico, dado que o romance *L'invitée* (1943) apresenta certo caráter pedagógico ao seu leitor por abordar temas relacionados à existência humana sob a perspectiva do pensamento existencialista. Para Beauvoir (1948, p. 90):

Il est ému, il approuve, il s'indigne, par un mouvement de tout son être avant de formuler des jugements qu'il tire de lui-même sans qu'on ait la présomption de les lui dicter. C'est là ce qui fait le prix d'un bon roman. Il permet d'effectuer des expériences imaginaires aussi complètes, aussi inquiétantes que les expériences vécues. Le lecteur s'interroge, il doute, il prend parti et cette élaboration hésitante de sa pensée lui est un enrichissement qu'aucun enseignement doctrinal ne pourrait remplacer.

Comove-se, aprova, indigna-se, por um movimento de todo o seu ser, antes de formular juízos que arranca a si mesmo sem que tenhamos a presunção de o ditarmos. É isso que confere valor a um bom romance. Ele permite efetuar experiência tão completas, tão inquietante como as experiências vividas. O leitor interroga-se, duvida, toma partido e essa elaboração hesitante do seu pensamento constitui um enriquecimento que nenhum ensino doutrinal poderia substituir. (tradução nossa)

Notamos que, para a autora supracitada, um bom romance é capaz de proporcionar ao seu leitor experiências tão ricas quanto as vividas por ele em sua vida real. Nessa concepção, podemos entender que filosofia e literatura se unem através de romances considerados como metafísicos com o objetivo, ou seja, com a visada discursiva de compartilhar e transmitir um saber que é próprio do discurso didático. Gostaríamos de ressaltar, portanto, que a presença da visada pedagógica no romance analisado se efetiva de forma implícita.

Com relação ao gênero ensaístico, notamos a presença da dupla visada de demonstração e instrução. A visada de demonstração se faz presente, posto que, por ser considerada uma autora e intelectual reconhecida, Simone de Beauvoir se coloca em uma condição de autoridade e competência para retratar e apresentar uma nova filosofia no que se refere à questão social feminina. No primeiro trecho de sua obra *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes*, Beauvoir ([1949]1976, p.13) afirma:

J'ai longtemps hésité à écrire un livre sur la femme. Le sujet est irritant, surtout pour les femmes; et il n'est pas neuf. La querelle du féminisme a fait couler assez d'encre, à présent elle est à peu près close: n'en parlons plus. On en parle encore cependant. Et il ne semble pas que les volumineuses sottises débitées pendant ce dernier siècle aient beaucoup éclairé le problème.

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices propagadas neste último século tenham realmente esclarecido a questão. (tradução nossa)

Ao constatar que o que se disse até o momento da publicação do seu livro foram tolices, Simone reforça o seu lugar de autoridade e a sua posição para estabelecer uma verdade e comprová-la, já que é como se ela dissesse ao seu público-alvo: “Agora vocês terão acesso a uma obra que abarca o feminismo de forma lúcida aliada a certa dose de perícia”. Assim, destacamos um movimento de auto legitimação nos ensaios filosóficos de Beauvoir, posto que ela se considera apta para falar do assunto em questão. A sua legitimidade também pode ser corroborada pelo fato de Simone ser mulher e abordar sobre o feminismo, tal fato poderia proporcionar ao leitor uma ideia de que, por ela pertencer à classe da qual abarcará em seu ensaio, ela pode ser considerada mais competente se comparada a um homem para o exercício social que se propõe.

No tocante à visada de instrução na obra teórica de Beauvoir, podemos considerar que, ao apresentar um percurso biológico, histórico, psicanalítico e social, a autora desempenha a função de apresentar os conhecimentos científicos formulados até o momento da elaboração de seu ensaio, buscando colocar o TU na posição de “dever-saber-fazer” uma emancipação feminina social. De acordo com Ascher (1991, p. 194-195):

*O Segundo Sexo* é o primeiro e ainda o único livro a oferecer a teoria dialética que pode levar em conta tanto a opressão feminina quanto a possibilidade de sua liberação. Outras obras que focalizam a opressão das mulheres tendem a deixar o leitor com o sentimento das mulheres como vítimas, enquanto aqueles que descrevem os sucessos históricos das mulheres deixam uma ferramenta analítica nas mãos de forças da oposição e repressão contra as quais ocorreram tais sucessos.

Em sua obra ensaística, Simone não mostra apenas como a figura feminina foi desvalorizada e subordinada ao homem ao longo dos tempos, ela apresenta e ensina ao



seu leitor quais são as possibilidades e os novos caminhos que devem ser trilhados para que a condição feminina possa se transformar. Essa perspectiva será abordada na quarta parte da obra *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) no capítulo intitulado *Vers la libération*.

Com base no que expusemos sobre a questão dos gêneros à luz dos trabalhos pertencentes à Análise do Discurso, julgamos importante ressaltar que todo gênero possui obrigatoriamente: a situação de comunicação, as visadas e as restrições discursivas e formais. Para Charaudeau (2004, p. 38):

Em resumo, podemos dizer que se tratando dos níveis de produção-interpretação do discurso diferentes, cada um destes traz um princípio de classificação que lhe é próprio: o nível situacional, que permite reunir textos em torno das características do domínio de comunicação; o nível das restrições discursivas, que deve ser considerado como o conjunto dos procedimentos que são chamados pelas instruções situacionais para especificar a organização discursiva; o nível da configuração textual, cujas recorrências formais são voláteis demais, para tipificar de forma definitiva um texto, mas constituindo índices. Cada um destes princípios de classificação é legítimo e pode ser útil segundo o objetivo de análise que se propõe seguir. A posição aqui defendida é que uma definição dos gêneros de discurso passa pela articulação entre esses três níveis e a correlação (e não em implicação sucessiva) dos dados que cada um desses níveis propõe.

As teorias sobre os gêneros apenas os mapeiam sem os definir categoricamente, uma vez que eles são maleáveis, situando-se, assim, em uma “zona de tensão” entre a sua rigidez e as suas múltiplas possibilidades, que podem variar de acordo com a situação de comunicação, o objetivo proposto, os interlocutores etc.

Gostaríamos de salientar, portanto, que buscamos delinear algumas breves considerações sobre a concepção de gêneros do discurso sem a pretensão de aprofundarmos mais detalhadamente no assunto, visto que não é o nosso objetivo de pesquisa discutir o referido tópico. Com a finalidade de abordarmos de forma mais minuciosa como o deslocamento entre o discurso literário e o discurso teórico se instaura nas obras elencadas, julgamos conveniente discutir, de forma breve, sobre a constituição desses dois gêneros no que se refere à concepção filosófica.

O discurso literário, mais especificamente o gênero romance, funciona como uma espécie de instrumento da filosofia para a abordagem de teorias e conceitos. De acordo com Beauvoir (1948, p. 100-101):

Ce n'est pas un hasard si la pensée existentialiste tente de s'exprimer aujourd'hui, tantôt par des traités théoriques, tantôt par des fictions: c'est qu'elle est un effort pour concilier l'objectif et le subjectif, l'absolu et le relatif, l'intemporel et l'historique; elle prétend saisir l'essence au cœur de l'existence; et si la description de l'essence relève de la philosophie proprement dite, seul le roman permettra d'évoquer dans sa vérité complète, singulière, temporelle, le jaillissement originel de l'existence. Il ne s'agit pas ici pour l'écrivain d'exploiter sur un plan littéraire des vérités préalablement établies sur le plan philosophique, mais bien de manifester un aspect de l'expérience métaphysique qui ne peut se manifester autrement: son caractère subjectif, singulier, dramatique et aussi son ambiguïté; puisque la réalité n'est pas définie comme saisissable par la seule intelligence, aucune description intellectuelle n'en saurait donner une expression adéquate. Il faut tenter de la présenter dans son intégrité, telle qu'elle se dévoile dans la relation vivante qui est action et sentiment avant de se faire pensée.

Não é por acaso que o pensamento existencialista tenta exprimir-se hoje, ora por tratados teóricos, ora por ficções: mas sim porque é um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico; pretende encontrar a essência no coração da existência; e se a descrição da essência releva a filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar na sua verdade completa, singular, temporal, o brotar original da existência. Não se trata aqui, para o escritor de explorar no plano literário verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas sim de manifestar-se de outro modo: o seu caráter subjetivo, singular, dramático e também, a sua ambiguidade; pois que a realidade não é definida como apreensível apenas pela inteligência, nenhuma descrição intelectual poderia expressá-la adequadamente. É necessário tentar apresentá-la na sua integridade, tal como se revela na relação viva que é ação e sentimento antes de se tornar pensamento. (tradução nossa)

Se valendo do gênero romance para a exposição de suas reflexões e de seus pensamentos enquanto filósofa, a existencialista define as obras pertencentes a esse gênero como metafísicas, na medida em que elas são capazes de tratar sobre temas pertencentes à relação entre a existência e as indagações humanas, como o livre-arbítrio, a matéria e o espírito. Segundo Beauvoir (1948, p. 104-105):

Honnêtement lu, honnêtement écrit, un roman métaphysique apporte un dévoilement de l'existence dont aucun mode d'expression ne saurait fournir l'équivalent; loin d'être, comme on l'a parfois prétendu, une dangereuse déviation du genre romanesque, il m'en semble au contraire, dans la mesure où il est réussi, l'accomplissement le plus achevé, puisqu'il s'efforce de saisir l'homme et les événements humains dans leur rapport avec la totalité du monde, puisque lui seul peut réussir ce à quoi échouent la pure littérature comme la pure philosophie: évoquer dans son unité vivante et sa fondamentale ambiguïté vivante, cette destinée qui est la nôtre et qui s'inscrit à la fois dans le temps et dans l'éternité.

Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico provoca uma descoberta da existência de que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente; longe de ser, como se pretendeu por vezes, um desvio perigoso do gênero romanesco, pareceu-me, pelo contrário, na medida em que é conseguido, a realização mais perfeita, pois se esforça por apreender o homem e os acontecimentos humanos nas suas relações com a totalidade do mundo, pois só ele pode ter êxito no que fracassa a pura literatura como a pura filosofia:

evocar, na sua unidade viva e na sua fundamental ambiguidade viva, esse destino que é o nosso que se inscreve de uma só vez no tempo e na eternidade. (tradução nossa)

No ponto de vista da corrente existencialista, a ficção e a filosofia são vistas como complementares, cabendo, portanto, à literatura, a reconstrução de experiências e acontecimentos que, de tão reais, podem ser experienciados no mundo vivido proporcionando ao leitor hesitações, questionamentos e dúvidas sobre as mais diversas abordagens e debates existenciais.

Nas obras de Beauvoir, se por um lado o discurso literário de cunho filosófico existencialista não é desprovido de cientificidade<sup>7</sup>, por outro lado, o gênero ensaio filosófico não pode ser visto como destituído de subjetividade. Para Adorno (1994, p. 180):

É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua, encontra sua unidade através de rupturas e não à medida que as escamoteia. A unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagônica daquilo que ela recobre. A descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito suspenso.

O ensaio enquanto gênero apresenta certas características relativas à reflexão de um objeto específico, ou seja, por ser um discurso essencialmente crítico e interpretativo, cabendo ao autor a tomada de posição diante de alguns questionamentos, não é raro que possamos encontrar alguns traços pertencentes à subjetividade do autor.

Na obra teórica selecionada por nós, podemos observar um movimento de individualidade e de generalização, visto que a escritora Simone de Beauvoir se constitui como um ser singularizado que possui experiências de vida e apreciações que lhe são próprias, ao mesmo tempo em que ela se insere em um compromisso social como forma de combate à subordinação e à desvalorização da mulher na sociedade ocidental. Sublinhamos, portanto, que, por ser mulher, Beauvoir aparece como sujeito na sua própria teoria, seja através de suas escolhas lexicais para designar a figura feminina – *le*

---

<sup>7</sup> Entendemos aqui por cientificidade, as concepções e os conceitos filosóficos abordados nos ensaios filosóficos. Nos parece importante ressaltar que em cada gênero específico o caráter científico emergirá de uma forma particular. Desse modo, não estamos de acordo com os pensadores que acreditam na ideia de que por ser tratar de um discurso literário, tal discurso deve ser obrigatoriamente desprovido de “ciência”.

*deuxième sexe, la femme, l'Autre* (Tradução nossa: O segundo sexo, a fêmea, o Outro) – seja através de seu posicionamento filosófico e ideológico – o existencialismo.

Pautando-nos na concepção de que não é o tipo de discurso que anula a subjetividade, ressaltamos que, assim como Simone de Beauvoir se encontra em uma relação dialética na medida em que é mulher e que dialoga consigo mesma em suas obras teóricas por questionar a retratação do papel feminino na sociedade, nós, enquanto analistas do discurso e mulheres, nos colocamos também em uma relação dialógica no que diz respeito à análise dos gêneros romance e ensaio filosófico na presente pesquisa.

A seguir, abarcaremos o referencial teórico elencado por nós para que possamos investigar a concepção de feminino nas obras ficcionais e teóricas sob a perspectiva dos estudos pertencentes à Análise do Discurso Franco-Brasileira. Primeiramente, abordaremos os caminhos teóricos referentes ao discurso ficcional para, posteriormente, elucidarmos sobre o discurso teórico de Simone de Beauvoir.

## **2.2 O discurso ficcional sob a perspectiva da obra de Beauvoir**

A ficção, ao contrário do que muitos pensam, está presente em nosso cotidiano e nos mais variados gêneros discursivos, não sendo exclusividade de fábulas, contos e romances, como o demonstra Mendes (2004). No entanto, no senso comum, a ficcionalidade é entendida, muitas vezes, como algo que é mentiroso, ou seja, que possui o objetivo de enganar o interlocutor, como é o caso quando dizemos que uma pessoa é um “contador de histórias”. Através do uso dessa expressão popular, podemos constatar que, quase sempre, a ficcionalidade se encontra relacionada à algo que não é fidedigno. Ao nos apoiarmos na Teoria da Ficcionalidade cunhada por Mendes (2004), coadunamos com a referida autora uma vez que entendemos que a ficção não se encontra no domínio ético e moral da mentira, ela estaria, portanto, veiculada a um espaço discursivo que é lúdico. Segundo Mendes (2004, p. 117-118):

- i) A ficção é a simulação de uma situação possível, seja ela de ordem semiolinguística, discursiva (em termos de modo de organização do discurso), psicossocial ou espacial. ii) A ficcionalidade é o mecanismo de produção da ficção, ou da ativação da ficção - seria algo como uma «mise en fiction», por assim dizer. A ficcionalidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto. Tal alteração dependerá do intuito com o qual a ficcionalidade for utilizada – podendo estar presente em maior ou menor escala.

Devemos dizer que o estatuto é externo ao gênero, isto é, encontra-se em um nível situacional já que é o resultado da união de várias das condições de funcionamento da genericidade. Estatutos podem ser classificados em: ficcional, factual e não-factual. Já a ficcionalidade pode ser tanto interna quanto externa ao gênero. (...) v) «Ficcional» é a classificação dada ao estatuto de um texto em que há predomínio de simulação de situações possíveis.

A ficcionalidade está presente tanto nos romances quanto nas publicidades e ela se manifesta de uma forma diferenciada dependendo de variantes como a situação de comunicação, o contexto discursivo, a presença ou não de elementos paratextuais, dentre outros elementos que auxiliam na identificação de um discurso como ficcional ou factual.

Ao contarmos um episódio que ocorreu no passado, estamos nos valendo de recursos relativos à ficção, visto que é necessário nos reportamos aos acontecimentos que queremos salientar em nossa narrativa. Pelo fato de todo o tempo nos valermos da ficção devido a necessidade de representação como algo próprio da espécie humana, consideramos essencial o “aprendizado” da ficcionalidade. Para Searle (1995, p. 106):

Não há nenhuma propriedade textual, sintática ou semântica, que identifique um texto como uma obra de ficção. O que faz dele uma obra de ficção é, por assim dizer, a postura ilocucionária que o autor assume em relação a ele, e essa postura é definida pelas intenções ilocucionárias que o autor tem quando escreve ou compõe o texto, da maneira que seja.

Nós nos situamos na esteira dos pensamentos que consideram importante que tenhamos um conhecimento sobre a ficção, uma vez que ela deve ser estabelecida *a priori* e se define como algo contratual. Caso contrário, o interlocutor não se encontra na capacidade de classificar um discurso como ficcional, uma vez que a presença de algumas marcas linguísticas não atestam a existência da ficcionalidade, em razão de que utilizamos as mesmas palavras para nos valermos de discursos ficcionais ou factuais. De acordo com Mendes (2004, p. 119):

Na nossa opinião, a ficcionalidade perpassaria um grande número de fenômenos que poderiam ser construídos seja através da língua, seja através de outros sistemas. No entanto, pensamos que existem graus de presença da ficcionalidade, ou seja, em alguns casos ela é preponderante, em outros casos ela somente auxilia a construção de uma produção discursiva.

A ficcionalidade se apresenta como um mecanismo de produção que, em alguns casos, não se define como claramente marcada ou evidenciada em um discurso, posto isto, Mendes (2004) nos atenta para o fato de que há quatro tipos, sendo elas: ficcionalidade constitutiva, ficcionalidade predominante, ficcionalidade colaborativa e a factualidade colaborativa.

A ficcionalidade constitutiva se faz presente em todos os tipos de linguagem. No caso das línguas em geral, observamos que não é necessária a presença do objeto retratado pelo discurso para que possamos entendê-lo, posto que já possuímos uma representação mental de tal objeto. Segundo Mendes (2004, p.131-132):

Trata-se de um tipo simulação encontrado «fora» da esfera do discurso e que, por este motivo, não influenciaria o estatuto - ficcional ou factual - dos gêneros. O mecanismo de simulação, nesses casos, seria constitutivo de tais fenômenos, operaria como um dos elementos de sua produção. Como exemplo, podemos citar a própria relação mundo/palavra. A língua representa os objetos no mundo. Trata-se de uma problemática da Teoria da Referência na qual se postula que as palavras designam classes de coisas e não as coisas elas mesmas. As palavras serviriam, assim, para «representar» as coisas existentes no mundo.

Tendo em vista as ideias que expusemos sobre a tipologia da ficcionalidade constitutiva e revisitando o discurso filosófico de Platão em sua obra *A República* ([séc.IV a.C]2000), ressaltamos que, ao abordar a questão da divisão entre o mundo sensível e o mundo inteligível, Platão nos atenta para o fato da linguagem se caracterizar como uma representação da realidade e não a realidade. O artista belga René Magritte (1928-1929) expõe de forma exemplar o que o filósofo grego já havia acentuado quando, na obra em que o pintor retrata um cachimbo, encontramos inscrita a seguinte frase: “*Ceci n’est pas une pipe*” (Tradução nossa : Isso não é um cachimbo). Ao aliarmos os estudos filosóficos de Platão (2000) aos estudos linguísticos de Mendes (2004), buscamos concordar com a referida autora quando afirmamos que tanto a linguagem verbal quanto a linguagem icônica pertencem à tipologia da ficcionalidade constitutiva.

A ficcionalidade predominante abrange a definição tradicional de ficção, uma vez que ela pode ser definida como uma simulação de mundos possíveis, isto é, acontecimentos que poderiam ser possíveis de existir no mundo real. De acordo com Mendes (2004, p. 141):

Tal divisão agruparia os gêneros textuais que possuiriam estatuto ficcional. É um tipo de produção que se constituiria predominantemente de simulações de situações possíveis e seria permeada de efeitos de real e de ficção. Seria interessante ressaltar que qualquer gênero de discurso cujo estatuto seja factual é passível de se transformar em um gênero de estatuto ficcional.

O entrelaçamento dos efeitos de real e de ficção auxilia na construção da tipologia da ficcionalidade predominante. Em relação aos efeitos, conforme propõe Charaudeau ([1983]2008) o efeito de real pode ser verificado por meios das figuras: i) do tangível (sentidos); ii) da experiência (vivência própria ou de alguém); iii) do dizer (lugares de evidências institucionalizados ou não); iv) do saber (codificada pelas ciências); v) do fazer (fala injuntiva e/ou performativa), e o efeito de ficção pode ser constatado pela junção das figuras: i) da distância no tempo e no espaço; ii) das desproporções das dimensões (o monstruoso); iii) das desproporções das quantidades (o enorme) e das desproporções das noções (o inacreditável).

Com o propósito de estabelecermos um diálogo entre os *corpora* selecionados para a pesquisa e o percurso teórico delineado por nós, gostaríamos de elencar, como forma de exemplificação da ficcionalidade predominante, algumas reflexões referentes a essa tipologia e ao romance escolhido.

O romance *L'Invitée* (1943) contempla a tipologia da ficcionalidade predominante, dado que abarca diversas simulações de mundo possíveis, trata-se de um gênero literário romanesco e abarca a definição mais corrente sobre o que entendemos por ficcionalidade. Nessa obra, destacamos a existência de diversos efeitos de real e de ficção, cabendo aos efeitos de real a presença da descrição de personagens e de acontecimentos que são próprios da vida pessoal da escritora.

Ao apresentar uma trama que se desenvolve através de um triângulo amoroso composto pelas personagens Françoise, Xavière e Pierre, Beauvoir retrata ficcionalmente a relação existente entre ela, Olga Kosakiewicz e Jean Paul-Sartre. De acordo com Deguy & Beauvoir (2008, p. 21): “En 1935 elle se lie avec une élève, Olga Kosakiewicz, pour laquelle Sartre conçoit une passion non payée de retour. L’aventure de ce trio trouvera une transposition romanesque dans *L’invitée*.” (Tradução nossa: Em 1935, ela constrói uma amizade com uma aluna, Olga Kosakiewicz, pela qual Sartre manifesta uma paixão não correspondida. A aventura do trio encontra-se transposta no romance *A convidada*). Juntamente com a descrição do envolvimento afetivo das três personagens elencadas

acima, encontramos também alguns acontecimentos presentes no decorrer da narrativa literária que se assemelham à biografia de Simone, como a ida de Sartre à Alemanha e a comunicação de Beauvoir, exclusivamente por cartas, com os amigos que estavam em trabalho de exercício militar durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No que concerne ao primeiro episódio, destacamos o trecho de *L'invitée* (1943, p. 470):

Pierre s'éloigna. Dans quelques jours, ils seraient séparés. Pierre ne serait plus sous son treillis de toile qu'un soldat anonyme et solitaire. Françoise verrait le théâtre fermé, ses amis disséminés. Et cependant, Claude se morfondrait à Limoges, loin de Suzanne. Élisabeth fixa l'horizon bleu où venaient se fondre les roses et les verts de la plaine. Dans la tragique lumière de l'histoire, les gens se trouvaient dépouillés de leur mystère inquiétant. Tout était calme; le monde entier était en suspens et dans cette attente universelle, Élisabeth se sentit accordée sans crainte, sans désir à l'immobilité du soir.

Pierre se afastou. Dentro de alguns dias estariam separados. Pierre vestiria um uniforme e se transformaria num soldado anônimo e solitário. Françoise veria o teatro fechado, seus amigos separados. Claude aborrecia-se em Limoges, longe de Suzanne. Élisabeth fitou o horizonte azul, onde vinham fundir-se os verdes e os rosas da planície. Na trágica luz da história, as pessoas surgiam despojadas de seu mistério inquietante. Tudo era calmo; o mundo inteiro encontrava-se em suspenso, e nessa expectativa universal Élisabeth sentia que em seu estado de espírito afinava com a imobilidade da noite. (tradução nossa)

E, no que concerne ao segundo episódio, sublinhamos a passagem de *L'invitée* (1943, p. 493):

- Je suis peut-être mal faite, dit-elle pensivement. Mais quand les gens sont absents, ça me semble si vain d'essayer de garder des rapports avec eux. On peut penser à eux. Mais écrire des lettres, envoyer des colis. Elle eut une petite moue: J'aimerais encore mieux faire tourner les tables. Françoise la regarda avec une rage impuissante. N'y avait-il aucun moyen d'anéantir cet orgueil insolent?
- Eu talvez não seja feita para isso, disse ela pensativamente. Mas acho tão vazio procurar manter relações com as pessoas quando elas estão ausentes. Podemos pensar nelas; mas escrever cartas, enviar pacotes...Seria preferível fazer sessões de espiritismo – acrescentou com um muxoxo. Françoise olhou-a com raiva impotente. Não haveria jeito de aniquilar este orgulho insolente? (tradução nossa)

Tais acontecimentos podem ser entendidos como efeitos de real, uma vez que se pautam na figura da experiência referente à vivência particular da escritora francesa, como destacamos abaixo nos trabalhos de Deguy & Beauvoir (2008, p. 24-25):

La déclaration de guerre, en septembre 1939, vient briser ces dix ans de bonheur insouciant. Sartre est mobilisé dans le service météo, Bost en premier ligne.



Angoissée, restée seule à Paris privée des piliers de sa vie et s'inquiétant pour eux, Beauvoir s'adonne à une intense activité épistolaire: lettres quotidiennes à Sartre, à Bost, lettres plus épisodiques à divers amis: il faut que la communication ne se rompe pas. (...) On sait comment Hitler de retourna contre la France en une offensive éclair. En juin 1940, Sartre est fait prisonnier, envoyé en Allemagne. Bost, blessé en mai, sera évacué.

A declaração de guerra em setembro de 1939 vem quebrar estes dez anos de felicidade despreocupada. Sartre foi convocado para o serviço de meteorologia, Bost, linha de frente. Angustada, deixada sozinha em Paris, privada dos pilares de sua vida, Beauvoir se envolve em uma intensa atividade epistolar: cartas diárias a Sartre em Bost, cartas mais episódicas a vários amigos: é necessário que a comunicação não se rompa. (...) Nós sabemos como Hitler se voltou contra a França em uma ofensiva relâmpago. Em junho de 1940, Sartre foi capturado, enviado para a Alemanha. Bost, atingida em maio, será evacuada. (tradução nossa)

Para que o sujeito interpretante consiga definir os acontecimentos pertencentes à vida pessoal de Simone – envolvimento em um triângulo amoroso bem como a participação de Sartre e de alguns amigos na Segunda Guerra Mundial – como efeitos de real dentro do livro *L'invitée* (1943), é necessário que o leitor se alicerce em conhecimentos de mundo pertencentes à biografia de Beauvoir e ao contexto sócio-histórico mundial.

Os trabalhos de Mendes (2004) e a noção de efeitos de real de Charaudeau (1983) nos atentam para o fato de que, para que uma obra seja qualificada como ficção, nem sempre é necessário que tenhamos a exclusividade de elementos não factuais, conforme pudemos demonstrar, anteriormente, nos trechos da obra ficcional de Beauvoir. Para Searle (1995, p. 115): “Outra característica interessante da referência ficcional é que normalmente nem todas as referências numa obra de ficção serão fingidos de referência; algumas serão referências reais.” Os efeitos de real, portanto, podem ser qualificados como estratégias que auxiliam na configuração do gênero e que estão presentes no seu interior. Por consequência, a determinação de um discurso como ficcional ou factual é caracterizada por elementos que agem simultaneamente e que não possuem propriedades estáveis.

Em relação à tipologia da ficcionalidade colaborativa, julgamos conveniente destacar que ela acontece em gêneros de estatuto factual na qual a ficcionalidade colabora para a constituição do próprio gênero. De acordo com Mendes (2004, p. 134-135):

Tipo de simulação de situação possível que contribuiria para a constituição de determinados gêneros. Embora o estatuto do referido gênero seja factual, há um

considerável entrelaçamento de efeitos de real e de efeitos de ficção. A ficcionalidade colaborativa seria uma modalidade que se realizaria no discurso.

Nesse caso, podemos citar como um exemplo clássico as publicidades, visto que, para que o produto seja apresentado ao público-alvo, notamos a existência da ficcionalidade. É comum encontramos nesse gênero o uso de uma simulação de mundo possível tendo como objetivo a promoção e a venda do produto. Em publicidades de margarina, por exemplo, é frequente a simulação de uma família unida e feliz ao redor da mesa que se delicia com o café da manhã e os benefícios que o produto alimentício pode trazer para a saúde. No entanto, não podemos deixar de sublinhar que, no gênero publicitário, o estatuto se define como factual, cabendo à ficcionalidade uma espécie de auxílio na constituição do discurso. Prova disso é que o produto anunciado pode ser encontrado no mercado.

A tipologia da factualidade colaborativa se manifesta em gêneros de estatuto ficcional e, na maioria dos casos, ela atribui legitimidade ao discurso. Segundo Mendes (2013, p. 135-136):

Nos gêneros de estatuto ficcional encontramos um outro fenômeno que denomino factualidade colaborativa. Trata-se dos casos nos quais observamos dados factuais em um gênero de estatuto ficcional. (...) A factualidade colaborativa não deve ser confundida com os efeitos de real (...) Os efeitos são mais pontuais, aparecem de forma mais esporádicas. Já a factualidade colaborativa é bastante predominante no gênero de discurso estudado, o factual é a base de construção do sentido.

As histórias em quadrinhos produzidas pela artista argentina Maitena Burundarena são bons exemplos da factualidade colaborativa, uma vez que a artista pertence ao mundo real e se auto representa em suas histórias através de sua caricatura. Os acontecimentos criados pela artista são encenações possíveis de se existir no mundo vivido, no entanto, elas são fictícias, caracterizando assim as HQs como pertencentes ao estatuto ficcional. Por outro lado, como a personagem principal é a própria Maitena, seus quadrinhos se tornam auto caricaturais, já que a artista desempenha um processo de autoficcionalização de sua identidade propiciando ao discurso certa dose de factualidade. Desse modo, podemos observar que a factualidade colabora na composição desse discurso especificamente.

Tomando como ponto de partida de nossa pesquisa o primeiro romance publicado por Beauvoir, concebemos como essencial o estudo no que diz respeito ao discurso ficcional, pois a obra de análise encontra-se presente nesse universo discursivo. Para nós, a ficcionalidade não se caracteriza como algo pertencente à esfera da falsidade ou da invenção, posto que, ao nos ancorarmos nos estudos de Mendes (2004), entendemos, portanto, a ficção como um instrumento capaz de simular mundos e situações possíveis sem necessariamente apresentar como objetivo ludibriar alguém.

No romance *L'invitée* (1943), a ficcionalidade de Simone se mostra permeada de diálogos e sem muitas descrições das personagens, o que proporciona certo dinamismo na narrativa. Ao tratar de temas universais – os ciúmes, a morte, a culpa, o amor, a fidelidade – Simone propicia ao seu leitor uma leitura que não se qualifica como de entretenimento. Ler os romances de Beauvoir é se defrontar, a todo o momento, com questões emocionais, ideológicas, éticas e morais. Somos convocados a nos retirar do lugar de espectador de uma obra para refletirmos através dos comportamentos e discursos dos personagens, sejam eles tomados na esfera do feminino ou do masculino, uma vez que ambos são seres humanos que se comportam de acordo com as experiências de vida que tiveram, com os conhecimentos de mundo que apresentam e com as crenças que possuem.

A seguir, continuaremos a abordar a ficcionalidade, posto que estamos nos situando no discurso literário de Simone de Beauvoir, porém, focalizaremos as interlocuções possíveis entre a ficção e a Análise do Discurso Franco-Brasileira.

### **2.3 A ficcionalidade na Teoria Semiollingüística**

Tendo em vista o que expusemos sobre os estudos da ficcionalidade, gostaríamos de abordar a perspectiva da ficção no que diz respeito à Teoria Semiollingüística de Charaudeau ([1983]2008).

No seu curso de Linguística Geral, Saussure (1977) afirma que o sentido do signo é social e, posteriormente, Barthes (1996) endossa os trabalhos do linguista suíço ao sustentar que o projeto semiológico não deve ser uma cópia do saber linguístico, uma vez que deve ser mais amplo. Assim como os linguistas acima, nós, analistas do discurso, acreditamos que os processos de significação vão além dos elementos linguísticos. Nos

caminhos da Semiologia, a Semiolinguística herda a característica social da primeira ciência e acrescenta a ela elementos interdisciplinares (a *semio*) alicerçados nos fatos da linguagem (a *linguística*). Para Machado & Mendes (2013, p.10):

O próprio Charaudeau (1995, p. 98) explica o porquê da escolha do termo Semiolinguística, com o qual batizou sua teoria e esclarece que o sentido desta designação vem de *sémiosis*, processo que traz em si uma relação entre a forma e o sentido, nos diferentes quadros epistemológicos. No mesmo artigo, ele consagra um segmento ao “Duplo processo de semiotização do mundo” (Charaudeau, 1995:98, trad.nossa) para explicar os processos de transformação e transação necessários para a melhor compreensão dos usos linguageiros na perspectiva de sua teoria discursiva: trata-se de estudar a forma e o sentido que comandam a criação de diferentes atos de linguagem e sua orientação, que dependem da situação psicossocial que os produz.

Nessa perspectiva, a Semiolinguística é uma teoria artesanal, isto é, ela não se define como automática, inconsciente e mecânica, dado que o sentido é compreendido e interpretado dentro de diferentes situações e contextos sociais, discursivos e históricos.

Alvo de críticas por muitos estudiosos no que diz respeito à ausência da abordagem do discurso ficcional, a Teoria Semiolinguística se exhibe como um dos pilares da Análise do Discurso Franco-Brasileira. Como uma forma de expansão e tropicalização<sup>8</sup> da TS, Machado & Mendes (2013) propõem uma adaptação dos quadros do sujeitos da linguagem de Charaudeau ([1983]2008) no que concerne ao discurso ficcional, conforme veremos posteriormente. Primeiramente, elucidaremos os trabalhos de Charaudeau ([1983]2008) sobre a Semiolinguística.

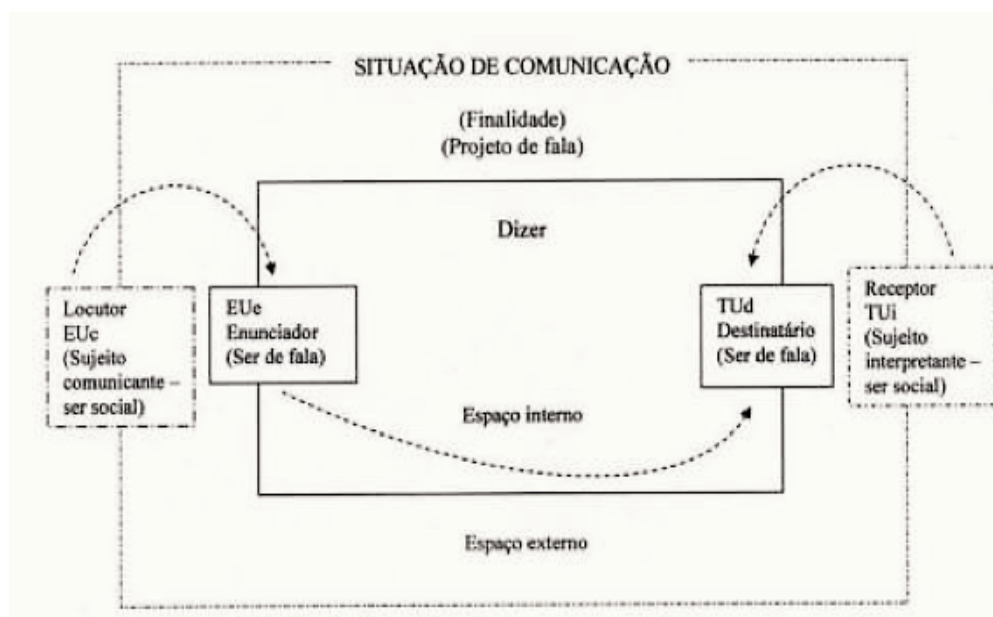
Ao nos filiar-mos à Teoria Semiolinguística de Charaudeau ([1983]2008), nos apoiamos na noção de que todo ato de linguagem é considerado inter-enunciativo, uma vez que este se dá entre quatro sujeitos: EU enunciador (EUe), TU destinatário (TUd), EU comunicante (EUc) e TU interpretante (TUi). De acordo com Charaudeau ([1983]2008), o EUc e o EUe diferenciam-se entre si devido à caracterização do primeiro como o sujeito que produz a fala e que, ao mesmo tempo, projeta um imaginário ideal da mesma, bem como o fato do segundo sujeito representar a imagem de um enunciador criada pelo EUc. É pertinente atentarmos para o fato de que, nem sempre, o EUc é caracterizado por um ser social único, ou seja, em discursos que apresentam mais de um sujeito empírico em

---

<sup>8</sup> Termo utilizado por Machado & Mendes (2013) no artigo: “A Análise Semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização” In: <http://aledportal.com/descargas/13-2.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2014.

sua produção, o EUC é caracterizado como compósito, como é o caso de fotografias artísticas em que a instância de produção se divide em fotógrafo, maquiadores, equipe responsável pela montagem do cenário etc. No entanto, consideramos pertinente destacar que cabe ao fotógrafo uma maior “responsabilidade” no que diz respeito à função do EUC, portanto, a equipe e os maquiadores se inserem na função de “auxiliares”, “apoioadores” do EUC. No que diz respeito ao TUD e o TUI, o autor supracitado classifica o sujeito destinatário como um interlocutor ideal produzido pelo EUE, e o sujeito interpretante como um ser social empírico que possui como principal responsabilidade o processo de interpretação. Desse modo, consideramos pertinente ressaltar que os sujeitos EUE e TUD se classificam como projeções do sujeito EUC. Apresentamos abaixo o Quadro dos sujeitos da linguagem:

Figura 2 – Quadro dos sujeitos da linguagem



Fonte: Charaudeau ([1983] 2008, p. 52)

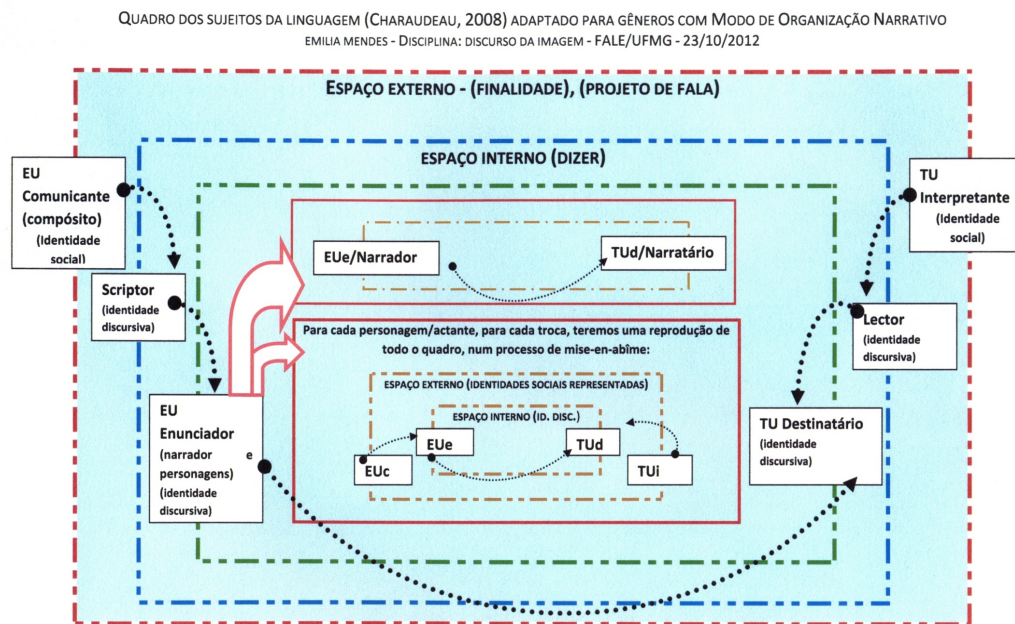
Ao classificar o ato de linguagem como uma aventura e uma expedição, Charaudeau (2008) afirma que a expedição se dá pelo fato do EUC organizar as suas estratégias e competências linguageiras tendo como principal objetivo a produção de um ser de fala que possa representar a imagem que o ser social (EUC) deseja. Em relação à aventura, encontramos a presença do imprevisível, ou seja, a recepção do TUI pode não ser exatamente a mesma do TUD. São os níveis de coincidências entre o TUI e o TUD que garantirá o sucesso desta aventura. Consideramos apropriado destacar que, os sujeitos

do discurso, bem como os processos de produção e de interpretação, não podem ser considerados como algo imutável e estanque, visto que estes elementos se mesclam e variam durante uma situação de comunicação para outra, conforme podemos observar pela utilização das linhas tracejadas no referido quadro.

Julgamos importante ressaltar que, de certa forma, a Teoria Semiolinguística de Charaudeau ([1983]2008) se une aos estudos filosóficos existencialistas, uma vez que, ao sustentar que, em uma situação de comunicação, o sujeito comunicante desempenha a função de selecionar as palavras, os argumentos, as imagens e as emoções que deseja suscitar no sujeito interpretante, o sujeito comunicante se coloca em uma posição de liberdade diante das suas escolhas e, conseqüentemente, de responsabilidade dos efeitos provocados em seu interlocutor. Ressaltamos, assim, que tanto o discurso quanto o sujeito comunicante não se apresentam como uma essência pré-definida de “bom” discurso ou de “bom” orador. Não é raro observamos que a mesma escolha lexical pode desempenhar diferentes efeitos dependendo do público a que o sujeito se direciona, sendo a existência do contexto histórico e social um dos fatores que auxiliará no sucesso da aventura do ato de linguagem. Desse modo, poderíamos afirmar que a TS de Charaudeau ([1983]2008) se baseia em uma concepção existencialista da linguagem, ou seja, somos responsáveis pelas escolhas lexicais que elenco para o nosso discurso, não cabendo somente à natureza dessas palavras o êxito da nossa enunciação.

Visando contribuir com os trabalhos presentes em nossa linha de pesquisa, Machado & Mendes (2013) propõem o Quadro dos sujeitos da linguagem (Charaudeau [1983]2008) adaptado para gêneros com modo de organização narrativo, conforme podemos observar a seguir:

Figura 3 – Quadro dos sujeitos da linguagem adaptado para gêneros com modo de organização narrativo



Fonte: Machado & Mendes (2013)

Para as nossas análises referentes ao romance *L'invitée* (1943), nos ancoraremos no quadro supracitado, uma vez que o consideramos pertinente para o estudo dos gêneros de estatuto ficcional. Com o intuito de aplicarmos tal metodologia no romance selecionado para a pesquisa, no que diz respeito ao espaço externo, encontramos a seguinte configuração: o EU comunicante é caracterizado pelo ser empírico da autora Simone de Beauvoir; o *scriptor* se define como o ser de papel que organiza o trabalho textual, ou seja, o projeto de fala; o EU enunciador pertence à esfera dos narradores e dos personagens, no caso em questão, as vozes femininas presentes nos romances. Desse modo, os parceiros desses sujeitos da linguagem se constituem do seguinte modo: o TU interpretante é determinado pelo ser empírico leitor; o *lector* desempenha a função de reconhecer as pistas linguísticas do *scriptor* e o TU destinatário é quem se dirige as personagens femininas presentes nos romances.

Em relação ao espaço interno, salientamos a presença de dois quadros. No primeiro quadro, temos os sujeitos: EUe/Narrador – aquele que conta a história; o TUd/Narratário – o sujeito que é considerado o TU destinatário do EUe/narrador. No segundo quadro, destacamos a reprodução do Quadro dos sujeitos da linguagem (Charaudeau[1983]2008) para cada personagem feminina presente no romance, visto

que, na esfera do discurso ficcional, tais personagens são seres empíricos que se desdobram em seres de fala.

Assim como o quadro elaborado por Charaudeau ([1983]2008), a metodologia criada por Machado & Mendes (2013) apresenta as linhas tracejadas como forma de demonstrar ao leitor que os sujeitos da linguagem e os processos envolvidos no espaço externo e no espaço interno do dizer se qualificam como fluidos e variáveis, além de evidenciar também que as duplas EUc/EUe e TUD/TUi não podem ser tomados como isolados e distantes no processo comunicacional, uma vez que eles se unem, respectivamente, através dos sujeitos *scriptor* e *lector*. Dessa maneira, gostaríamos de salientar que, muitas vezes, as estratégias de argumentação e os mecanismos linguageiros envolvidos na situação comunicacional são refeitos ao longo da interação entre os sujeitos da linguagem, como é o caso quando temos que enunciar ao nosso interlocutor: “não foi bem isso o que quis dizer, o que disse foi...”

O quadro cunhado por Machado & Mendes (2013) é considerado por nós como bastante inovador e frutífero no que diz respeito aos estudos do modo de organização narrativo do discurso sob a perspectiva da Teoria Semiolinguística, visto que ele abarca uma gama de conceitos que se qualificam como importantes para a análise de discursos ficcionais, como o romance *L'invitée* (1943) de Beauvoir.

#### **2.4 A argumentação no discurso ensaístico de Beauvoir**

Na obras *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976), Simone exhibe a sua teoria sobre a abordagem do feminismo através do gênero ensaio. Muito comum na Filosofia, definido a grosso modo, o ensaio possibilita que o autor expresse o seu ponto de vista sobre os mais variados assuntos e temáticas.

Nos ensaios filosóficos *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976), Simone assinala ao seu leitor posicionamentos e convicções bem delineadas e particulares em relação à questão do gênero feminino enquanto produto de um processo cultural, ideológico e histórico. De acordo com Plantin (2008, p. 55-56):



Para as teorias dialógicas, o estopim da atividade argumentativa é a **dúvida** lançada sobre um ponto de vista, que obriga o interlocutor a justificá-lo. Como a dúvida pede que seja justificada, a situação argumentativa caracteriza-se dialeticamente pelo desenvolvimento e pela confrontação de pontos de vistas em contradição a respeito de uma questão. Essa definição argumentativa é fundamental para a **dialética**, seja ela antiga e de orientação lógica ou filosófica, ou “nova” e interessada na regulamentação de controvérsias sob o controle de normas de razão e de discurso. Ela está na base da argumentação retórica antiga, na qual se encontra a primeira problemática das controvérsias, juntamente com a teoria das questões ou “estados de causa”. Ela é retomada nas abordagens de orientação **interacionista**; assim, para Schiffrin, “a argumentação é um modo de discurso nem puramente monológico, nem puramente dialógico... um discurso pelo qual os locutores defendem posições discutíveis” (grifos do autor) (1987, p. 17-18)

Ao lançar uma teoria existencialista feminina, a autora francesa apresenta em seus ensaios um diálogo entre diferentes áreas, como a história, a psicanálise, a biologia e a literatura com o propósito de contrapor os seus pontos de vista com os que são defendidos por estas áreas do conhecimento. O que buscamos demonstrar é que, ao apresentar os modos de se ver a questão do gênero feminino na história, por exemplo, e com o objetivo de convencer o seu leitor das abordagens elaboradas por ela, Beauvoir busca, em uma relação dialógica, revelar ao seu público-alvo quais são as suas contestações e discordâncias referentes a este sistema histórico de pensamento.

No decorrer da leitura dos ensaios, podemos notar que Simone se coloca como um sujeito que é interpelado pelas questões femininas no mundo ocidental. Buscando não somente argumentar e convencer o seu leitor das formulações apresentadas, Beauvoir, por meio de uma linguagem direta e de um fluxo rápido de pensamentos e proposições, apresenta, em sua obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), uma proposta inovadora no que concerne à concepção de feminino.

Em uma situação de comunicação, na maioria das vezes, buscamos seduzir e influenciar o nosso locutor das mais diversas formas, seja através da imagem de si (*ethos*), da emoção (*pathos*) ou do próprio discurso em si (*logos*). Não podemos deixar de mencionar que esta tríade de provas argumentativas nos remonta aos trabalhos de Aristóteles sobre argumentação e retórica, mas seguramente, a análise do discurso acabou por criar suas concepções próprias, como os trabalhos Maingueneau (1984) e Amossy (2000). Gostaríamos, portanto, de salientar que *ethos*, *pathos* e *logos* não se encontram dissociados um do outro, visto que eles se constroem e se imbricam no discurso do sujeito comunicante. Para nós, o que acontece é uma predominância de uma

prova aristotélica sobre a outra variando de acordo com o contexto histórico, as crenças, as ideologias e o próprio sujeito destinatário.

Em uma concepção ampla, o ato de argumentar pode ser entendido como a manifestação de um ponto de vista buscando influenciar o auditório de modo que ele tenha níveis de adesão em relação à visão apresentada pelo orador. Segundo Danblon (2005, p. 13):

*L'argumentation est une fonction du langage, mais elle n'est pas la seule, loin de là. On s'accorde à dire qu'il de la fonction supérieure du langage, ce qui signifie au moins deux choses. D'abord, elle est l'une des plus complexes en ce sens qu'elle fait appel à des capacités cognitives extrêmement élaborées: ensuite, elle est apparue assez tard dans l'évolution de l'humanité.*

A argumentação é uma função da linguagem, mas não é a única, muito pelo contrário. Há consenso de que se trata de uma função superior da linguagem, o que significa pelo menos duas coisas. Primeiro, é uma das mais complexas no sentido de que ela usa as capacidades cognitivas extremamente elaboradas; em seguida, ela apareceu muito tarde na evolução da humanidade. (tradução nossa)

No senso comum, destacamos a presença da abordagem da argumentação sob o viés da argumentação como uma arte – uma técnica, ou melhor, como uma atividade que demanda um conjunto de regras específicas. Posto isto, sobre a argumentação, nos situamos em outro viés. Conforme destaca Danblon (2013, p. 10):

*Bien d'autres activités humaines, au départ spontanées, se sont technicisées, puis théorisées. La rhétorique est l'une des grandes expressions de la culture humaine comme prolongement de sa nature. Dans cette perspective que je vais défendre, l'exercice de la rhétorique est à la fois le propre de l'homme et une condition de son humanité.*

Muitas outras atividades humanas, a saída espontânea, são mecanizadas e depois teorizadas. A retórica é uma das maiores expressões da cultura humana como uma extensão da sua natureza. Nessa perspectiva, vou defender o exercício da retórica ao mesmo tempo como própria do homem e uma condição da sua humanidade. (tradução nossa)

Ao nos apoiarmos nos estudos da autora supracitada, acreditamos que a argumentação não deve ser vista como uma técnica de bem falar nem como uma benção divina, já que ela deve ser considerada como inata ao ser humano independentemente de sua escolaridade ou padrão social.

Com o propósito de elucidarmos sobre a temática da relação direta entre a argumentação e a racionalidade, faremos uma breve digressão no que diz respeito a essa abordagem. À luz dos estudos retóricos tradicionais, a argumentação estaria voltada para a lógica/razão em oposição à emoção. Nessa linha de pensamento, a racionalidade é vista de forma privilegiada relegando a emoção a um papel secundário e, até mesmo, inferior. Durante o período histórico da Renascença, observamos o apogeu referente a esta perspectiva através da célebre citação do filósofo francês René Descartes (1596-1650): “*Cogito ergo sum.*” (Tradução nossa: Penso, logo existo). No entanto, para nós, razão e emoção não devem ser vistas de forma separada, uma vez que nos associamos aos trabalhos de Danblon (2013) e Maturana & Varela (1995) nos quais os autores nos apontam que toda razão é construída por meio da emoção, ou seja, para estes estudiosos, somos seres emocionais por natureza e a racionalidade é que ocuparia um papel secundário e não o contrário, como propõem os estudos tradicionais. Ao apresentarem uma nova perspectiva de abordagem, Danblon (2013) e Maturana & Varela (1995) afirmam que a emoção é a estrutura basilar para todas as coisas, pois, durante todo o tempo, somos confrontados pelas emoções e temos que dominá-las. Sendo assim, o mundo da lógica, da razão, seria uma espécie de mundo ideal e perfeito de modo que possamos continuar em uma “zona de conforto”.

Ao ampliar as perspectivas de análise no que concerne aos estudos sobre retórica, os autores supracitados contribuem para uma visão menos restrita. O que queremos dizer é que a argumentação não se faz presente somente na língua pela utilização de determinados conectores, nominalizações ou elementos gramaticais, ela se insere em uma concepção mais ampla e discursiva. De acordo com Amossy (2013, p. 3):

*L’usage de la parole est nécessairement lié à la question de l’efficacité. Qu’il vise une multitude indistincte, un groupe défini ou un auditeur privilégié, le discours cherche toujours à avoir un impact sur son public. Il s’efforce souvent de la faire adhérer à une thèse: il a alors une visée argumentative. Mais il peut aussi, plus modestement, chercher à infléchir des façons de voir et de sentir: il possède dans ce cas une dimension argumentative. Comment la parole se dote-t-elle du pouvoir d’influencer son auditoire? Par quels moyens verbaux, par quelles stratégies programmées ou spontanées s’assure-t-elle de sa force?*

O uso da palavra está necessariamente ligada à questão da eficácia. Que ele vise a uma multidão indistinta, um grupo definido ou um auditório privilegiado, o discurso sempre em busca ter um impacto sobre seu público. Ele frequentemente se esforça para criar adesão a uma tese: temos então uma visada argumentativa. Mas ele pode também, mais modestamente, buscar influenciar os modos de ver e

de sentir: ele possui, neste caso, uma dimensão argumentativa. Como a fala é dotada pelo poder de influenciar seu público? Por quais meios verbais, por quais estratégias planejadas ou espontâneas, ela se assegura de sua força? (tradução nossa)

Sob a ótica da argumentação como uma característica inata ao ser humano e à linguagem, podemos observar que os estudos de Danblon (2013) dialogam com os estudos de Amossy (2013).

Tendo em vista a questão da argumentação nos ensaios filosóficos *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) e os estudos de Amossy (2013) salientamos que o sujeito locutor Simone de Beauvoir cria uma identidade no seu discurso posicionando-se em um determinado espaço social visando persuadir o seu público-alvo. Para Amossy (2013, p. 27):

L'argumentation consiste donc dans les moyens verbaux qu'une instance de locution met en œuvre pour agir sur ses allocutaires en tentant de les faire adhérer à une thèse, de modifier ou de renforcer les représentations et les opinions qu'elle leur prête, ou simplement d'orienter leur réflexion sur un problème donné.

A argumentação consiste, portanto, nos meios verbais que uma instância de locução implementa para agir sobre seus alocutários tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes empresta ou simplesmente de orientar sua reflexão sobre um problema dado. (tradução nossa)

Em seu discurso filosófico, Simone constrói argumentos pautados nos modos de ver, pensar e agir do seu auditório, visto que a autora propõe uma concepção no que diz respeito ao modo como as mulheres se comportam diante das mais variadas condições femininas que vivenciam, como, por exemplo, o papel social de mãe, filha, esposa etc.

A presença da descrição dos diferentes papéis sociais que grande parte das mulheres representa, nos faz sublinhar que Beauvoir conhece os comportamentos, as crenças, os gostos e as ideologias do seu alocutário, elaborando, assim, em sua teoria, estratégias mais eficientes para atingir o seu público. Para Beauvoir (1963, p. 105):

On m'attaqua surtout sur le chapitre de la maternité. Beaucoup d'hommes ont déclaré que je n'avais pas le droit de parler des femmes parce que je n'avais pas enfanté: et eux? Ils ne m'en opposaient pas moins des idées bien arrêtées. J'aurais refusé toute valeur au sentiment maternel et à l'amour: non. J'ai demandé que la femme les vécût en vérité et librement, alors que souvent ils lui servent d'alibi et

qu'elle s'y aliène, au point que l'aliénation demeure, le cœur s'étant tari. J'aurais prêché la licence sexuelle; mais je n'ai jamais conseillé à personne de coucher avec n'importe qui, n'importe quand; ce que je pense c'est que, dans ce domaine, les choix, les consentements, les refus ne doivent pas obéir à des institutions, des conventions, des intérêts; si les raisons ne sont pas du même ordre que l'acte qu'elles motivent, on aboutit à des mensonges, à des distorsions, à des mutilations.

Fui atacada, especialmente no capítulo sobre a maternidade. Muitos homens afirmaram que eu não tinha direito de falar sobre estas mulheres, porque eu não tinha filhos: e eles? Eles se opunham a isso com ideias bastante fixas. Eu teria recusado qualquer valor aos sentimentos maternos e ao amor: não. Eu disse que a mulher os vivesse de verdade e livremente, enquanto que frequentemente eles lhes servem de álibi para que ele se aliene, a um ponto. Perguntei se a mulher que a alienação permanece, o coração ficando esgotado. Eu teria pregado a licença sexual; mas eu nunca aconselhei ninguém a dormir com qualquer um, a qualquer hora; o que eu acho é que, neste domínio, as escolhas, os consentimentos, as recusas não devem obedecer instituições, convenções, interesses; se as razões não são da mesma ordem que o ato que as move, isso leva à mentiras, às distorções, à mutilação. (tradução nossa)

A obra ensaística de Beauvoir se assenta sob uma visada argumentativa como propõe Amossy (2013), dado que, observamos a intenção da autora existencialista de agir sobre as crenças e as representações relativas ao mundo feminino.

Buscando refutar as representações sociais que remontam a mulher à figura do inessencial, Simone constrói em sua obra uma teia argumentativa – conjunto de argumentos que se entrelaçam com o objetivo de criar uma espécie de emboscada para o seu alocutário –, ou seja, o que queremos dizer é que, tendo em vista as estratégias argumentativas utilizadas por Beauvoir, como relatos de mulheres, excertos de diários íntimos femininos e discursos científicos, no decorrer da leitura, o sujeito se vê mergulhado em questionamentos, reflexões e posicionamentos críticos no que diz respeito à ideia de que, por sermos biologicamente pertencentes a um determinado sexo, estaremos fadadas a determinados destinos sociais.

Desse modo, notamos que nas obras ensaísticas de Simone, o discurso argumentativo se constrói através de elementos pertencentes às representações e às crenças ocidentais que refutam a ideia de que o masculino deve ser o padrão empregado para valorizar e avaliar a humanidade. Ao propor uma divisão entre a essência e a existência, o biológico e o social, Beauvoir destaca que a feminilidade não é dada *a priori*, uma vez que ela se constrói sociodiscursivamente.

## 2.5 Os estudos bakhtinianos nas obras de Beauvoir

Compreendendo a importância dos trabalhos de Bakhtin e seu Círculo dentro dos estudos do texto e do discurso, gostaríamos de salientar que, na presente pesquisa, as abordagens bakhtinianas se caracterizam como fundamentais para o desenvolvimento dessa análise. Desse modo, neste tópico, abarcaremos as noções de dialogismo, polifonia e alteridade cunhadas pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e o seu Círculo, sob a perspectiva tanto do discurso literário quanto do discurso filosófico.

A noção de dialogismo apresentada por Bakhtin ([1977]2002) apresenta duas dimensões, sendo a primeira a relação que o locutor estabelece com o interlocutor (EU-TU), caracterizando assim o diálogo como um elemento constitutivo da linguagem – relação entre interlocutores – e a segunda, a relação entre os discursos presentes na sociedade. Segundo Brait (1997, p. 98):

Por um lado o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que se configuram numa comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida na linguagem.

Por nos apoiarmos nos estudos pertencentes ao dialogismo, acreditamos que o discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos e que, portanto, nenhum discurso pode ser considerado como original. Nessa perspectiva, o estudo da linguagem deve se pautar em uma dimensão mais ampla levando em consideração que o discurso não é pronunciado no vazio, mas em uma situação histórica e social concreta no mundo e no lugar de atualização do enunciado.

No que se refere ao caráter dialógico da linguagem e, conseqüentemente, ao modo como agimos e tomamos consciência da nossa própria existência, Bakhtin se coloca em diálogo com os estudos psicanalíticos que situam a subjetividade como algo

que é material e não inata ao sujeito. À luz das abordagens freudianas<sup>9</sup>, para que o sujeito psíquico se constitua no ser humano, é fundamental a presença de um outro ser humano. Se um recém-nascido chora no berço, por exemplo, a criança não é capaz de atribuir um sentido ao choro, sendo a mãe, ou quem desempenha esta função, o responsável por conceder tal sentido – fome, dor ou frio. Desta forma, é através da figura materna, ou melhor, da figura do outro, que o sujeito se constitui. Para Bakhtin ([1979]1992, p. 35-36):

A bem dizer, na vida, agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem – para a pura autoconsciência, de maneira imediata, tal valor não existe (para uma autoconsciência real e pura); levamos em conta o fundo ao qual damos as costas, o que não vemos nem conhecemos de maneira imediata, cujo valor não existe para os outros; e, finalmente, presumimos, levamos em conta, o que se passará após nossa morte, o que é resultado global de nossa vida e não existe, claro, senão para os outros, quer se trate de aspectos isolados, quer do todo da nossa vida; chegamos a levar em conta o coeficiente de valor com que a nossa vida se apresenta aos outros, o qual difere profundamente daquele que a acompanha quando a vivemos nós mesmos, em nós mesmos.

Em nossa pesquisa, a noção de dialogismo perpassa por três esferas distintas: i) a constituição dos *corpora*; ii) o gênero romance; iii) o gênero ensaio filosófico. Na primeira esfera, observamos que através das obras *L'invitée* (1943) e *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) nos deparamos, em nosso estudo, com a presença da relação do gênero literário em diálogo com o gênero teórico. Consideramos, assim, que, desde o princípio, a presente pesquisa se caracteriza essencialmente como dialógica.

Na segunda esfera, no romance de Beauvoir notamos a presença dominante de diálogos entre os personagens da narrativa – espécie de diálogo face a face –, bem com a presença do dialogismo entre as consciências e os comportamentos dos personagens ao longo do romance que, ora se evidenciam como um dialogismo de confronto de ideologias, ora se caracterizam como um dialogismo de concordância.

Na terceira esfera, sublinhamos que o dialogismo se confere na relação do discurso teórico de Beauvoir com outros discursos anteriores que irão propiciar novos discursos como resposta àquele primeiro. Nos discursos anteriores ao de Simone, encontramos, dentre outros, os trabalhos de Aristóteles (350 a.C) no que concerne à

---

<sup>9</sup> Cf. RIBEIRO da SILVA, Antônio F. *O desejo de Freud*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.

concepção de que “a fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades” ; os estudos de Martin Heidegger (1920) sobre a filosofia da existência; e as abordagens de Jean-Paul Sartre (1940) sobre o existencialismo e a prerrogativa de que “a existência precede a essência”. Nos discursos posteriores à obra teórica da autora existencialista, prefiguram as implicações filosóficas de Luce Irigaray (1970) sobre a diferença sexual e as produções de Julia Kristeva (1980) que rompem com as noções de masculino e feminino apresentadas por Beauvoir.

Ao observarmos a presença de discursos anteriores e posteriores à publicação do ensaio teórico de Beauvoir, destacamos a existência do conceito de polifonia nas obras da referida autora, visto que esse conceito se configura, no discurso teórico, através do movimento que Beauvoir exerce pela incorporação da voz do EU e do outro.

Da quantidade de vozes que emergem através do dialogismo entre sujeitos e entre discursos decorre a noção de polifonia. Cunhada por Bakhtin para a análise dos romances de Dostóievski, a polifonia pode ser compreendida como as múltiplas vozes que atravessam um discurso, vozes estas que se inserem em contextos sociais, ideológicos e culturais. No entanto, Faraco (2006, p. 75) nos atenta para o fato de que: “*Polifonia* não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes.” (grifo do autor). Apesar de tal conceito se aplicar na obra de Bakhtin aos estudos literários, acreditamos que, tendo em vista as importantes contribuições do filósofo russo e de seu Círculo, podemos expandir a noção de polifonia aos mais variados gêneros do discurso – conforme destacamos anteriormente, no que concerne ao discurso teórico selecionado – bem como a linguagem como um todo. Deste modo, a seguir, buscaremos refletir sobre a multiplicidade de vozes presentes no discurso ficcional de Beauvoir.

Na obra *L’invitée* (1943), destacamos a presença da polifonia através das múltiplas consciências e ideologias que perpassam a obra no que concerne aos comportamentos e às atitudes dos personagens envolvidos na trama literária. Segundo Bezerra (2007, p. 195):

O autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como “consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” com a dele, autor. Com o olhar deslocado, do real móvel e vivido para a ficção, ele não



reflete e recria um universo de objetos dóceis e surdos, passíveis de acabamento: reflete e recria as consciências dos outros e seus respectivos universos em permanente não acabamento, não acabamento esse que é a própria essência dessas consciências, desses universos e traduz “todos os momentos da interdependência dessas consciências (individuais) para a linguagem das relações sociais e das relações vitais entre os indivíduos, que alimentam o “enredo no amplo sentido do termo.”

Na obra ficcional de Beauvoir, os personagens são retratados como sujeitos autônomos e peculiares que interagem, na maior parte da narrativa, de forma harmoniosa com as outras consciências, construindo, assim, certa personalidade aos sujeitos enunciadores. Para Simone, essa “autonomia” dos personagens depende, de certa forma, da imaginação e da capacidade do sujeito comunicante da obra. De acordo com Beauvoir (1948, p. 93)

Un roman n'est pas un objet manufacturé et il est même péjoratif de dire qu'il est fabriqué; sans doute, au sens littéral du mot, il est absurde de prétendre qu'un héros de roman est libre, ses réactions, imprévisibles et mystérieuses; mais, en vérité, cette liberté qu'on admire chez les personnages de Dostoïewski, par exemple, c'est elle du romancier lui-même à l'égard de ses propres projets; et l'opacité des événements qu'il évoque manifeste la résistance qu'il rencontre au cours de l'acte créateur lui-même.

Um romance não é um objeto manufaturado e é mesmo pejorativo dizer que é fabricado; sem dúvida, no sentido literal da palavra, é absurdo pretender que um herói de romance é livre, as suas reações, imprevisíveis e misteriosas; mas, na verdade, essa liberdade que se admira nas obras de Dostoiévski, por exemplo, é a do próprio romancista em relação aos seus projetos; e a opacidade dos acontecimentos que evoca manifesta a resistência que encontra no decurso do próprio ato criador. (tradução nossa)

Destacamos que, na obra *L'invitée* (1943), a polifonia se define através do diálogo entre os personagens no que concerne à existência de diferentes discursos e ideologias sobre as temáticas relativas à existência humana, aos ofícios, às artes e aos acontecimentos políticos mundiais, conforme destacamos no trecho abaixo:

- Je ne croyais pas que c'était comme ça, le théâtre, dit Xavière d'un ton méprisant.
- Comment pensiez-vous? dit Pierre.
- Ils ressemblent tous à des petits commis de magasin; ils ont l'air tellement appliqués.
- C'est émouvant, dit Élisabeth. Tous ces tâtonnements, tous ces efforts confus d'où jaillit à la fin quelque chose de beau.
- Moi, je trouve ça sale, dit Xavière; la colère layait la timidité, elle regardait Élisabeth d'un air noir; un effort ça n'est jamais joli à voir, et quand l'effort avorte par-dessus le marché, alors...elle ricana, c'est burlesque.

- Dans tous les arts, c'est ainsi, dit Élisabeth sèchement; les belles choses ne se créent jamais facilement; plus elles sont précieuses, plus elles exigent de travail. Vous verrez.
- Ce que j; appelle précieux, moi, dit, Xavière, c'est ce qui vous tombe du ciel comme une manne. Elle fit une moue. Si ça doit s'acheter, c'est de la marchandise comme le reste, ça ne m'intéresse pas.
- Quelle petite romantique! dit Élisabeth avec un rire froid.
- Je la comprends, dit Pierre, toutes nos petites cuisines n'ont rien de bien ragoûtant.  
Élisabeth tourna vers lui un visage presque agressif.
- Tiens! Première nouvelle! Tu crois en la valeur de l'inspiration à présent?
- Non, mais c'est vrai que notre travail n; est pas beau; c'est un gâchis plutôt infect.  
Je n'ai pas dit que ce travail était beau, dit Élisabeth précipitamment, je sais bien que la beauté n; est que dans l'œuvre réalisée; mais je trouve saisissant le passage de l'informe à la forme achevée et pure. (In : *L'invitée*, 1943, p. 62-63)
  
- Não sabia que o teatro era isso – respondeu Xavière, num tom de desprezo
- Como julgava que fosse? – interrogou Pierre.
- Parecem todos empregadinhos de uma loja. Tem um ar de tanta aplicação ao trabalho...
- Eu acho isso empolgante – disse Élisabeth.
- Todas essas tentativas, esses esforços confusos, de onde finalmente brotará algo de belo...
- Eu não. Acho tudo isso sujo. Nunca é agradável ver um esforço. E ainda por cima quando o esforço aborta, então... – riu sarcasticamente – então é burlesco. A cólera varrerá sua timidez. Fixava Élisabeth com ar feroz. – Em todas as artes é assim – disse Élisabeth, secamente.
- As coisas belas nunca se criam facilmente e exigem tanto mais trabalho quanto mais preciosas são. Você verá.
- Eu só classifico de precioso o que nos cai do céu, como o maná – disse Xavière, com um muxoxo. – Se tivermos de comprar esse trabalho, torna-se uma mercadoria como qualquer outra e deixa de me interessar.
- Que pequena romântica – disse Élisabeth, com um riso frio.
- Não, eu compreendo o que ela quer dizer – interrompeu Pierre. – Esta nossa “cozinha” na verdade nada tem de sedutor.  
Élisabeth olhou-o, quase agressivamente.
- Essa é boa! Pelo visto acredita agora no valor da inspiração...
- Não, mas a verdade é que o nosso trabalho não tem a mínima beleza; é um negócio bastante infecto...
- Eu nunca disse que esse tipo de trabalho era belo – retrucou Élisabeth. – Evidentemente, a beleza existe apenas na obra já realizada. Mas acho apaixonante a passagem da coisa informe à forma já acabada e pura. (tradução nossa)

A conciliação e o equilíbrio entre as distintas opiniões e vozes que ecoam no discurso literário de Beauvoir aparecem em grande parte da narrativa, como pudemos notar no excerto acima, no entanto, na última parte da obra, as vozes pertencentes às personagens femininas de Françoise e Xavière entram em conflito, culminando, assim, no assassinato de Xavière por Françoise. A seguir, destacamos a cena do assassinato:

Et cependant il suffisait d'abaisser ce levier pour l'anéantir. « Anéantir une conscience. Comment puis-je? » Pensa Françoise. Mais comment se pouvait-il qu'une conscience existât qui ne fût pas la sienne? Alors, c'était elle qui n'existait pas. Elle répéta: « Elle ou moi. » Elle abaissa le levier. (...) Seule. Elle avait agi seule. Aussi seule que dans la mort. Un jour Pierre saurait. Mais même lui ne connaîtrait de cet acte que des dehors. Personne ne pourrait la condamner ni l'absoudre. Son acte n'appartenait qu'à elle. « C'est moi qui le veux. » C'était sa volonté qui était en train de s'accomplir, plus rien ne la séparait d'elle-même. Elle avait enfin choisi. Elle s'était choisie. (*L'Invitée*, 1943, p. 503)

E, no entanto, bastava deixar a alavanca do gás para aniquilar Xavière. “Aniquilar uma consciência. Como poderei?” Mas era possível que existisse uma consciência que não fosse a sua? Nesse caso ela não existia. Repetiu: “Ou ela ou eu.” E baixou a alavanca. (...) Sozinha. Agira sozinha. Tão só como na morte. Um dia Pierre saberia de tudo. Mesmo ele, porém, só conheceria o aspecto exterior de sua ação. Ninguém poderia condená-la ou absolvê-la. Seu ato pertencia apenas a ela. “Fui em quem quis.” Era a sua vontade que, nesse momento, estava se realizando. Nada mais a separava de si mesma. Finalmente escolhera. Escolhera a si mesma. (tradução nossa)

O ato de Françoise de matar Xavière remete o leitor da obra à morte de todos os valores que a jovem do interior representa: a fraqueza, o capricho, a intransigência, o ciúme e o egoísmo. Com esta atitude, Françoise volta a se sentir vencedora e liberta, ao mesmo tempo em que se sente dona do seu próprio destino e de sua própria existência.

Prosseguindo as nossas reflexões sobre a noção de polifonia no discurso ficcional de Beauvoir, ressaltamos que, na última parte da obra, a polifonia não se faz presente através da equipolência, visto que uma consciência anula a outra. De acordo com Faraco (2006, p. 76):

Vivendo em mundo pesadamente monológico, Bakhtin foi, portanto, muito além da filosofia das relações dialógicas criado por ele e por seu Círculo e se pôs a sonhar também com a possibilidade de um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra. Um mundo em que qualquer gesto centrípeto será logo corroído pelas forças vivas do riso, da carnavalização, da polêmica, da paródia, da ironia.

O assassinato de Xavière, bem como a epígrafe presente no livro: “Chaque conscience poursuit la mort de l'autre” (Tradução nossa: Cada consciência persegue a morte da outra) nos permitem afirmar que, no romance analisado, a polifonia se caracteriza como

utópica, pois as personagens femininas principais não conseguem manter uma igualdade entre as consciências e as ideologias pertencentes ao outro sujeito enunciador.

Situando as nossas experiências e discursos sociais sob a perspectiva da polifonia, consideramos que vivemos em um mundo que se caracteriza como superficialmente polifônico – no que diz respeito à equipolência – na medida em que encontramos a existência de várias vozes e de múltiplas ideologias, apesar disso, uma ideologia e um discurso dominante sempre se fazem presentes, seja pertencente aos padrões de estética, ao sistema econômico, às religiões, à moda etc.

Tendo em vista a noção de polifonia e o ensaio *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976), salientamos que Beauvoir nos atenta para o fato de que vivemos em um mundo polifônico, mas não equipolente, já que certas vozes sociais se impõem no que se refere aos discursos relativos aos gêneros sociais, como é a questão da primazia da voz masculina e o silenciamento da voz da mulher. Acreditamos que este silenciamento da voz feminina nos remete às ideias de Beauvoir de que a mulher é vista como o outro. Nessa concepção, julgamos conveniente abordar a noção de alteridade presente também nos trabalhos de Bakhtin e seu Círculo.

Retomando às nossas reflexões sobre a característica essencialmente dialógica da linguagem, situamos todo discurso em uma relação interacional constituída por locutores reais ou fictícios, sendo que, em uma situação de comunicação, tais locutores desempenham a função de sujeito interpretante. Grosso modo, o conceito de alteridade diz respeito à presença do outro em nossas enunciações e discursos. Para Bakhtin ([1979]1992, p. 314-318)

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade.

O papel do outro é de grande importância também na constituição do meu próprio eu, como exemplificamos anteriormente, ao dialogarmos os estudos de Bakhtin aos estudos psicanalíticos freudianos. A todo o momento nos relacionamos com o outro, seja o outro que nos direcionamos em nossa fala (TUi), seja o outro discurso que nos atravessa ideologicamente ao nos posicionarmos sobre uma determinada questão.

Nos estudos pertencentes à Análise do Discurso, o conceito de alteridade é visto em oposição ao conceito de identidade. Para Charaudeau (2008, p. 34), esse princípio:

define o ato de linguagem como um ato de troca entre dois parceiros que são, no caso, o sujeito comunicante (eu) e o sujeito interpretante (tu). Eles se encontram em uma relação interacional não-simétrica, já que cada um deles desempenha um papel diferente: um, o da produção do sentido do ato de linguagem, o outro, o da interpretação do sentido desse ato. “Instaura-se, então, entre os dois parceiros, um olhar avaliador de reciprocidade que postula a existência do outro como condição para a construção do ato de comunicação no qual se *co-constrói* o sentido.” (grifos do autor)

Consideramos pertinente salientar que o conceito de alteridade está presente nas noções de dialogismo e polifonia. No que concerne ao dialogismo, temos a relação EU-TU, em que o TU desempenha o papel do outro na comunicação e temos também a relação entre discursos, na qual o nosso discurso se relaciona com os outros discursos presentes em uma sociedade. No que diz respeito à polifonia, compreendemos as outras vozes presentes em um discurso como uma manifestação da alteridade. Nessa perspectiva, consideramos que as noções de dialogismo, polifonia e alteridade não devem ser analisadas separadamente, uma vez que elas se encontram amalgamadas ao discurso.

Partindo para os nossos *corpora* de pesquisa, encontramos a presença da alteridade nos dois gêneros do discurso. No romance *L'invitée* (1943), o próprio título da obra nos remete à existência de um outro (grifado com minúsculo), ou seja, aquele que é diferente e que está fora da relação amorosa de Françoise e Pierre. No ensaio teórico *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976), a escolha lexical para designar a figura feminina nos remete à ideia de algo secundário e, conseqüentemente, inferior. Durante o ensaio, a mulher é vista como o Outro (grifado com maiúsculo). De acordo com Beauvoir ([1949]1976, p. 17):

L'homme se pense sans la femme. Elle ne se pense pas sans l'homme. Et elle n'est rien d'autre que ce que l'homme en décide; ainsi on l'appelle “le sexe” voulant dire par là qu'elle apparaît essentiellement au mâle comme un être sexué: pour lui, elle est sexe, donc elle l'est absolument. Elle se détermine et se différencie par rapport à l'homme et non celui-ci par rapport à elle; elle est l'inessentiel en face de l'essentiel. Il est le Sujet, il est l'Absolu: elle est l'Autre. La catégorie de l'Autre est aussi originelle que la conscience elle-même. Dans la sociétés les plus primitives, dans les mythologies les plus antiques on trouve toujours une dualité qui est celle du Même et de L'Autre.

O homem se pensa sem a mulher. Ela não se pensa sem o homem. Ela é senão o que o homem que decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, ela é sexo. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; ela é o inessencial perante o essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas sociedades mais primitivas, nas mitologias mais antigas, encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e a do Outro. (tradução nossa)

Julgamos conveniente ressaltar que a argumentação no tocante à alteridade se faz presente tanto no discurso ficcional quanto no discurso teórico de Beauvoir através da figura feminina, cabendo ao primeiro discurso uma perspectiva mais individualizada da alteridade por se tratar de Xavière, a protagonista do romance, e, competindo ao segundo discurso, uma dimensão mais generalizada por se abordar a questão do outro no que concerne ao gênero feminino.

A frase: “*L’enfer c’est les autres*” (Tradução nossa: O inferno são os outros), pertencente ao personagem Joseph Garcin na peça teatral *Huis Clos* (1944) (Entre quatro paredes) de Jean-Paul Sartre, retrata de forma exemplar o que foi exposto acima sobre o conceito de alteridade e a relação que este possui com as obras selecionadas para a pesquisa. Acreditamos, portanto, que a alteridade se apresenta como um importante elemento para compreendermos as obras e o pensamento filosófico de Beauvoir.

## 2.6 Considerações finais

Na presente pesquisa, nos inserimos no papel social de analistas do discurso frente ao discurso filosófico e não o contrário, ou seja, trataremos de conceitos filosóficos na medida em que a nossa análise discursiva nos demandar tal procedimento.

Sob a perspectiva da Análise do Discurso Franco-Brasileira, nos colamos em diálogo com os estudos pertencentes tanto à ficção quanto à teoria, tendo em vista o gênero situacional no qual os *corpora* se inserem. A escolha pelo percurso teórico elencado nos tópicos anteriores desse capítulo se deu, exclusivamente, com base no que consideramos mais pertinente para uma análise da interlocução entre o romance e os ensaios filosóficos.

Como dito anteriormente, na abordagem do nosso percurso teórico, buscamos apresentar algumas reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa e o objetivo que nos

propusemos analisar. Sendo assim, é importante considerar que as teorias que se encontram no presente capítulo estão, de certo modo, mais focalizadas para as questões que serão abordadas no próximo capítulo de nossa dissertação. Tendo em vista que o nosso objetivo primeiro não se classifica como elencar teóricos e teorias sem que isso esteja dentro dos nossos propósitos de pesquisa, buscamos, apresentar ao leitor como as teorias selecionadas são vistas sob a perspectivas tanto da ficção quanto da teoria de Simone de Beauvoir.

**CAPÍTULO 3:**

***L'INVITÉE* (1943) E *LE DEUXIÈME SEXE* (1949):  
OLHARES CRUZADOS**





### 3.1 Considerações iniciais

Nesse capítulo, buscaremos abarcar, primeiramente, a concepção de feminino através dos comportamentos, hábitos e condutas das personagens femininas presentes na obra ficcional de Simone de Beauvoir para, posteriormente, elencarmos as concepções de feminino cunhadas pela filósofa em suas obras teóricas. Gostaríamos de ressaltar, portanto, que a divisão da análise em três partes não se caracteriza como rígida ou estanque, uma vez que buscamos, na última parte de nossa análise, uma interlocução entre os dois discursos – ficcional e filosófico – selecionados para a pesquisa sob a perspectiva do que se entende por feminino nos escritos de Beauvoir.

Por acreditarmos que as obras de Simone de Beauvoir não devem ser lidas de modo independente uma da outra, entendemos que se torna algo quase que inviável analisarmos os nossos objetos de pesquisa sem que haja um diálogo entre as reflexões sobre cada discurso. Posto isto, em um movimento de cotejo, buscamos ora privilegiar o romance, ora privilegiar o ensaio teórico sem que nos coloquemos em uma posição disciplinadora e separatista dos *corpora*.

Para fins metodológicos, buscamos, portanto, desmembrar o discurso ficcional do discurso teórico sem que isso se torne uma exigência formal para as reflexões que serão apresentadas a seguir, desse modo, primeiramente, faremos uma análise do romance para, posteriormente, analisarmos os ensaios. Tendo em vista o discurso ficcional selecionado para a nossa análise, nos pautaremos nas figuras femininas de Françoise e Xavière, posto que estas personagens se constituem como parte integrante do triângulo amoroso presente no romance.

### 3.2 A concepção de feminino na obra *L'invitée* (1943) à luz da personagem Françoise

Na trama, a primeira aparição de Françoise se dá no ambiente artístico do teatro e na companhia de Gerbert – jovem de vinte anos que auxilia na montagem do palco e na composição das peças teatrais – onde a personagem está trabalhando em uma máquina de escrever às duas horas da manhã. Nas primeiras páginas do livro, constatamos a

presença de alguns elementos que nos remetem à personalidade de Françoise, destacamos os trechos:

“Elle avait ce pouvoir: sa présence arrachait les choses à leur inconscience, elle leur donnait leur couleur, leur odeur.” (*L’invitée*, 1943, p. 12)

Ela [Françoise] possuía este poder: sua presença arrancava as coisas de sua inconsciência, lhes dava sua cor, seu odor., (tradução nossa)

“Leurs pensées, ça me fait juste comme leurs paroles et leurs visages: des objets qui sont dans mon monde à moi. Élisabeth s’étonne que je ne sois pas ambitieuse: mais c’est aussi pour ça. Je n’ai pas besoin de chercher à me tailler dans le monde une place privilégiée. J’ai l’impression que j’y suis déjà installée.” (*L’invitée*, 1943, p. 18)

Seus pensamentos, isso me parece justamente como suas palavras e seus rostos: são objetos que pertencem ao meu próprio mundo. Élisabeth admira-se por eu não ser ambiciosa: mas é também por isso. Eu não tenho necessidade de construir para mim um lugar privilegiado no mundo. Eu tenho a impressão de que já estou instalada nele. (tradução nossa)

Logo no início da leitura do romance, o leitor é capaz de perceber que a personagem em questão apresenta um *ethos*<sup>10</sup> de uma mulher independente, segura, bem resolvida consigo mesma e bem quista pelos outros.

Para nós, a imagem de Françoise é construída, ao longo da narrativa, de forma a elucidar três aspectos importantes na constituição ideológica e ética da personagem em questão, sendo eles: a modernidade, o trabalho e a liberdade. A seguir, abordaremos estes tópicos com o objetivo de demonstrarmos, de forma mais detalhada, como o processo de construção da concepção de feminino é retratada na obra ficcional de Beauvoir, tendo em vista uma das principais personagens do romance.

Em Françoise, a modernidade não se delineia como uma espécie de herança de família, ou seja, os comportamentos da personagem não se adequam àqueles que foram

---

<sup>10</sup> Consideramos pertinente destacar que não abarcaremos o conceito de *ethos* de forma mais aprofundada, visto que este não se caracteriza como um dos nossos objetivos de pesquisa. Nesse trabalho, entendemos por *ethos* a argumentação voltada para o caráter do orador, ou melhor, para a imagem que este constrói de si mesmo. Por se tratar de um discurso ficcional, nos aliamos aos trabalhos de Amossy (2000, p.84-85): “Como levar em consideração um *ethos*, um personagem que não corresponde ao meu eu, que deforma e nega, sob um investimento de universalidade, o que sou – mulher, árabe, negro, colonizado, etc? É a partir dessa interrogação que se instaura a pergunta da construção do *ethos* no discurso não como uma imagem que se alimenta de modelos consensuais, mas pelo contrário, como invenção de uma imagem que se curva às conveniências das armadilhas das representações e de normas alienantes para produzir a invenção de uma identidade.” (tradução nossa).

vivenciados por ela durante o convívio familiar. Ao fazer uma visita a seus pais, ressaltamos o seguinte trecho:

Elle feuilletait un journal de modes et Françoise vint s'asseoir sur le bras de son fauteuil. M. Miquel lisait *Le Temps* au coin de la cheminée où flambait un feu de bois. Les choses n'avaient guère changé en vingt ans, c'en était oppressant. Quand Françoise se retrouvait dans cet appartement, il lui semblait que toutes ces années ne l'avaient menée nulle part: le temps s'étalait autour d'elle en une mare stagnante et douceâtre. Vivre, c'était vieillir, rien de plus. (*L'invitée*, 1943, p. 143)

Ela [sra Miquel] folheava um jornal de modas e Françoise veio se sentar no braço da poltrona. O Sr. Miquel lia *Le Temps*, sentado junto da lareira onde ardia um fogo de lenha. As coisas não tinham mudado muito em vinte anos, isso era oprimente. Quando Françoise voltava à este apartamento, parecia-lhe que todos estes anos não a haviam levado a lugar nenhum: o tempo estendia-se ao seu redor, como uma poça estagnada de uma monotonia enjoativa. Viver era envelhecer, nada mais. (tradução nossa)

Constatamos que, apesar dos pais de Françoise se apresentarem, aos seus olhos, como possuídos de um *ethos* conservador e tipicamente tradicional, observamos, na personagem, uma atitude de contestação e, até mesmo, de repulsa diante do modo de vida e, conseqüentemente, da sociedade que os pais representavam.

Buscando romper como os valores, ideologias e comportamentos dominantes da sociedade francesa do século XX, Françoise abdica o estilo de vida vivido pelos seus pais e disseminado socialmente para assumir um *ethos* de uma mulher moderna e à frente de seu tempo. Posto isto, não é raro encontrarmos, no romance, trechos nos quais a personagem critica o senso comum e os imaginários sociodiscursivos femininos mais difundidos dentro da cultura ocidental. Destacamos o fragmento: “Des femmes bien conservées, dit Françoise, c'est affreux cette expression; je pense toujours à des conserves de homard et le garçon qui vous dir: « C'est aussi bon que du frais. »” (*L'invitée*, 1943, p. 176) (Tradução nossa: Acho horrível esta expressão: mulheres bem conservadas. Parece que ouço um homem do armazém quando quer vender lagosta em conserva: “É tão boa como a fresca”). Ao se posicionar ideologicamente contra as apreciações e as valorações da mulher na sociedade em que vive, Françoise se apresenta ao leitor como uma mulher de posicionamentos sociais bem definidos e consolidados. Para ela, assim como para nós, analistas do discurso, o discurso é uma prática social sendo o ponto de encontro entre a linguagem e a ideologia. É possível notar tal constatação quando a personagem atenta a sua amiga para o fato de não lhe agradar o uso das expressões

cotidianas sobre o aspecto físico das mulheres, visto que o uso da expressão “bem conservada” faz emergir os imaginários sociodiscursivos da mulher relacionados à ideia de produto ou de objeto.

A modernidade de Françoise não está expressa somente na vida social com familiares e amigos, mas também na vida pessoal e íntima. No relacionamento que ela mantém com Pierre e Xavière, por meio de um triângulo amoroso, Françoise apresenta certas atitudes inovadoras e inesperadas, se tomarmos como ponto de partida uma perspectiva conservadora no que tange aos contratos e aos acordos sociais relativos às relações amorosas e ao matrimônio. A relação entre Françoise e Pierre – famoso ator de teatro – pauta-se na lealdade e na liberdade. Tanto a primeira quanto a segunda características do relacionamento amoroso de Françoise e Pierre são levadas até as últimas consequências, ao ponto de ambos confessarem um ao outro as suas relações extraconjugais, algo considerado impensável se tomarmos como referência os padrões tradicionais no que se refere a relações afetivas. Analisamos os excertos:

– Voyez, s’il y a aussi un amour entre Labrousse et vous, comme ça fait un beau trio, tout bien équilibré, dit-elle. Ce n’est pas une forme de vie ordinaire, mais je ne la crois pas trop difficile pour nous. Ne pensez-vous pas?

– Si, dit Xavière qui saisit la main de Françoise et la serra. (*L’invitée*, 1943, p. 264)

– Veja, se há também um amor entre Labrousse e você, daria um belo trio, bem equilibrado, diz ela. Não é um tipo de vida ordinário, mas não acho que seja muito difícil para nós. Você não pensa nisso?

– Sim, diz Xavière, que pega a mão de Françoise e a aperta. (tradução nossa)

Ce serait plaisant de voir tout ça, avec Xavière; ses regards transfiguraient les moindres objets. En lui montrant tout à l’heure les bistrots des Halles, les monceaux de carottes, les clochards, il avait semblé à Françoise les découvrir pour la première fois. Françoise prit une poignée de crevettes roses, et commença à les décortiquer. Sous les yeux de Xavière, les quais grouillants du Pirée, les barques bleues, les enfants crasseux, les tavernes à l’odeur d’huile et de chair grillée révéleraient des richesses encore inconnues. Elle regarda Xavière, puis Pierre; elle les aimait, ils s’aimaient, ils l’aimaient; depuis des semaines ils vivaient tous trois dans un enchantement joyeux. Et comme cet instant était précieux, avec cette lumière de petit matin sur les banquettes vides du Dôme, l’odeur du carreau savonneux, ce goût léger de marée fraîche. (*L’invitée*, 1943, p. 288-289)

Seria agradável ver tudo isso com Xavière. Seus olhares transfigurariam os menores objetos. Há pouco, mostrando-lhe os bistrots dos Halles, os botecos em torno dos mercados, os montes de cenoura, os vagabundos. Françoise julgara descobrir tudo pela primeira vez. Françoise tirou do saco um punhado de camarões rosa e começou a descascá-los. Vistos pelos olhos de Xavière, os cais ruidosos do Pireu, as barcas azuis, as crianças sujas, as tabernas cheirando a

azeite e a carne assada revelariam riquezas ainda desconhecidas. Olhou para Xavière e depois para Pierre. Amava-os. Por sua vez, eles a amavam e se amavam. Nas últimas semanas viviam os três num encantamento, numa alegria total. E como era precioso aquele instante, com a luz da madrugada batendo nas banquetas vazias do *Dôme*, com o cheiro de mosaico lavado, com o gosto leve de maré fresca na boca. (tradução nossa)

A modernidade se traça, então, por meio de uma característica que é considerada como tradicional dentro do universo conservador das relações íntimas: a lealdade. Ao proferir os votos matrimoniais nas cerimônias pertencentes à esfera católica apostólica romana, os noivos enunciam: “Eu, recebo-te por meu esposo (a) a ti, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.”<sup>11</sup>, o casal assume que não faltará às promessas que fez um ao outro. Ao apresentar a característica da lealdade por meio de atitudes honestas, íntegras e fieis com o seu parceiro, Françoise exibe certo caráter conservador no que diz respeito à sua relação com Pierre, no entanto, a modernidade se faz presente de forma mais acentuada, visto que a fidelidade e a lealdade que ambos têm um com outro não se assemelham aos padrões religiosos por não se tratar de uma esfera monogâmica do matrimônio. O que queremos dizer é que, ao se portar com um sentimento de lealdade e fidelidade perante Pierre, Françoise assume um *ethos* de uma mulher moderna, posto que por meio dessa postura ela aceitará e compreenderá outras relações amorosas e sexuais que ele possa ter.

Para nós, ao longo do romance, a presença de uma “*invitée*” (convidada) na relação amorosa entre Françoise e Pierre não se baseia como o principal conflito da narrativa, cabendo ao clímax da narrativa os sentimentos existenciais e filosóficos relativos à inserção do ser humano em um mundo cercado por valores morais e éticos. Necessariamente, no decorrer da leitura, tanto o leitor quanto a personagem Françoise se deparam com perguntas do tipo: Quem sou eu? Como me relaciono com os outros e comigo mesma? Como a minha liberdade interfere na liberdade dos outros? O envolvimento de Françoise, Pierre e Xavière em um triângulo amoroso se caracteriza como o estopim para os questionamentos e reflexões pessoais de Françoise, no entanto, em nós, leitores da obra e seres singulares, a interpelação de Françoise nos atravessa sob os mais diversos domínios de vida, sejam estes profissionais, pessoais ou sexuais.

---

<sup>11</sup> Os mais antigos votos matrimoniais teriam aparecido, primeiramente, no livro *Book of Common Prayer* (1549) durante o reinado de Edward VI. Tal livro apresenta pequenos livros de oração pertencentes a cerimônias da Comunhão Anglicana.

O segundo aspecto importante na constituição ideológica e ética de Françoise se esboça no que concerne ao *ethos* de uma mulher que é bem sucedida profissionalmente. O trabalho feminino se apresenta já na primeira cena do romance na qual Françoise se encontra trabalhando com Gerbert na tradução de uma peça de teatro. Nas páginas iniciais da narrativa, Françoise tenta convencer Xavière a ficar em Paris e arrumar um emprego. Contestada por Françoise sobre a possibilidade de trabalhar como estenodatilografia – conhecimento conjunto da estenografia<sup>12</sup> e datilografia –, na cidade francesa, Xavière responde a Françoise que não é capaz disso, pois a sua tia tentara ensinar-lhe alguns afazeres domésticos e ela não obteve êxitos em tal tarefa. Françoise, assim, responde à jovem interiorana: “– Sans doute pas une bonne ménagère, dit Françoise gaiement. Mais on peut vivre sans ça. – Ce n’est pas à cause de la chaussette, dit Xavière d’une voix fatale. Mais c’est un signé.” (*L’invitée*, 1943, p. 24) (Tradução nossa: – sem dúvida não é uma boa dona-de-casa, diz Françoise rindo. Mas podemos viver sem isso. – Não é por causa da meia – disse Xavière com uma voz fatal. – mas é um sinal). A conversa entre as duas continua e, mais tarde, Françoise propõe, novamente, que Xavière se mude para Paris e que arrume algum trabalho, como destacamos no fragmento:

– Je ne sais pas, dit Xavière. Rien de spécial. Est-ce qu’il faut absolument faire quelque chose? Demanda-t-elle avec un peu de hauteur.

– Quelques heures de travail ennuyeux, ça ne me semblerait pas payer trop cher votre indépendance, dit Françoise. (*L’invitée*, 1943, p. 42)

– Não sei bem, diz Xavière. Nada de especial. Mas é preciso absolutamente que eu faça qualquer coisa? – perguntou com um pouco de altivez.

–algumas horas de trabalho entediante, isso não me pareceria pagar muito caro a sua independência, diz Françoise. (tradução nossa)

Ao destacarmos o diálogo entre Françoise e Xavière, podemos notar na fala da primeira personagem que, para ela, o trabalho confere independência à mulher. Assim, para Françoise, o emprego não se define como algo penoso ou ofensivo, posto que é por meio dele que a mulher garantirá a emancipação social e a autonomia financeira.

Além de conferir certa independência à mulher, para Françoise, o emprego pode ser considerado como uma forma de afirmação de nós mesmos no mundo, ou seja, para

---

<sup>12</sup> Processo de escrita formado de sinais abreviativos convencionais que permitem transcrever as palavras quase tão rapidamente quanto são pronunciadas. O mesmo que taquigrafia. In: <http://www.dicio.com.br/estenografia/>. Acesso em 18/10/2014.

esta personagem, é por meio do trabalho e das habilidades que cada um apresenta que nos colocamos e existimos no mundo, como sublinhamos no trecho: “– Mais ne croyez-vous pas que ce serait différent si vous essayiez de faire quelque chose de vous-même? C’est la meilleure manière de ne pas se diluer.” (*L’invitée*, 1943, p. 306) (Tradução nossa: – Não acha que as coisas seriam diferentes se você tentasse construir qualquer coisa utilizando suas aptidões? Ainda é a melhor maneira de não nos deixarmos diluir). Julgamos conveniente salientar que o aspecto do trabalho, no que diz respeito à construção do *ethos* de Françoise, se pauta no fato desta personagem apresentar sucesso e reconhecimento em sua carreira profissional.

Ao longo da narrativa, Françoise deixa explícita a ideia de que o trabalho não se apresenta como importante somente sob o aspecto da independência financeira, visto que ele se coloca sob o enfoque de uma perspectiva mais ampla: a libertação social da mulher. Talvez, por acreditar que esse seja um dos principais caminhos para a diminuição da desigualdade entre homens e mulheres, bem como para a busca de uma identidade feminina que não se restrinja somente ao ambiente doméstico, Françoise insista várias vezes com Xavière para que ela consiga um emprego e, conseqüentemente, a sua independência e liberdade.

O trabalho, portanto, é visto no romance como algo benéfico para a concepção de feminino que se tem na obra, dado que ele amplia os horizontes da mulher por meio do diálogo que propicia com pessoas, ideias e conhecimentos; proporciona o prazer e a satisfação pessoal; exclui a alienação da mulher no ambiente doméstico – já que o trabalho a coloca em contato com o mundo exterior –; e possibilita a evasão da mulher do estado de imanência rumo à transcendência.

Associada ao estado de transcendência, destacamos o terceiro aspecto referente à constituição ideológica e ética a partir da questão da liberdade no que diz respeito à concepção feminina da personagem Françoise. Na segunda parte do romance, Françoise começa a indagar sobre alguns questionamentos referentes à sua percepção particular do que seja a liberdade e o modo como decorre a sua relação com essa condição humana tão desejada por todos.

Devido aos comportamentos e às atitudes de Françoise, tal personagem nos apresenta um *ethos* de uma mulher livre das regras e condutas sociais. Essa imagem de



Françoise não é percebida apenas pelos leitores da obra, mas também pelos personagens que convivem com Françoise, como é o caso de Gerbert:

Avec vous ça n'a pas de rapport. Il la regarda avec chaleur. Ce qui est fameux entre nous, c'est qu'il y a une telle amitié. Jamais je ne suis gêné devant vous, je peux vous dire n'importe quoi, et je me sens libre.

– Oui, c'est bien s'aimer si fort tout en restant libres, dit Françoise. (*L'invitée*, 1943, p. 486)

– Com você, isso não tem relação. Ele a olhou com calor. O que é formidável entre nós é que exista uma tal amizade. Nunca sinto-me constrangida na sua frente, posso te dizer não importa o quê e sinto-me livre.

– Sim, é bom se amar com tanta intensidade permanecendo livre, diz Françoise. (tradução nossa)

Ao transmitir o sentimento de liberdade para a relação que Françoise e o jovem ator cultivam, é possível denotar que o *ethos* de mulher livre se encarna, tanto em Françoise, quanto na relação que ela mantém com os outros personagens durante a obra.

Contrariando a ideia de que todos nós nascemos com um destino pré-determinado, para Françoise, nós somos livres para escolhermos o que queremos ser, conforme destacamos no trecho: “Il vous semble qu'on est quelque chose de tout fait une fois pour toutes, mais je ne pense pas; j'ai l'impression qu'on se fait librement ce qu'on est.” (*L'invitée*, 1943, p. 307) (Tradução nossa: Você parece pensar que já nascemos feitos. Ora, eu não penso assim; tenho a impressão de que construímos livremente o que nós somos). A ideia de liberdade na personagem Françoise, recai, principalmente, nas suas escolhas e decisões no que se refere ao triângulo amoroso composto por ela, Xavière e Pierre. A relação entre Xavière e Françoise se torna complicada e obscura, devido à exigência da jovem interiorana para que Pierre abandonasse Françoise. Tal exigência se caracteriza como mal sucedida, pois Pierre não a aceita. Observamos então, que Françoise passa a apresentar um *ethos* de uma mulher que luta pela sua liberdade e se responsabiliza por ela.

No decorrer do conflito entre as duas personagens femininas principais, observamos que cada personagem representa valores e concepções femininos – no próximo tópico de nosso trabalho, abordaremos a concepção de feminino presente em Xavière. Destacamos o trecho: “Françoise se regarda dans la glace. A la longue, le caprice, l'intransigeance, l'égoïsme superbe, toutes valeurs truquées, avaient dévoilé leur faiblesse et c'étaient les vieilles vertus dédaignées qui remportaient la victoire.”

(*L'invitée*, 1943, p. 467) (Tradução nossa: Olhou-se no espelho. Com o correr do tempo, o capricho, a intransigência, o egoísmo, todos esses falsos valores tinham revelado sua fraqueza; a vitória pertencia às velhas virtudes desdenhadas). No excerto acima, podemos observar que tendo em vista a necessidade de Françoise para que a sua liberdade volte a se tornar presente, é necessário o aniquilamento da existência que a atormenta, no caso em questão, Xavière. Ao decidir matar Xavière, Françoise arca com as responsabilidades que a liberdade de escolha lhe impõe, como ressaltamos no fragmento:

Seule. Elle avait agi seule. Aussi seule que dans la mort. Un jour Pierre saurait. Mais même lui ne connaîtrait de cet acte que des dehors. Personne ne pourrait la condamner ni l'absoudre. Son acte n'appartenait qu'à elle. "C'est moi qui le veux." C'était da volonté qui était en train de s'accomplir, plus rien ne la séparait d'elle-même. Elle avait enfin choisi. Elle s'était choisie. (*L'invitée*, 1943, p. 503)

Sozinha. Agira sozinha. Tão só como na morte. Um dia Pierre saberia tudo. Mesmo ele, porém, só conheceria o aspecto exterior de sua ação. Ninguém poderia condená-la ou absolvê-la. Seu ato pertencia apenas a ela. "Fui eu quem quis" Era a sua vontade que, nesse momento, estava se realizando. Nada mais a separava de si mesma. Finalmente escolhera. Escolhera a si mesma. (tradução nossa)

Destacamos, assim, que o *ethos* de liberdade presente em Françoise se constrói por meio do compromisso de responsabilidade diante de suas predileções. Matar Xavière é uma decisão solitária e livre de Françoise, que pode acarretar consequências como a consciência inquieta de ter cometido um crime, a descoberta e não aceitação do crime por parte de Pierre, dentre outras consequências, no entanto, cabe somente a Françoise incumbir-se das responsabilidades de sua liberdade.

Desde o início da narrativa, Françoise já se delineia ao leitor com uma mulher independente, admirada profissionalmente, rodeada de amigos e realizada emocionalmente. Acreditamos que o *ethos* de modernidade abarca, satisfatoriamente, tais características e comportamentos de Françoise, dado que a personagem rompe com os imaginários sociodiscursivos referentes à concepção de feminino e instaura novos imaginários. A modernidade se constrói, então, por meio da suspensão dos papéis sociais femininos mais difundidos socialmente, como a mãe, a dona de casa, a mulher casada, e do deslocamento da figura feminina para os imaginários referentes à mulher

independente que é dona dos próprios desejos, sejam estes espirituais ou carnisais, e livre para decidir o seu destino.

Ao abarcamos a concepção de feminino em Françoise, tomando como ponto de partida três aspectos que consideramos relevantes (modernidade, trabalho e liberdade), nos pautamos, a todo o momento, em uma nova concepção de mulher por meio da análise dos comportamentos, falas e atitudes da personagem. Por ser uma mulher que trabalha e que possui independência financeira, Françoise se retrata como detentora de sua liberdade e, conseqüentemente, ao unirmos tais elementos formadores da constituição ideológica dessa personagem, no que diz respeito à autonomia e à ocupação profissional, a caracterizamos como uma mulher que está à frente de seu tempo.

Poderíamos afirmar, portanto, que, para Françoise, ser mulher é ser livre para fazer as suas escolhas e viver a sua vida da forma como bem preferir, é ter valores e ideologias que a colocam em posição de igualdade ao homem, é ser capaz de se inserir no mundo com objetivos de vida que lhe são preferidos e não impostos, ou seja, é poder ser livre em todas as áreas – sexual, emocional, profissional, econômica – e assumir todos os efeitos e resultados que a suas predileções podem trazer.

### **3.3 A concepção de feminino na obra *L'invitée* (1943) à luz da personagem Xavière**

Na narrativa, a apresentação de Xavière ocorre no segundo capítulo do livro em uma cena na qual, em um café árabe, Xavière, acompanhada de Françoise, sente inveja de uma dançarina moura e de seus dotes artísticos. Ao longo do romance, a imagem dessa personagem é construída de forma a endossar o *ethos* de uma mulher que é ciumenta, egoísta e ociosa.

No início da obra, Xavière se apresenta, sob a perspectiva dos outros personagens, como uma mulher insegura por começar uma nova vida em um lugar diferente, já que ela morava na cidade interiorana de Rouen e não conhecia muito bem a capital francesa. Françoise, comovida pelo sentimento de solidariedade e ajuda ao próximo, propõe a Xavière que elas se tornem amigas se responsabilizando, até mesmo, pela sua felicidade:

– Ma petite Xavière, murmura Françoise; Xavière la regardait, les yeux brillants, les lèvres entrouvertes, fondante, abandonnée, elle lui était tout entière livre. C’était Françoise désormais qui l’emporterait à travers la vie.

– Je la rendrai heureuse, décida-t-elle avec conviction. (*L’invitée*, 1943, p. 45)

– Minha pequena Xavière – murmurou Françoise. Xavière fixava-a, olhos brilhantes, lábios entreabertos. Sentia-se lânguida, abandonada e entregava-se completamente a Françoise. Seria esta, doravante, quem a conduziria, pela vida afora. “Vou fazê-la feliz, decidiu Françoise, com convicção. (tradução nossa)

É no convívio mais íntimo com Xavière que Françoise começa a perceber o sentimento de ciúmes que a jovem do interior sentia por ela. Destacamos o trecho: “Françoise regarda avec amusement le visage fermé de Xavière; tous les gens qui approchaient Françoise d’un peu près, Xavière les haïssait; sa timidité devant Pierre était mêlée de haine.” (*L’invitée*, 1943, p. 53) (Tradução nossa: Françoise espiava, divertida, o rosto fechado de Xavière. “Vê-se que ela odeia todas as pessoas que se aproximam de mim. Mesmo a sua timidez perante Pierre tem uns resquícios de ódio”). À primeira vista, o ciúmes de Xavière era compreendido como algo pitoresco e espirituoso, entretanto, aos poucos, a jovem revela um *ethos* de uma mulher vingativa, conforme observamos no fragmento:

– Eh bien! Puisque vous voulez savoir, dit Xavière avec emportement, il a eu l’air d’un petit prince offensé quand j’ai dit hier. Soir que j’étais sortie vendredi avec vous.

– Vous lui avez dit! dit Pierre.

– On vous avait recommandé de vous taire, dit Françoise.

– Ah! Ça m’a échappée, dit Xavière avec nonchalance. Je ne suis pas habituée à toutes ces politiques.

Françoise échangea avec Pierre un regard consterné. Xavière l’avait sûrement fait exprès, par basse jalousie. Elle n’avait rien d’une étourdie et elle n’était restée au foyer qu’un très petit moment. (*L’invitée*, 1943, p. 126)

– Bem, já que insistem – interrompeu Xavière, com arrebatamento –, Gerbert ficou com um ar de príncipezinho ofendido quando lhe disse que sai com vocês na sexta-feira à noite.

– Você contou a ele! Disse Pierre

– Nós tínhamos recomendado com que não contasse, disse Xavière.

– Foi, mas escapou-me – disse Xavière, como se não desse importância ao fato – Não estou habituada a essas politiquices.

Françoise trocou com Pierre um olhar consternado. Pensavam ambos que Xavière fizera aquilo de propósito, num ataque de baixo ciúmes. Ela não era idiota e só ficara sozinha com Gerbert durante alguns instantes. (tradução nossa)

Os ciúmes excessivos de Xavière que, inicialmente, se mostravam somente diante da presença de Françoise, ultrapassam os limites aceitáveis dentro da convivência de ambas

as personagens, passando a não se restringir apenas às duas amigas, mas ampliando para outras relações, como é o caso de Pierre.

O relacionamento entre Françoise, Xavière e Pierre era bastante prazeroso no que diz respeito a saídas, divertimento e descontração, sendo recorrente a presença de encontros em bares, restaurantes e cafés franceses. Acreditamos que esse traço nos revela o típico imaginário sociodiscursivo pertencente aos intelectuais franceses do século XX, no qual é frequente que eles se encontrem em cafés e restaurantes para discutir sobre as suas reflexões, posições ideológicas e obras. Como Françoise e Pierre pertenciam ao círculo de intelectuais e artistas franceses, imediatamente eles apresentaram esse universo a Xavière. Dessa maneira, se faz constante a existência de discussões sobre temas políticos, filosóficos e artísticos ao longo da obra. Em uma dessas discussões, Xavière se mostra uma mulher egoísta:

– Pourtant, dit Françoise, si vous appreniez qu’il y a dans un coin du monde quelqu’un de bien plaisant qui est tout captif et malheureux, vous ne lèveriez pas le doigt pour aller le chercher?

– Non, dit Xavière d’un air buté; ça me serait bien égal.

Elle regarda Pierre et Françoise et dit soudain âprement:

– Je ne voudrais personne d’autre avec nous. (*L’invitée*, 1943, p. 290)

– No entanto, diz Françoise, se você soubesse que há em qualquer lugar do mundo uma pessoa bem agradável, que está prisioneira e infeliz, não levantaria o dedo para ir buscá-la?

– Não, diz Xavière com um ar de emburrada – isso me seria indiferente.

Ela olhou Pierre e Françoise diz subitamente, com dureza:

– Não gostaria de mais ninguém conosco. (tradução nossa)

Alheia às questões sociais, Xavière apresenta ao leitor um *ethos* de uma mulher egoísta que se preocupa somente com a sua existência sem se importar com a condição dos que vivem ao seu redor. Julgamos conveniente ressaltar que, apesar de Françoise e Pierre “adotarem” Xavière, se responsabilizando com os seus gastos econômicos, despesas, diversão e sobrevivência, Xavière, em nenhum momento, se mostra afetada por esta atitude, colocando a sua própria vontade na frente dos desejos daqueles que convivem com ela.

Em suas condutas e posicionamentos, Xavière se projeta como uma pessoa que, além de não se preocupar com o bem estar e a felicidade dos que a rodeiam, ela os trata como um certo sentimento de descaso e indiferença. Destacamos o trecho:

– Oh! Gerbert! Oui. Xavière haussa les épaules. Il ne compte pas beaucoup, vous savez.

– Vous tenez pourtant bien à lui, dit Françoise.

– Je tiens toujours à ce qui m'appartient, dit Xavière. Elle ajouta d'un air farouche: C'est reposant d'avoir quelqu'un pour soi seule. Sa voix mollit: mais enfin, ça fait juste un objet plaisant dans mon existence, rien de plus.

Françoise se glaça, elle se sentait personnellement insultée par l'accent dédaigneux de Xavière. (*L'invitée*, 1943, p. 424)

– Oh! Gerbert! Sim. Xavière levanta os ombros. Ele não conta muito, você sabe.–

– No entanto, você gosta dele, diz Françoise.

– Eu gosto de tudo o que me pertence, diz Françoise. Ela acrescentou com um ar selvagem: é repouante ter alguém somente para você. Depois sua voz amoleceu: Mas enfim, isso é apenas um objeto agradável na minha existência, nada mais.

Françoise gelou, ela se sentia pessoalmente insultada pelo tom desdenhosos de Xavière (tradução nossa)

O fato de Xavière tratar Gerbert como se fosse um objeto, demonstra uma atitude de altivez e desconsideração da jovem com relação ao rapaz, no entanto, o sentimento de orgulho é retratado em Xavière, tanto nas relações pessoais, sejam elas íntimas – relacionamento com Pierre e Gerbert – ou amistosas – Françoise e Élisabeth (irmã de Pierre), quanto no que concerne ao seu posicionamento sobre determinados assuntos sociais, como, por exemplo, a questão do trabalho.

Desde o início do romance, Françoise tenta convencer Xavière da importância que o trabalho apresenta na vida da mulher. Por acreditar que a melhor forma de se conquistar a independência e, conseqüentemente, a liberdade, é se envolver em alguma atividade que lhe traga retorno financeiro e satisfação pessoal, Françoise insiste com Xavière, durante toda a obra, para que a jovem dê um sentido maior para a sua vida por meio de uma ocupação profissional. Como podemos observar no decorrer da leitura, todas as tentativas de Françoise de convencer Xavière a conseguir um emprego são fracassadas, chegando, até mesmo, a serem rechaçadas por meio de respostas irônicas ou sarcásticas. Destacamos o trecho:

– Et il fraudait faire comme votre amie: compter les verres que je bois et regarder sans cesse ma montre pour aller à mon travail le lendemain matin.

Françoise se sentit blessée; elle avait regardé l'heure, elle aussi. « On dirait qu'elle m'en veut; mais de quoi? » pensa-t-elle. Cette Xavière maussade et imprévue l'intéressait. (*L'invitée*, 1943, p. 42- 43)

– E seria preciso fazer como sua amiga: contar os copos que eu bebo e olhar sem parar o meu relógio, para ir ao meu trabalho na manhã seguinte.  
Françoise sentiu-se magoada, ela própria acabava de olhar para o relógio. “Parece até que ela me odeia. Mas por quê?” Essa Xavière desagradável e imprevista interessava-a. (tradução nossa)

No romance, é possível constatar que todos os personagens possuem uma ocupação profissional independentemente de sua classe social, como é o caso de Élisabeth, pintora e pertencente a uma família rica. Ao contrário dos outros temas abordados em discussões com a personagem Xavière: a Segunda Guerra Mundial, as manifestações artísticas, a solidariedade humana, a corrente filosófica existencialista e outros, a questão do trabalho se faz presente no decorrer de toda a obra e nos discursos da maioria dos personagens.

Preocupado com a situação de Xavière, Pierre tenta persuadi-la a encontrar alguma atividade que lhe retire do estado de tédio e ócio. Porém, convencer Xavière não é uma atitude muito fácil, visto que ela se mostra irredutível e resistente aos argumentos e sugestões que os outros lhe dão. No diálogo entre Pierre e Xavière sobre as impressões que ela tivera do teatro à primeira vez que vira uma peça, a jovem revela ao leitor uma proposição de mundo baseada na ideia de que ela não valoriza as atividades que requerem certo esforço, conforme podemos destacar:

– Je ne croyais pas que c’était comme ça, le théâtre, dit Xavière d’un ton méprisant.  
– Comment pensiez-vous? dit Pierre.  
– Ils ressemblent tous a des petits commis de magasin; ils ont l’air tellement appliqués.  
– C’est émouvant, dit Élisabeth. Tous ces tâtonnements, tous ces efforts confus d’où jaillit à la fin quelque chose de beau.  
– Moi, je trouve ça sale, dit Xavière; la colère balayait la timidité, elle regardait Élisabeth d’un air noir; un effort ça n’est jamais joli à voir, et quand l’effort avorte par-dessus le marché, alors...elle ricana, c’est burlesque.  
– Dans tous les arts, c’est ainsi, dit Élisabeth sèchement; les belles choses ne se créent jamais facilement; plus elles sont précieuses, plus elles exigent de travail. Vous verrez.  
– Ce que j’appelle précieux, moi, dit Xavière, c’est ce qui vous tombe du ciel comme une manne. Elle fit une moue. Si ça doit s’acheter, c’est de la marchandise comme le reste, ça ne m’intéresse pas. (*L’invitée*, 1943, p. 62- 63)

– Não sabia que o teatro era isso – disse Xavière num tom de desprezo.  
– Como julgava que fosse? - interrogou Pierre.  
– Parecem todos empregadinhos de uma loja. Tem um ar de tanta aplicação ao trabalho...

- Eu acho isso empolgante – disse Élisabeth. – Todas essas tentativas, esses esforços confusos, de onde finalmente brotará algo de belo...
- Eu não. Acho tudo isso sujo. Nunca é agradável ver um esforço. E ainda por cima quando o esforço aborta, então... – riu sarcasticamente – então é burlesco. A cólera varrera sua timidez. Fixava Élisabeth com ar feroz.
- Em todas as artes é assim – disse Élisabeth, secamente.
- As coisas belas nunca se criam facilmente e exigem tanto mais trabalho quanto mais preciosas são. Você verá.
- Eu só classifico de precioso o que nos cai do céu, como o maná. – disse Xavière, com um muxoxo. – Se tivermos de comprar esse trabalho, torna-se uma mercadoria como qualquer outra e deixa de me interessar. (tradução nossa)

Nesse trecho é possível evidenciar os imaginários sociodiscursivos ocidentais pertencentes à concepção de que o trabalho é considerado como algo ruim, podendo, até mesmo, ser entendido como um castigo divino:

E disse em seguida ao homem: "Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar."<sup>13</sup>

Nos dizeres de Xavière, podemos notar que a temática do trabalho contempla a noção de sacrifício, punição e sofrimento. Ao contrário do que pensa Françoise e Pierre, Xavière acredita que o trabalho está relacionado à imposição de regras, ordens e chateações, sendo inadmissível a jovem aceitar que uma ocupação profissional possa trazer satisfação pessoal, financeira e existencial para o ser humano, bem como a oportunidade de se relacionar com o mundo, consigo mesmo e com aquilo que está ao seu redor.

Questionada por Françoise e Pierre sobre a condição em que vive e a sua situação enquanto sujeito no mundo, Xavière se coloca em uma posição de sujeito paciente às contrariedades da vida ao assumir um discurso de que ela não é capaz ou digna de tal tarefa:

– Personne ne peut m'aider, dit Xavière. Elle rejeta la tête en arrière et du bout des doigts arrangea ses cheveux. Je vous ai déjà dit que je ne valais rien, je vous ai prévenue, ajoute-t-elle avec impatience. (*L'invitée*, 1943, p. 399)

– Ninguém pode me ajudar – disse Xavière, erguendo a cabeça. Depois, enquanto arrumava os cabelos com a ponta dos dedos, prosseguiu com impaciência: - Já lhe disse que não valho nada. Já a preveni. (tradução nossa)

---

<sup>13</sup> In: Gênesis Capítulo 3, Versículos 17-19.



– Oui. Je ne mérite pas qu'on s'intéresse à moi, dit Xavière avec une violence désespérée. Vous me connaîtrez maintenant. Je vous l'ai dit, je ne vaud rien. Il fallait me laisser à Rouen. (*L'invitée*, 1943, p. 128)

– Sim. Eu não mereço que se interessem por mim, disse Xavière, com uma violência desesperada. – Agora você me conhece. Já lhe disse: não valho nada. Devia ter me deixado ficar em Rouen. (tradução nossa)

O *ethos* de uma mulher que não se valoriza e que se conforma com a conjuntura em que vive faz de Xavière uma personagem submissa às condições sociais impostas à mulher, ou seja, a futilidade, o ambiente doméstico e a ociosidade.

Durante toda a obra, Xavière se delinea como uma mulher teimosa, ciumenta, egoísta e alheia às questões sociais, sendo, desse modo, frequentes as oscilações de humor. As emoções manifestadas por Xavière desempenham um importante papel no decorrer da narrativa, pois, à medida em que a jovem se sente irritada ou contente, Pierre e, principalmente, Françoise, são também afetados por tais sentimentos:

– Que veux qu'il y ait? dit Françoise. Elle brossait ses cheveux avec résignation; depuis combien de temps durait-elle cette discussion indéfinie et toujours neuve? Qu'a fait Xavière? Que fera-t-elle? Que pense-t-elle? Pourquoi? Soir après soir, l'obsession renaissait aussi harassante, aussi vaine, avec se goût de fièvre dans la bouche, et cette désolation du cœur, et cette fatigue du corps sommeilleux. Quand les questions auraient enfin trouvé une réponse, d'autres questions, toutes pareilles, reprendraient la ronde implacable: Que veut Xavière? Que dira-t-elle? Comment? Pourquoi? Il n'y avait aucun moyen de les arrêter. (*L'invitée*, 1943, p. 379)

– O que está imaginando? Disse Françoise. Ela escovava os cabelos com resignação, escovando os cabelos, resignada. Há quanto tempo dura essa discussão indefinida e sempre nova? O que faz Xavière? O que ela vai fazer? O que pensa? Por quê? Como? Dia após dia renasce essa obsessão, sempre fatigante e vã, dia pós dia recomeça esse gosto de febre na boca, essa tristeza no coração. Essa fadiga de corpo sonolento. Mesmo que encontre resposta para essas perguntas, surgirão outras, exatamente iguais, num carrossel implacável: Que quer dizer Xavière? Que dirá ele? Como? Por quê? Nunca conseguirei detê-las. (tradução nossa)

Os comportamentos e as atitudes de Xavière nos permitem afirmar que ela pode ser definida através de um *ethos* de uma mulher emocionalmente abalada, posto que, ora ela se apresenta como satisfeita no que diz respeito à constituição do triângulo amoroso entre ela, Françoise e Pierre, ora ela se exhibe como infeliz diante da relação íntima em que se encontra.

Ao contrário do conceito de identidade<sup>14</sup>, (que é considerado como algo mais fixo e constante se comparado ao conceito de *ethos*) e tomando como alicerce os estudos sobre a noção de *ethos* e as suas abordagens, no que concerne ao caráter fluido e instável que tal noção delinea, consideramos conveniente ressaltar que o *ethos* de Xavière se caracteriza como predominantemente relacionado às ideias de uma mulher que é afetada pelo *pathos*<sup>15</sup>, visto que as emoções, os impulsos e os sentimentos se manifestam de forma amplificada em Xavière. A todo o momento, a jovem do interior toma decisões baseada em suas emoções apresentando ao leitor um *ethos* de uma mulher que é descontrolada emocionalmente e que não possui a capacidade de dominar a sua própria vida.

A influência do *pathos* nas atitudes e na própria constituição do *ethos* de Xavière pode ser notada claramente. Nessa personagem, o sentimento de ciúme se exprime tanto em relação a Françoise quanto a Pierre, sendo manifestado, primeiramente, no que diz respeito à figura da famosa escritora francesa para, posteriormente, se expressar através do reconhecido ator. Esse sentimento, ao final da obra, se revela diante do envolvimento emocional de lealdade e fidelidade entre o casal parisiense. Ciúme e egoísmo se mesclam no comportamento dessa personagem de modo que, devido ao primeiro sentimento, Xavière se sente no direito de se apropriar de Françoise e Pierre ao tratá-los como uma espécie de objeto. O caráter egoísta da jovem não se manifesta, no entanto, somente em relação ao triângulo amoroso no qual ela faz parte, mas também às suas relações com outras pessoas. É ao se mostrar como um indivíduo que não se preocupa com a felicidade e a liberdade daqueles que estão próximos de si, que Xavière se delinea como uma pessoa difícil de interagir com o ambiente ideológico e moral criado por Françoise e Pierre.

A questão da ociosidade de Xavière, por exemplo, serve para expressar a falta de compatibilidade entre os valores éticos do casal e da jovem interiorana. Apesar de

---

<sup>14</sup> Nos pautamos aqui no conceito de identidade pessoal de Charaudeau ([1991]2008, p. 266): “...uma identidade psicossocial dita “externa”. A do sujeito comunicante, que consiste em um conjunto de traços que o definem segundo a sua idade, seu sexo, seu estatuto, seu lugar hierárquico, sua legitimidade para falar, suas qualidades afetivas, isso tudo “em uma relação de pertinência com o ato de linguagem.”

<sup>15</sup> Por *pathos*, entendemos a definição de Machado (2007, p. 169): “Quando pensamos em “emoções” sendo passadas através do discurso, e mais especificamente, através do discurso escrito, a idéia de *pathos* nos vem logo à mente. *A priori*, esta idéia nos provoca a seguinte sensação: imaginamos “explosões” de recursos linguageiros colocados no papel e que ali parecem “brotar”, a fim de fazer com que uma determinada emoção entre na narrativa...Mas “tal sensação” deve ser nuançada. O *pathos* ou melhor dizendo, a *construção patêmica* de um discurso é algo que obedece a uma racionalização. (grifos do autor)

Xavière criticar o modo regulado e imposto socialmente no que se refere à ocupação profissional, notamos que ela aceita uma posição de subordinação e ajuda financeira de pessoas que vivem e se sustentam da situação trabalhista que ela deprecia.

Ainda que Xavière se mostre como uma pessoa decidida no que se refere aos seus valores e posições ideológicas, a personagem não se mostra capaz de sustentar tal imagem de si devido ao ciúme, ao egoísmo e à teimosia presentes em suas atitudes. Ao longo da narrativa, temos a impressão de que Xavière contraria algumas opiniões expressas pelos outros personagens, não como uma tentativa de demonstrar que ela pensa e possui uma visão diferenciada sobre determinado tema, mas sim para causar um mal estar entre os que a rodeiam ou para se mostrar como uma pessoa que é contrária ao que é discutido. Para nós, tal posicionamento se assemelha muito a uma atitude de uma criança que utiliza dos mais variados meios para, propositadamente, contrariar ou aborrecer alguém. Em outras palavras, Xavière nos parece uma criança pirracenta do interior que, não sabendo se defender e se adaptar ao modo de vida da “cidade grande”, procura afrontar os outros para que lhe deem a atenção que ela julga necessária.

Ao analisarmos a concepção de feminino em Xavière sob a perspectiva dos aspectos referentes à imagem de uma mulher que se apresenta como ciumenta, egoísta, alheia às questões sociais e ociosa, nos colocamos, imediatamente, em diálogo com a figura de Françoise. Dessa maneira, é possível destacar que as personagens femininas selecionadas para a nossa pesquisa se inscrevem em uma relação dicotômica no que concerne à construção de si e da concepção de feminino presente no romance.

Se por um lado Françoise se apresenta como uma mulher relacionada às ideias de trabalho, liberdade e modernidade, Xavière se delinea como uma figura feminina que se alia aos elementos pathêmicos da teimosia, dos ciúmes e do egoísmo. Para a primeira, o trabalho é visto como um componente fundamental no processo de liberdade e libertação feminina; para a segunda, a ocupação profissional é entendida como algo que causa um esforço que não deve ser valorizado. Para Françoise, a liberdade é construída em conjunto, pois nada adianta ser livre se as pessoas ao seu redor não o são; para Xavière, a liberdade é algo individual e que não possui nenhuma relação com os outros. Para a personagem da escritora francesa, a modernidade se instaura por meio de uma construção de novos paradigmas referentes ao trabalho e à liberdade; para a jovem de

Rouen, trabalho e liberdade não se encontram inseridos em um novo conceito ideológico e moral.

Na perspectiva romanesca, Françoise e Xavière se encontram em um universo conflituoso que não se inscreve sob a perspectiva do relacionamento amoroso que ambas possuem com Pierre, ou seja, o conflito entre as duas personagens femininas se baseia em abordagens mais complexas do que a disputa por um amor de um terceiro. A divergência entre Françoise e Xavière se assenta em uma temática existencialista pertencente a assuntos como a valorização social de determinadas ideologias em detrimento de outras. Observamos, dessa forma, que o devir/vir a ser mulher se caracteriza na obra *L'invitée* (1943) sob a perspectiva da personagem Xavière como um aniquilamento de um modelo de modelo de mulher que Françoise julga não ser o ideal, uma vez, para ela, esse modelo pode ser considerado como obsoleto.

A autonomia feminina nos âmbitos concernentes ao trabalho, à sexualidade, à liberdade e à escolha por decidir a própria vida se coloca, no romance, em posição de superioridade se comparada às noções de incapacidade feminina para a ocupação profissional, pathemização e impulsividade e distanciamento das questões políticas e sociais. Françoise e Xavière não representam somente dois mundos éticos opostos, mas sim duas concepções distintas de feminino.

No próximo tópico de nossa análise, iremos abordar as reflexões anteriores referentes ao *corpus* ficcional e filosófico com o intuito de elaborarmos um diálogo entre o romance e a teoria de Beauvoir sob a perspectiva da concepção de feminino apresentada pela autora existencialista.

### **3.4 Diálogos entre o romance e a teoria nas obras de Beauvoir**

Nesse tópico, buscamos abordar a concepção de feminino nas obras selecionadas para os nossos *corpora* tendo em vista que, *a priori*, analisamos a representação das duas personagens principais do romance *L'invitée* (1943) para, *a posteriori*, verificarmos como essa concepção é apresentada na obra *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976). Continuando o percurso metodológico escolhido, pretendemos, a seguir, realizar um diálogo entre as reflexões elaboradas, anteriormente, para que possamos, através de um dialogismo

entre os discursos ficcional e teórico, constatarmos qual a concepção de feminino criada por Simone de Beauvoir.

Nessa parte da nossa pesquisa, consideramos importante ver de que maneira dialógica que a obra *L'invitée* (1943) lança a semente do que foi a maior obra sobre o feminino e o feminismo até hoje (*Le deuxième sexe*, [1949]1976). Posto isto, podemos afirmar que o discurso ficcional pode ser considerado um tipo de protótipo do que seria a filosofia de Beauvoir, ou seja, o romance é a simulação de um mundo possível do que a filosofia, posteriormente, irá trazer como um mundo possível.

No primeiro volume da obra teórica de Simone de Beauvoir, encontramos algumas relações entre a personagem Françoise e as temáticas referentes à independência financeira, a não submissão feminina e a recusa dos dados biológicos como elemento responsável pela formação da mulher enquanto sujeito social.

A temática relativa à independência financeira perpassa toda a narrativa ficcional de Simone no que diz respeito à representação e à constituição da personagem Françoise, visto que, na primeira cena do romance, a personagem é apresentada ao leitor desempenhando a sua ocupação profissional – escrever e traduzir peças de teatro. Na obra filosófica, Beauvoir reforça a ideia de que o trabalho é um fator importante para a libertação feminina, como destacamos no trecho:

La femme ne peut être émancipée que lorsqu'elle peut prendre part dans une grande mesure sociale à la production est n'est plus réclamée par le travail domestique que dans une mesure insignifiante. Et cela n'est devenu possible que dans la grande industrie moderne, qui non seulement admet sur une grande échelle le travail de la femme mais encore l'exige formellement. (*Le deuxième sexe I*, [1949]1976, p. 100-101)

A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente. (tradução nossa)

A condição financeira é uma das formas de dominação masculina, posto que a mulher se encontra em uma situação de dependência. Consequentemente, o homem começa a enxergar a mulher como um objeto do qual ele tem a posse. Por sua vez, a mulher tenta recompensá-lo pela condição financeira que o homem lhe proporciona por meio de sua anulação enquanto sujeito autônomo e da escolha de decisões que agradem o parceiro.

A independência econômica, quase sempre, faz com que a mulher se sinta mais segura para fazer as suas próprias escolhas, pois ela sabe que, independentemente das consequências de seus atos, ela conseguirá se manter financeiramente e dignamente sem necessitar do auxílio masculino, seja este paterno ou conjugal. Para Beauvoir (1949, p. 587-588):

Le code français ne range plus l'obéissance au nombre des devoirs de l'épouse et chaque citoyenne est devenue une électrice; ces libertés civiques démesurément abstraites quand elles ne s'accompagnent pas d'une autonomie économique; la femme entretenue – épouse ou courtisane – n'est pas affranchie du mâle qu'elle a dans les mains un bulletin de vote; si les mœurs lui imposent moins de contraintes fondement sa situation; elle reste enfermée dans sa condition de vassale. C'est par le travail que la femme a en grande partie franchi la distance qui la 'séparait du mâle; c'est le travail qui peut seul lui garantir une liberté concrète. Dès qu'elle cesse d'être une parasite, le système fondé sur sa dépendance s'écroule; entre elle et l'univers in n'est plus sur la femme vassale, c'est qu'il ne lui est parmi de rien faire: alors, elle s'entête dans l'impossible poursuite de l'être à travers le narcissisme, l'amour, la religion; productrice, active, elle reconquiert sa transcendance; dans ses projets elle s'affirme concrètement comme sujet; par son rapport avec le but qu'elle poursuit, avec l'argent et les droits qu'elle s'approprie, elle éprouve sa responsabilité. Beaucoup de femmes ont conscience de ces avantages, même parmi celles qui exercent les métiers les plus modestes.

O código francês não mais exclui a obediência entre os deveres da esposa, e toda cidadã tornou-se eleitora; essas liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. A mulher sustentada – esposa ou cortesã – não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua adstrita à sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura de ser, através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus próprios projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. Muitas mulheres tem consciência de tais vantagens, mesmo entre as que exercem os mais modestos ofícios. (tradução nossa)

A opressão masculina não se dá, exclusivamente, por questões sexuais, mas também por questões sociais e financeiras, pois, em muitos casos, quanto mais dependente do homem é a mulher, maior é a sua submissão. Para Simone, a liberdade feminina encontra como alicerce a ocupação profissional da mulher.

Ao contrário da mulher burguesa ou da mulher nobre, a trabalhadora mantém com o mundo uma relação distinta, pois o vive verdadeiramente não se restringindo ao universo doméstico ou ao universo social das festas, bailes e eventos beneficentes. De acordo com Beauvoir (1949, p. 190): “C’est quand le pouvoir économique tombera aux mains des travailleurs qu’il deviendra possible à la travailleuse de conquérir des capacités que la femme parasite, noble ou bourgeoise, n’a jamais obtenues.” (Tradução nossa: Só quando o poder econômico cair nas mãos do trabalhador é que se tornará possível à trabalhadora conquistar capacidades que a mulher parasita, nobre ou burguesa, nunca obteve). Inserida no mercado de trabalho, a mulher se insere também na política e economia de um país passando de uma esfera restrita – ambiente doméstico – para uma esfera ampla de opiniões, valores e conhecimentos distintos. No mercado de trabalho, a figura feminina se enxerga e se constitui enquanto sujeito que faz parte de uma coletividade e não de um núcleo familiar que a entende como uma espécie de “escrava” doméstica. Desse modo, consideramos conveniente destacar que o fato da personagem Xavière não ter habilidades domésticas, como demonstramos em nossas análises anteriormente, pode ser considerada como uma refutação à tese subentendida dentro do romance de que toda mulher nasce para desempenhar os papéis sociais de dona de casa e esposa.

A tônica pertinente ao assunto da não submissão feminina encontra-se como uma particularidade do *ethos* de Françoise. A emancipação social de Françoise se esboça através de atitudes cotidianas, como viajar com um amigo para praticar esportes, passear desacompanhada pelas ruas de Paris durante a madrugada e morar sozinha. Tais comportamentos nos podem parecer corriqueiros nos dias atuais, no entanto, é importante ressaltar que devemos nos situar em um contexto histórico e social do início do século XX.

No decorrer da narrativa, observamos que Françoise não se apresenta como uma mulher submissa a Pierre, visto que ambos os personagens se colocam em posição de igualdade tanto na relação amorosa quanto na condição financeira. Para Beauvoir (1949, p.23):

Outre les pouvoirs concrets qu’ils possèdent, ils sont revêtus d’un prestige dont toute l’éducation de l’enfant maintient la tradition: le présent enveloppe le passé, et dans le passé toute l’histoire a été faite par les mâles. Au moment où les

femmes commencent à prendre part à l'élaboration du monde, ce monde est encore un monde qui appartient aux hommes: ils n'en doutent pas, elles en doutent à peine. Refuser d'être l'Autre, refuser la complicité avec l'homme, ce serait pour elles renoncer à tous les avantages que l'alliance avec la caste supérieure peut leur conférer. L'homme-suzerain protégera matériellement la femme-lige et il se chargera de justifier son existence: avec le risque économique elle esquivé le risque métaphysique d'une liberté qui doit inventer ses fins sans secours.

Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação de criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala, e se encarregará de lhe justificar a existência; com o risco econômico, ela esquivá o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. (tradução nossa)

A todo o momento da narrativa, é possível notar que Françoise assume uma atitude de renúncia diante da condição de Outro que a sociedade a coloca. Ao contrário do que muitos possam pensar, ao negar a posição de inferioridade diante de Pierre, Françoise não o coloca em segundo plano, invertendo assim a dominação: “Mais la femme « moderne » accepte les valeurs masculines; elle se pique se penser, agir, travailler; créer au même titre que les mâles; au lieu de chercher à les ravalier, elle affirme qu’elles s’égale à eux.” (*Le deuxième sexe II*, [1949]1976, p. 635-636) (Tradução nossa: Mas a “mulher moderna” aceita os valores masculinos; tem a pretensão de pensar, agir, trabalhar, criar ao mesmo título que os homens; ao invés de procurar diminuí-los, afirma que se iguala a eles). Notamos então que o envolvimento de Françoise com Pierre, bem como com os outros personagens, se baseia em um relacionamento simétrico e igualitário.

O fato de Françoise trabalhar e praticar esportes a retira do estado de imanência que os costumes e os valores sociais ditam às mulheres. Ressaltamos que Françoise, ao contrário da maioria das mulheres contemporâneas a Simone, possui várias ocupações: pratica esportes, convive com pessoas que não são do seu núcleo familiar, trabalha, frequenta bares e restaurantes e se posiciona politicamente diante dos fatos históricos de seu país. Posto isto, a personagem não assume uma postura de conformidade social e econômica, uma vez que ela não é retratada na obra como secundária se comparada a Pierre, projetando, assim como ele, uma posição de sujeito autônomo responsável pelo seu destino e dona de sua própria constituição ideológica.



No romance, notamos que, acima de tudo, Françoise se apresenta como uma mulher livre para viver a independência financeira, livre para arcar com as consequências da não submissão feminina e livre para se posicionar por meio da recusa dos dados biológicos como elemento responsável pela formação da mulher enquanto sujeito social.

Ainda no que diz respeito ao primeiro volume da obra teórica de Simone de Beauvoir encontramos algumas relações entre a personagem Xavière e o tópico referente a não valorização do esforço e a recusa pela ocupação profissional.

A negação de Xavière para conseguir um emprego a insere quase que, exclusivamente, em um ambiente doméstico – interior de um quarto de hotel – , ao mesmo tempo que não lhe propicia o desejo por descobertas e novas atividades. A jovem do interior passa a maior parte do tempo esperando que alguém a convide para fazer algo, demonstrando, assim, ao leitor, que ela permanece, quase sempre, em constante ócio. Para Beauvoir (1949, p. 402):

Mais tandis que normalement la femme trouve au commerce de l'homme quantité d'avantages, le commerce de la femme n'est profitable à l'homme que dans la mesure où il l'aime. Aussi d'après l'ensemble de son attitude, on peut à peu près estimer le degré de son attachement. Tandis que la femme n'a guère le moyen de sonder son propre cœur; selon ses humeurs elle prendra sur ses sentiments des points de vue différents, et tant qu'elle les subira passivement. Aux cas assez rares où c'est elle qui détient les privilèges économiques et sociaux, le mystère se renverse; ce qui montre bien qu'il n'est pas lié à ce sexe plutôt qu'à cet autre mais à une situation. Pour un grand nombre de femmes les chemins de la transcendance sont barrés: parce qu'elles ne font rien, elles ne se font être rien; elles se demandent indéfiniment ce qu'elles auraient pu devenir, ce qui les conduit à s; interroger sur ce qu'elles sont: c'est une vaine interrogation; si l'homme échoue à découvrir cette essence secrète, c'est que tout simplement elle n'existe pas. Maintenu en marge du monde, la femme ne peut se définir objectivement à travers ce monde et son mystère ne recouvre que du vide.

Mas, enquanto normalmente a mulher encontra no comércio com o homem numerosas vantagens, o comércio com a mulher só beneficia o homem na medida em que ele a ama. Por isso, pelo conjunto de suas atitudes pode-se apreciar mais ou menos o grau de seu apego; ao passo que a mulher quase não tem mais meios de sondar o próprio coração; segundo seu temperamento terá pontos de vistas diferentes acerca de seus sentimentos, e enquanto os suportar passivamente nenhuma interpretação será mais verdadeira do que outra. Nos casos bastante raros em que ela detém os privilégios econômicos e sociais, o mistério inverte-se: o que demonstra que se liga a não este ou àquele sexo e sim a uma situação. Para um grande número de mulheres os caminhos da transcendência estão barrados: como não fazem nada, não se podem fazer ser; perguntam-se indefinidamente o que poderiam vir a ser, o que as leva a indagar o que são: é uma interrogação vã; se o homem malogra em descobrir essa essência secreta é muito simplesmente porque ele não existe. Mantida à margem do mundo, a mulher não pode definir-

se objetivamente através desse mundo e seu mistério cobre apenas um vazio.  
(tradução nossa)

Longe de se inserir no mundo, Xavière se afasta dos outros personagens quando estes se encontram para discutir os mais variados assuntos sociais, como é o caso da discussão entre ela e Pierre sobre a importância do teatro ou a presença da invasão alemã na cidade de Paris durante a Segunda Guerra Mundial.

Enquanto todos os outros personagens pertencentes ao círculo social de Xavière possuem tarefas e atividades profissionais, ela se encontra reclusa em seu quarto alimentando delírios e sentimentos como o ciúme, a inveja e o ódio. Por não querer encontrar nenhuma ocupação profissional que lhe assegure uma independência financeira e que preencha os seus dias por meio de experiências pessoais e sociais, Xavière fundamenta toda a energia de sua existência na tentativa de separar Françoise e Pierre. Desse modo, destacamos que não encontrando êxito em sua vida por si mesma, a jovem do interior designa a Pierre a responsabilidade de fazê-la uma mulher plena e feliz. De acordo com Beauvoir (1949, p. 233-234):

Tout encourage encore la jeune fille à attendre du « prince charmant » fortune et bonheur plutôt qu'à en tenter seule la difficile et incertaine conquête. En particulier, elle peut espérer accéder grâce à lui à une caste supérieure à la sienne, miracle que ne récompense par le travail de toute sa vie. Mais un tel espoir est néfaste parce qu'il divise ses forces et ses intérêts; c'est cette division qui est peut-être pour la femme le plus grave *handicap*. Les parents élèvent encore leur fille en vue du mariage plutôt voit tant d'avantages qu'elle le souhaite elle-même; il en résulte qu'elle est souvent moins spécialisée, moins solidement formée que ses frères, elle s'engage moins totalement dans sa profession; par là elle se voue à y demeurer inférieure; et le cercle vicieux se noue: cette infériorité renforce son désir de trouver un mari. Tout bénéfique a toujours pour envers une charge; mais se les charges sont trop lourdes, le bénéfique n'apparaît plus comme une servitude: pour la majorité des travailleurs, le travail est aujourd'hui une corvée ingrate: pour la femme, celle-ci n'est pas compensée par une conquête concrète de sa dignité sociale, de sa liberté de mœurs, de son autonomie économique; il est naturel que nombre d'ouvrières, d'employées, ne voient dans le droit au travail qu'une obligation dont le mariage les délivrerait.

Tudo encoraja ainda a jovem a esperar o “príncipe encantado” fortuna e felicidade de preferência a tentar sozinha uma difícil e incerta conquista. E, principalmente, pode ela assim esperar ascender, graças a ele, a uma casta superior à sua própria, milagre que o trabalho de uma vida inteira não compensaria. Mas tal esperança é nefasta, porque divide as suas forças e seus interesses; e essa divisão, é, sem dúvida, o maior *handicap* contra a mulher. Os pais ainda educam suas filhas antes com vista ao casamento do que favorecendo seu desenvolvimento pessoal. E elas veem nisso tais vantagens, que o desejam elas próprias; e desse modo, destinam-se a permanecer inferiores e o círculo vicioso fecha-se, pois essa inferioridade reforça nelas o desejo de encontrar um marido. Todo benefício, tem como reverso, um encargo; mas se os encargos são

demasiado pesados, o benefício já se apresenta como uma servidão; para a maioria dos trabalhadores, o trabalho é hoje uma corveia ingrata; para a mulher não é essa tarefa compensada por uma conquista concreta de dignidade social, de sua liberdade de costumes, de sua autonomia econômica; é natural que numerosas operárias e empregadas só vejam no direito ao trabalho uma obrigação que o casamento as libertaria. (tradução nossa)

Baseando-se nas ideias do pensamento filosófico existencialista, acreditamos que Xavière não soube lutar pela sua liberdade, sendo, para ela, mais natural e acessível designar a um outro a responsabilidade de sua felicidade e constituição enquanto sujeito. Para Xavière conseguir um emprego é como limitar a sua existência por meio de regras e normas, visto que ela se sente incomodada, por exemplo, com o fato das pessoas terem horário para irem embora de algum lugar pelo fato de terem que trabalhar no outro dia. A escolha de Xavière pela rejeição de uma ocupação profissional demonstra a sua resignação em aceitar a submissão feminina bem como a sua renúncia em lutar pela sua libertação social, emocional e financeira.

No primeiro volume da obra *Le deuxième sexe* ([1949]1976), podemos notar um diálogo entre a ficção e a teoria de Beauvoir no que diz respeito às personagens femininas Françoise e Xavière. Julgamos importante destacar, portanto, que, se para a primeira personagem encontramos uma conexão direta e simétrica entre a concepção de feminino apresentada por Beauvoir em sua obra teórica e a representação de Françoise através dos valores e condutas relacionadas às ideias de independência financeira, não submissão feminina e negação dos dados biológicos, para a segunda personagem a ligação entre a concepção de feminino retratada por Simone em sua obra teórica se revela de maneira inversa e assimétrica no que concerne aos comportamentos de Xavière, tendo em vista que para esta personagem, o trabalho se classifica como algo que não é digno de ser valorizado e, para Beauvoir, ele é entendido como um dos elementos essenciais para a emancipação feminina.

Na última parte de nossa análise, iremos abordar a seguir os diálogos possíveis entre a ficção e o segundo volume da obra teórica *Le deuxième sexe II* ([1949]1976) no que se refere à concepção de feminino. Por acreditarmos que a temática da emancipação feminina por meio do exercício de uma ocupação profissional já foi explorada de forma satisfatória nas análises anteriores referentes ao primeiro volume da obra *Le deuxième sexe I* ([1949]1976), iremos abordar, no presente momento, outras temáticas

apresentadas por Beauvoir em sua obra teórica e que possuem uma interlocução com as imagens femininas de Françoise e Xavière construídas ao longo da narrativa.

No segundo volume da obra teórica de Simone de Beauvoir, verificamos algumas alusões entre a personagem Françoise e os tópicos referentes ao amor, ao conhecimento do próprio corpo e à sexualidade feminina.

As abordagens referentes ao amor se baseiam, exclusivamente, na importância da liberdade e da lealdade entre o casal. Durante toda a narrativa, notamos a presença da cumplicidade e da honestidade no envolvimento amoroso entre Françoise e Pierre. Prova disso, é o fato de tanto Françoise quanto Pierre terem uma relação com Gerbert e Xavière, respectivamente, e ambos terem conhecimento destas relações extraconjugais. É interessante destacar que a relação amorosa entre Françoise e Pierre não é impregnada por preconceitos ou tratamentos diferenciados entre homem e mulher. Ambos os personagens são livres para se envolverem sexualmente e emocionalmente com outras pessoas. De acordo com Beauvoir (1949, p. 302):

Pour qu'il y ait entre époux loyauté et amitié, la condition sine qua non c'est qu'ils soient tous deux libres à l'égard l'un de l'autre et concrètement égaux. Tant que l'homme possède seul l'autonomie économique et qu'il détient – de par la loi et les mœurs – les privilèges que confère la virilité, il est naturel qu'il apparaisse si souvent comme un tyran, ce qui incite la femme à la révolte et la ruse.

Para que haja entre esposos lealdade e amizade, a condição *sine qua non* está em que sejam ambos livres em relação um ao outro, e concretamente iguais. Enquanto o homem possui sozinho a autonomia econômica e que detém – pela lei e os costumes – os privilégios que a virilidade confere, é natural que se apresente tantas vezes como tirano, o que incita a mulher à revolta e astúcia. (tradução nossa)

A hipocrisia presente em muitos relacionamentos considerados socialmente convencionais, como é o caso das relações extraconjugais que são escondidas, mas das quais, muitas vezes, todos tomam conhecimento, não é vista no relacionamento entre Françoise e Pierre, posto que eles são apresentados no romance como sujeitos autônomos que acreditam na liberdade do amor espiritual – relacionado aos sentimentos – e do amor físico – referente às necessidades sexuais. Para Beauvoir (1949, p. 256):

La vérité c'est que l'amour physique ne saurait être traité ni comme une fin absolue ni comme un simple moyen; il ne saurait justifier une existence: mais il ne peut recevoir aucune justification étrangère. C'est dire qu'il devrait jouer en toute

vie humaine un rôle épisodique et autonome. C'est dire qu'avant tout devrait être libre.

A verdade é que o amor físico não pode ser tratado nem como um fim absoluto nem como um simples meio: não pode justificar uma existência, mas não pode tampouco receber nenhuma justificação estranha. Isso equivale a dizer que deveria desempenhar em toda a vida humana um papel episódico e autônomo. Isso equivale a dizer que deveria ser livre. (tradução nossa)

Para Simone, não é somente o amor que deve ser livre, mas qualquer relação humana. A liberdade, ao contrário do que a maioria entende, é uma das bases para um relacionamento saudável e próspero. O ato de prender qualquer pessoa a nós mesmos não nos possibilita a garantia de um envolvimento digno e fiel. A tolerância, a benevolência e a compreensão não devem ser estabelecidas por meio de contratos sociais, mas sim através de pessoas que estejam dispostas a se envolverem com o outro a fim de entender as suas necessidades e sentimentos sem que para isso seja necessária a aniquilação e subordinação do sujeito “amado”.

Nessa linha de pensamento, Beauvoir considera que o contrato do casamento não possibilita o entendimento entre os parceiros, uma vez que para a autora essa convenção social não se caracteriza como igualitária, sendo, quase sempre, a mulher subordinada ao homem. Segundo Beauvoir (1949, p.308-309):

Mais il en est de l'amitié comme l'amour physique: pour qu'elle soit authentique, il faut d'abord qu'elle soit libre. Liberté ne signifie pas caprice: un sentiment est un engagement qui dépasse l'instant; mais il n'appartient qu'à l'individu de confronter sa volonté générale et ses conduites singulières de manière a maintenir sa décision ou au contraire à la briser; le sentiment est libre quand il ne dépend d'aucune consigne étrangère, quand il est vécu dans une sincérité sans peur. La consigne de «l'amour conjugal» invite au contraire à tous les refoulements et à tous les mensonges. Et d'abord elle interdit aux époux de véritablement se connaître. L'intimité quotidienne ne crée ni compréhension ni sympathie.

Mas a amizade é como o amor físico, para que seja autêntica é preciso primeiramente que seja livre. Liberdade não quer dizer capricho: um sentimento é um compromisso que ultrapassa o instante; mas só ao indivíduo cabe confrontar a sua verdade geral e suas condutas particulares de modo a manter sua decisão ou, ao contrário, quebrá-la; o sentimento é livre quando não depende de nenhuma palavra de ordem exterior, quando é vivido sem medo e em uma sinceridade. A palavra de ordem do “amor conjugal” incita, ao contrário, a todos os recalques, a todas as mentiras. Antes de tudo, impede que os esposos se conheçam realmente. A intimidade cotidiana não cria compreensão nem simpatia. (tradução nossa)

Posto isto, observamos nos escritos de Simone a negação da ideologia cristã relacionada ao imaginário sociodiscursivo de que o casamento faz com que o casal se torne eternamente unido.

O pensamento romântico, tão frequente e difundido no gênero conto de fadas durante a infância feminina, baseado na tópica: “... se casaram e viveram felizes para sempre” promove na mulher a crença de que o casamento deve ser considerado a mais perfeita das relações humanas. Julgamos interessante destacar que, no discurso ficcional selecionado para a pesquisa, nenhum dos personagens que possui um envolvimento amoroso se encontra inserido em uma relação matrimonial. Para Simone, o casamento é compreendido como uma convenção social que solicita à mulher a sua exclusão enquanto sujeito. Dominada pelo marido e inserida no lar, a mulher se abstém de suas escolhas e posicionamentos quando se dedica, exclusivamente, ao casamento.

Partindo para a temática referente ao conhecimento corpóreo, sublinhamos em Françoise uma atitude de consciência do seu corpo através da prática de esportes e do domínio de sua sexualidade, no entanto, nesse tópico, abordaremos a questão da atividade física para, posteriormente, analisarmos o conteúdo referente à sexualidade.

Para nós, analistas do discurso, o corpo não é entendido apenas pelo seu caráter biológico, visto que ele se caracteriza como um instrumento de significado e de expressão do sujeito na sociedade. No discurso teórico de Simone, podemos perceber que o corpo e a corporalidade evidenciam a mesma particularidade que para os estudos da Análise do Discurso. De acordo com Beauvoir (1949, p. 95):

Il reste que sa faiblesse physique ne permet pas à la femme de connaître les leçons de la violence: s'il lui était possible de s'affirmer dans son corps et d'émerger dans le monde d'une autre manière, cette déficience serait facilement compensée. Qu'elle nage, qu'elle escalade des pics, qu'elle pilote un avion, qu'elle lutte contre les éléments, prenne des risques et s'aventure, elle n'éprouvera pas devant le monde la timidité dont j'ai parlé. C'est dans l'ensemble d'une situation qui lui laisse bien peu de débouchés que ces singularités prennent leur valeur et non pas immédiatement mais en confirmant le complexe d'infériorité qui a été développé en elle par son enfance.

Contudo, a fraqueza física não permite a mulher conhecer as lições da violência: se lhe fosse possível afirmar-se em seu corpo e emergir no mundo de outra maneira, essa deficiência seria facilmente compensada. Que escale picos, que nade, que pilote um avião, que lute contra os elementos, que assuma riscos e se aventure, não sentirá ela, diante do mundo, a timidez que falei. É no conjunto de uma situação, que deixa muito poucas possibilidades, que tais singularidades

assumem seu valor, e não imediatamente, mas confirmando o complexo de inferioridade por ela desenvolvido desde a infância. (tradução nossa)

Ressaltamos, portanto, que tomar consciência do nosso corpo é como tomar consciência de nós mesmos enquanto sujeitos sociais. Os valores, costumes e ideologias da sociedade ocidental fazem com que, quase sempre, a figura feminina acredite na ideia de que a prática de exercícios físicos é mais adequada aos homens do que às mulheres. Desde a infância é comum percebermos a proibição de que as meninas subam em árvores, por exemplo, alegando que esta atividade “não é coisa de menina”, desse modo, resta a elas, atividades mais “passivas”, como brincar de boneca.

Na obra *L'invitée* (1943), observamos um episódio no qual Françoise resolve viajar com Gerbert para praticar o alpinismo, assumindo, assim, um *ethos* de uma mulher moderna. A prática de exercícios possibilita a todo ser humano a oportunidade de conhecer melhor o seu corpo e as suas habilidades, além de proporcionar uma sensação de bem estar físico e mental. Para Beauvoir (1949, p. 142):

Aujourd'hui, il lui devient possible de prendre son sort entre ses mains, au lieu de s'en remettre à l'homme. Si elle est absorbée par des études, des sports, un apprentissage professionnel, une activité sociale et politique, elle s'affranchit de l'obsession du mâle, elle est beaucoup moins préoccupée par ses conflits sentimentaux et sexuels. Cependant, elle a beaucoup plus de difficulté que le jeune homme à s'accomplir comme un individu autonome. J'ai dit que ni sa famille ni le mœurs ne favorisaient son effort. En outre, même si elle choisit l'indépendance, elle n'en fait pas moins une place dans sa vie à l'homme, à l'amour.

Hoje em dia, torna-se-lhe possível tomar o destino nas mãos, ao invés de entregá-lo ao homem. Se está absorvida pelos estudos, os esportes, um aprendizado profissional, liberta-se da obsessão do homem, preocupa-se muito menos com seus conflitos sentimentais e sexuais. Entretanto, tem muito mais dificuldade que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo. Já disse que nem a família nem os costumes favoreciam seu esforço. Demais, mesmo que escolha a independência, reserve um lugar em sua vida para o homem, para o amor. (tradução nossa)

Amparada nos dados biológicos, a sociedade cria as dicotomias passividade *versus* dinamismo, imanência *versus* transcendência, força *versus* fraqueza para caracterizar, respectivamente, mulheres e homens. Como consequência desses imaginários sociodiscursivos cristalizados, é frequente escutarmos o discurso que a mulher não consegue fazer determinada atividade porque a sua constituição física é mais fraca do que a do homem. Acreditamos, assim como Simone, de que não devemos nos pautar,

exclusivamente, em dados biológicos para qualificar homens e mulheres por determinada habilidade, uma vez que nos devemos pautar nas diferenciações culturais, sociais e éticas envolvidas no processo de constituição dos gêneros na sociedade ocidental.

O fato de Françoise praticar o alpinismo não a coloca somente como uma mulher que está a frente de seu tempo, mas a instala em uma perspectiva mais ampla. É através da aventura e da recusa de se inserir no estado de imanência ditado pela sociedade que a personagem se apresenta como um sujeito que é capaz de reconhecer o próprio corpo e a significação que esse assume no contexto histórico em que a personagem vive.

O último tópico analisado por nós se relaciona de forma direta com a questão da corporalidade, visto que se refere à sexualidade feminina de Françoise, já que uma das formas de se conhecer melhor a própria sexualidade é conhecendo o próprio corpo.

A consciência que Françoise possui de seu corpo faz com que a personagem seja capaz de conhecer e de realizar os seus desejos sexuais. Tanto homens quanto mulheres possuem necessidades sexuais e têm o direito de satisfazê-los sem que isso seja julgado socialmente, como algo inadequado ou promíscuo. Segundo Beauvoir (1949, p. 596):

*Une femme qui se dépense, qui a des responsabilités, qui connaît l'âpreté e la lutte contre les résistances, du monde, a besoin – comme le mâle – non seulement d'assouvir ses désirs physique mais de connaître la détente, la diversion, qu'apportent d'heureuse aventures sexuelles. Or, il y a encore des milieux où cette liberté ne lui est pas concrètement reconnue; elle risque, si elle en use, de compromettre sa réputation, sa carrière; du moins réclame-t-on d'elle une hypocrisie qui lui pèse. Plus elle a réussi à s'imposer socialement, plus on fermera volontiers les yeux; mais, en province surtout, elle est dans la plupart des cas sévèrement épiée. Même dans les circonstances les plus favorables – quand la crainte de l'opinion ne joue plus – sa situation n'est pas équivalent ici à celle de l'homme. Les différences proviennent à la fois de la tradition et des problèmes que pose la nature singulière de l'érotisme féminin.*

Uma mulher que despense suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade – como o homem – não somente de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão que oferecem aventuras sexuais felizes. Ora, há ainda meios em que essa liberdade não lhe é concretamente reconhecida; arrisca-se, usando-a a comprometer sua reputação, sua carreira; no mínimo exigem dela uma hipocrisia que lhe pesa. Quanto mais tiver conseguido impor-se socialmente; mas fecharão de bom grado os olhos; mas, na província principalmente, na maior parte dos casos, ela será severamente vigiada. Mesmo nas circunstâncias mais favoráveis – quando o temor da opinião não mais influi – sua situação não é neste ponto equivalente a do homem. As diferenças provêm ao mesmo tempo da tradição e dos problemas que a natureza singular do erotismo feminino coloca. (tradução nossa)



Por vivermos em uma sociedade que se ampara em parâmetros masculinos, é esperado que a relação que se estabeleça entre a mulher e a sexualidade seja desigual se comparada à relação entre os homens e a sexualidade. O prazer sexual é negado às mulheres, cabendo apenas aos homens a satisfação que o sexo pode proporcionar. Na esteira destes pensamentos, Simone nos atenta para o fato de que o próprio período de duração de uma relação sexual se baseia no prazer masculino, em outras palavras, quase sempre, o ato sexual encontra seu fim quando o homem atinge o orgasmo.

Ao se colocar como uma mulher livre sexualmente, Françoise constrói uma imagem de si de que ela é dona do seu corpo e de seus desejos mais íntimos. As noções de liberdade e de sexualidade, no entanto, são comumente associadas à ideia de libertinagem, ou seja, não é raro as pessoas articularem à mulher livre aquela que é “fácil”. Para Beauvoir: (1949, p. 422-423):

*La société confond la femme libre et la femme facile; l'amant même ne reconnaît pas volontiers la liberté dont il profite; il préfère croire que sa maîtresse a cédé, s'est laissé entraîner, qu'il l'a conquise, séduite. Une femme orgueilleuse peut prendre personnellement son parti de la vanité de son partenaire; mais il lui sera odieux qu'un mari estimé en supporte l'arrogance. Il est très difficile à une femme d'agir en égale de l'homme tant que cette égalité n'est pas universellement reconnue et concrètement réalisée.*

A sociedade confunde a mulher livre com a mulher fácil; o próprio amante não reconhece de bom grado a liberdade de que se aproveita; prefere acreditar que a amante cedeu, deixou-se arrastar, que ele a conquistou, seduziu. Uma mulher orgulhosa pode suportar pessoalmente a vaidade do parceiro; mas ser-lhe-á odioso que um marido estimado suporte a arrogância dele. É muito difícil a uma mulher agir como uma igual ao homem quando essa igualdade não está universalmente reconhecida e concretamente realizada. (tradução nossa)

O assunto sexual é considerado um assunto tabu na sociedade contemporânea, impedindo, com isso, que a sexualidade seja algo discutido com a finalidade de que se tenha uma visão mais ampla da prática sexual feminina. É comum, nos dias de hoje, encontrar discursos contraditórios no que diz respeito à sexualidade feminina, sendo, portanto, interessante notar que a sociedade reprime a satisfação sexual feminina, mas acredita que, se a mulher está mal humorada, é porque a sua sexualidade não está bem resolvida.

A escolha de Simone por apresentar em Françoise características sexuais que fazem da personagem uma mulher independente e decidida de suas escolhas e

posicionamentos propicia no leitor uma concepção de feminino que abrange, desde os aspectos sociais relacionados ao trabalho e à independência financeira, até os elementos mais íntimos referentes ao prazer e aos desejos sexuais femininos. Tornar-se mulher é se constituir de todos estes fatores econômicos, sociais, políticos, amorosos e sexuais nos quais a existência humana se insere. A reivindicação de Simone por uma mulher que não nasce, mas que se torna mulher se assenta sob todos estes aspectos ideológicos e éticos que fazem da figura feminina o que ela é entendida hoje.

A seguir, apresentaremos algumas possíveis relações entre a personagem Xavière e o segundo volume da obra teórica de Simone de Beauvoir, no qual iremos abordar as tópicas concernentes ao amor não livre, à dependência financeira e ao papel de vítima.

Como podemos constatar nas nossas reflexões sobre a concepção de feminino presente nas personagens da obra *L'invitée* (1943), Xavière se revela ao leitor como uma mulher que possui um *ethos* de possessividade e teimosia. Os ciúmes e o sentimento de posse que Xavière possui, tanto com Françoise, quanto com Pierre, nos atentam para uma concepção de feminino que se baseia no fato de que para que o amor seja completo e pleno é necessário que um dos envolvidos na relação amorosa tenha o poder sobre o outro, em outras palavras, o que queremos dizer é que para Xavière a noção de amor se vincula, necessariamente, com a ideia de que um deve ser dono do outro o colocando, assim, em uma posição de subordinação.

Por se inserir em um universo de disputas emocionais e sexuais, Xavière, em contraponto à maturidade ideológica e moral de Françoise, se delinea como uma mulher que possui atributos infantis, ou melhor, juvenis. De acordo com Beauvoir (1949, p. 130):

Ce n'est pas de son propre effort, c'est d'un capricieux suffrage qu'elle tire sa valeur. Celle-ci n'est pas définie par des activités singulières mais constituée par la voix générale de la renommée; elle semble donc quantitativement mesurable; le prix d'une marchandise diminue quand elle devient trop commune: ainsi la jeune fille n'est rare, exceptionnelle, remarquable, extraordinaire que si aucune autre ne l'est. Ses compagnes sont des rivales, des ennemies; elle essaie de les déprécier, de les nier; elle est jalouse et malveillante.

Não é de seu próprio esforço, é de um sufrágio caprichoso que ela extrai seu valor. Este não é definido por atividades singulares e sim constituído pela voz geral da reputação; parece, portanto, quantitativamente mensurável; o preço de uma mercadoria diminui quando se torna demasiado comum: de igual modo a jovem só é rara, excepcional, notável, extraordinária se nenhuma outra o é. Suas companheiras são rivais, inimigas; ela procura desvalorizá-las, negá-las, é ciumenta e maldosa. (tradução nossa)

O caráter juvenil de Xavière pode ser constatado através do modo como ela enxerga a sua relação com Françoise. Se, de um lado, Françoise tenta construir com a jovem uma relação de cumplicidade, amizade e lealdade, por outro, Xavière tenta, a todo o momento, se encontrar em uma posição de embate e de disputa com Françoise. Na imaginação de Xavière, por exemplo, elas concorrem, primeiramente, ao amor de Pierre e, posteriormente, ao amor de Gerbert.

Para a jovem do interior, o amor é compreendido como um campo de batalha cabendo às outras mulheres o papel de inimigas. A suposta rivalidade é contemplada, entretanto, exclusivamente, por Xavière, tendo em vista que Françoise acredita que o amor autêntico se caracteriza, essencialmente, como livre.

Estabelecendo um diálogo entre a construção da imagem de si presente em Xavière e a concepção de feminino cunhada por Simone, destacamos que Xavière se assemelha ao que a autora existencialista entende pela mulher narcisista. Para Simone, o narcisismo se manifesta com mais frequência na mulher do que no homem e ele pode ser entendido como um processo de alienação no qual o sujeito foge de si. Nesses casos, cabe à mulher dar a si mesma uma consideração soberana porque nenhum objeto importante lhe é acessível.

Em Xavière, é possível observar este processo através da teimosia da personagem, visto que ela tenta assumir uma posição de destaque ao chamar a atenção daqueles que a rodeiam. Colocando-se como centro dos acontecimentos, notamos que é frequente Xavière atrasar aos encontros e compromissos sociais com a intenção de que Françoise e Pierre fiquem à sua espera. De acordo com Beauvoir (1949, p. 494-495):

Elle attend leur présence: sa dépendance économique la met à leur disposition; elle n'est qu'un élément de la vie masculine tandis que l'homme est sa vie tout entière; le mari a ses occupations hors du foyer, la femme subit son absence tout au long des journées; c'est l'amant – fût-il passionné – qui décide des séparations et des rencontres d'après ses obligations. Au lit, elle attend le désir du mâle, elle attend – parfois anxieusement – son propre plaisir. Tout ce qu'elle peut faire, c'est arriver en retard au rendez-vous que l'amant a fixé, c'est ne pas être prête à l'heure que le mari a désignée; par là, elle affirme l'importance de ses propres occupations, elle revendique son indépendance, elle redevient pour un moment le sujet essentiel dont l'autre subit passivement la volonté. Mais ce sont timides revanches; si entêtée qu'elle soit à faire "poser" les hommes, elle ne compensera jamais les heures infinies qu'elle passe à guetter, à espérer, à se soumettre au bon plaisir du mâle.

Ela espera a presença dele; sua dependência econômica coloca-a à disposição dele; ela é apenas um elemento da vida masculina ao passo que o homem é toda a sua vida; o marido tem ocupações fora do lar, a mulher suporta-lhe a ausência ao longo dos dias; é o amante – ainda que apaixonado – que decide das separações e dos encontros de acordo com as obrigações que tem. Na cama, ela aguarda o desejo do homem, espera, por vezes, ansiosamente, seu próprio prazer. Tudo o que pode fazer é chegar atrasada ao encontro marcado pelo amante, é não estar pronta na hora que o marido designou; ela afirma assim a importância de suas próprias ocupações, reivindica sua independência, torna a ser, por um momento, o sujeito essencial cuja vontade o outro suporta passivamente. Mas trata-se de tímidos revides; por mais que se obstine em fazer os homens “esperar”, nunca compensará as horas infinitas que passa a vigiar, a esperar, a submeter-se ao bel prazer do homem. (tradução nossa)

No entanto, se Xavière é questionada ou, até mesmo, repudiada pelos motivos de seus atrasos, a jovem se coloca em uma posição de que todos a perseguem e que não gostam dela. Para Simone, esta é mais uma característica da mulher narcisista, conforme salientamos no trecho:

La narcissiste ne peut admettre qu'autrui ne s'intéresse pas passionnément à elle; si elle a la preuve évidente qu'elle n'est pas adorée, elle suppose aussitôt qu'on la hait. Toutes les critiques elle les attribue à la jalousie, au dépit. Ses échecs sont le résultat de noires machinations: et, par là, ils la confirment à la mégalomanie ou au délire de persécution qui en est la figure inversée: centre de son univers et ne connaissant d'autre univers que le sien, la voilà centre absolu de monde. (*Le deuxième sexe II*, [1949]1976, p. 535)

A narcisista não pode admitir que outros não se interessem por ela apaixonadamente; se tem prova evidente de que não é adorada supõe imediatamente que a detestam. Atribui todas as críticas ao ciúme, ao despeito. Seus malogros são o resultado de tenebrosas maquinações: e, deste modo, eles a confirmam na ideia de sua importância. Ela descamba facilmente para a megalomania ou para o delírio de perseguição que é a imagem invertida daquela: centro de seu universo e não conhecendo outro universo; ei-la centro absoluto do mundo. (tradução nossa)

Para nós, o *ethos* de teimosia de Xavière se delinea devido a vários fatores, como a dependência financeira; a não adequação ao triângulo amoroso constituído por ela, Françoise e Pierre; a não ocupação profissional; e a falta de conhecimento sobre si mesma e sobre suas qualidades.

Por apresentar valores, comportamentos e ideologias contrários aos de Françoise e Pierre, Xavière se coloca em uma situação de combate com o casal, porém, a disputa se torna mais ávida em relação a Françoise, posto que a jovem do interior deseja que Pierre abandone Françoise, ficando, assim, somente com ela.

Em grande parte dos casos, o papel de vítima é desempenhado por Xavière quando a teimosia e os ciúmes não são capazes de afetar as pessoas que ela deseja. Destacamos, assim, que é quando Xavière se encontra em situações morais ou éticas nas quais ela se sente pressionada ou cercada, que a personagem assume a posição de alguém que é julgada injustamente pelos outros e que sofre com isso. Para Beauvoir (1949, p. 527): “ À défaut de beauté, d'éclat, de bonheur, la femme se choisira un personnage de victime; elle s'entêtera à incarner les *Mater dolorosa*, les épouses incomprises, elle sera à ses yeux « la femme la plus malheureuse du monde »” (Tradução nossa: Na falta de beleza, de brilho, de felicidade, a mulher escolherá uma personagem vítima para si; obstinar-se-á em encarnar a *Mater dolorosa*, a esposa incompreendida, será a seus próprios olhos “a mulher mais desgraçada do mundo”). Concordamos com Simone ao afirmar que esta atitude é uma característica comum em muitas pessoas que apresentam baixa auto estima. Ao longo do romance, Xavière não se apresenta como uma mulher que é decidida e que possui conhecimento de si mesma enquanto sujeito, pelo contrário, desde o início ela se revela ao leitor como uma mulher insegura às novas experiências – morar na cidade de Paris – e invejosa às habilidades de outras pessoas – em sua primeira cena na narrativa, Xavière é retratada como uma mulher que sente inveja da dançarina moura que se apresenta no café no qual ela está.

A concepção de feminino expressa na personagem de Xavière se esboça através das ideias pertencentes à dependência financeira, à possessividade e à teimosia, aproximando Xavière das descrições de Beauvoir em sua obra *Le deuxième sexe II* ([1949]1976) no que concerne à mulher narcisista. Por nutrir um amor excessivo por si mesma, Xavière não é capaz de se adaptar às ideologias de Françoise e Pierre, posto que, enquanto o casal se relaciona através de um envolvimento livre e leal, Xavière se atém às relações de modo egoísta, pensando somente em si mesma e nas suas vontades.

É conveniente ressaltar, portanto, que o caráter egocêntrico de Xavière não se limita somente às relações amorosas, mas também às questões sociais, conforme podemos demonstrar nas nossas reflexões pertencentes ao tópico da concepção de feminino na obra *L'invitée* (1943) à luz da personagem Xavière. Dessa maneira, podemos concluir que, para Beauvoir, Xavière se apresenta como uma mulher que ainda não encontrou a sua constituição enquanto sujeito autônomo, cabendo à jovem sair do seu

estado de conformidade diante das questões sociais buscando se inserir na luta pela sua libertação.

### 3.5 Considerações finais

Tendo em vista o que expusemos em nossas análises, julgamos conveniente destacar que através de um diálogo entre a ficção e a teoria de Beauvoir foi possível compreender, de forma mais ampla, qual a concepção de feminino elaborada pela filósofa existencialista.

Pautando-nos em uma análise que se sustenta em três partes por meio de um movimento de cotejo, em um primeiro momento, verificamos a representação da personagem Françoise na obra ficcional, em um segundo momento, analisamos como a personagem de Xavière é apresentada na obra *L'invitée* (1943), e, em um terceiro momento, examinamos como a interlocução entre o discurso ficcional e o discurso filosófico se configura sob a perspectiva da construção da imagem feminina.

O diálogo entre a primeira obra literária e a primeira obra ensaística de Beauvoir, nos proporcionou profundas reflexões sobre a concepção de feminino na sociedade ocidental. Acreditamos que a ordem escolhida tanto para o primeiro contato com os *corpora* quanto para o desenvolvimento da presente pesquisa foi bastante satisfatório, uma vez que ao lermos, primeiramente, o discurso ficcional, tivemos a oportunidade de conhecer duas personagens femininas que se inserem no mesmo contexto sócio histórico, mas se diferenciam entre si por se inscrevem em universos morais e ideológicos distintos. À primeira vista e sem termos, ainda, conhecimento sobre a filosofia de Beauvoir, já nos era possível delinear a ideia de que as duas protagonistas do romance não se revelavam apenas duas personalidades contrastivas, mas sim duas concepções de feminino, feminilidade, liberdade, libertação e existência.

É no momento da leitura dos dois volumes da obra ensaística de Simone, que, para nós, o universo subjetivo – pois ler Beauvoir enquanto sujeito feminino é como sofrermos uma transformação na qual nunca mais seremos as mesmas – e acadêmico – devido aos objetivos e necessidades da pesquisa – encontram as ponderações para tudo aquilo que foi contemplado no romance. Na leitura do discurso filosófico selecionado, a concepção de feminino apresentada pela autora francesa já nos esboçava os diálogos possíveis entre

as condutas de Françoise e Xavière e as elucubrações de Simone sobre o que ela compreende por ser mulher. As ideias de autorrealização do ser, liberdade existencial e emancipação social nos são apresentadas na obra ensaística e, através delas, as nossas análises começaram a se tornar menos imaginárias e mais palpáveis. Nesse processo, nos situamos, então, em uma problemática dialógica, seja entre obras – *L’invitée* (1943) e *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) ou entre interlocutores – Simone de Beauvoir e uma pesquisadora de Análise do Discurso.

## CONCLUSÃO





A presente dissertação de mestrado buscou averiguar de que maneira o romance de Beauvoir projeta uma concepção de feminino que será abarcada, posteriormente, em sua obra teórica. Por meio de uma seleção composta pelo romance *L'invitée* (1943) e pelos ensaios teóricos *Le deuxième Sexe I: les faits et les mythes* ([1949]1976) e *Le deuxième Sexe II: l'expérience vécue* ([1949]1976) procuramos identificar como a concepção de feminino presente nas personagens refletem na teoria da referida autora.

Tendo em vista o que expusemos anteriormente, os nossos objetivos de pesquisa se definiram como: i) analisar como Simone de Beauvoir constrói a concepção de feminino no discurso ficcional através dos comportamentos e das condutas das personagens Françoise e Xavière; ii) verificar como Beauvoir apresenta em sua obra filosófica uma concepção de feminino que se relaciona com a ideologia presente nas atitudes das personagens femininas, seja através da negação ou da afirmação das práticas e dos papéis sociais desempenhados por Françoise e Xavière; iii) investigar como ocorre a relação entre o discurso ficcional e o discurso teórico de Beauvoir por meio dos movimentos de antecipação teórica e retroação narrativa<sup>16</sup> sob a perspectiva da concepção de feminino.

Partindo da hipótese de que, tanto na obra ficcional, quanto nas obras teóricas, Simone se baseou nas ideias pertencentes aos estudos filosóficos existencialistas, julgávamos que a autora francesa havia se pautado em um dos mais importantes pensamentos existencialistas no qual se depreende a ideia de que a essência não precede a existência humana. Dessa maneira, acreditávamos que: i) os imaginários femininos cristalizados sociodiscursivamente baseados nas ideias de submissão, dependência e inferioridade seriam desconstruídos nos romances de Beauvoir; ii) os modelos de mulher apresentados nas obras ficcionais estariam retratados por meio de personagens que se apresentam em posição de autonomia financeira, sexual e emocional; iii) a emancipação da mulher se ligaria à emancipação social; iv) haveria, nas obras ficcionais, uma posição de igualdade entre mulheres e homens no que diz respeito às relações amorosas. Sendo assim, podemos afirmar que as nossas análises nos demonstraram que as hipóteses mencionadas acima foram caracterizadas como pertinentes tendo em vista as reflexões apresentadas no decorrer de nossa pesquisa.

---

<sup>16</sup> As denominações antecipação teórica e retroação narrativa foram cunhadas pelo prof. Dr. Patrick Dahlet em uma reunião de orientação realizada durante o primeiro semestre de 2014.

Buscando defender a tese de pesquisa e constatar as hipóteses levantadas inicialmente, nos apoiamos em um referencial teórico fornecido pelos trabalhos da Análise do Discurso Franco-Brasileira. Para isso, contamos com as contribuições de autores como Charaudeau (1983), Machado & Mendes (2013), Mendes (2004), Amossy (2013), Danblon (2013) e Bakhtin (1992, 2000), além das contribuições teóricas de Beauvoir (1949).

Em um primeiro momento da nossa análise, através das personagens femininas presentes na obra ficcional *L'invitée* (1943), pudemos constatar que as protagonistas podem ser representadas por meio das dicotomias moderno versus tradicional; inovador versus convencional, vanguardista versus clássico, sendo o primeiro traço pertencente à personagem de Françoise e o segundo traço pertencente à personagem de Xavière. No que concerne à personagem de Françoise, verificamos a presença de um *ethos* relacionado às ideias de independência, liberdade e autonomia, uma vez que essa personagem possui uma ocupação profissional, é dona de seus desejos e de si mesma e detém a capacidade de escolher o seu destino. Em relação à personagem de Xavière, constatamos a existência de um *ethos* referente às ideias de dependência, submissão e acomodação, visto que essa personagem não expressa o desejo de conseguir um trabalho remunerado, apresenta uma atitude de resignação e não se preocupa com os acontecimentos históricos, sociais e políticos. Desse modo, conseguimos verificar que se por um lado, Françoise recusa os imaginários sociodiscursivos cristalizados sobre a concepção de feminino, por outro lado, Xavière reforça tais imaginários.

Anfitriã (*hôteesse*) e convidada (*invitée*) são retratadas na obra como duas mulheres que possuem personalidades opostas, cada uma representa, desse modo, valores éticos e morais distintos. A morte de Xavière se caracteriza como a vitória e a supremacia da concepção de feminino delineada na personagem de Françoise por meio das ideias de liberdade, autonomia, independência financeira e controle de sua própria vida e destino. O assassinato e, conseqüentemente, a morte da personagem Xavière ao final da narrativa nos fez concluir que a concepção de feminino apresentada por Beauvoir no discurso ficcional se pauta nas ideologias, nos valores e nas condutas representadas pela personagem de Françoise. Na nossa interpretação, matar Xavière é matar também tudo aquilo que ela representa moral e eticamente, ou seja, uma concepção feminina pautada na acomodação aos valores sociais burgueses, religiosos e ocidentais.

Acreditamos, dessa maneira que Beauvoir deixa uma espécie de “pista” para seu leitor no que diz respeito à vertente filosófica na qual ela se fundamenta.

Em um segundo momento da nossa análise, por meio da leitura e das reflexões sobre a obra *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) foi possível constatar que a concepção de feminino se baseia em dois pilares essenciais da obra de Simone, sendo o primeiro pilar constituído pela ideia de que o biológico não é um aspecto determinante na constituição da mulher enquanto sujeito social, e o segundo pilar fundamentado no fato de que a emancipação feminina se relaciona de modo direto com a independência financeira. A obra teórica de Simone se caracteriza como um marco fundamental – muitos estudiosos consideram, até mesmo, que existe uma fase que antecede Simone de Beauvoir e uma fase que precede Simone de Beauvoir – no que diz respeito aos estudos sobre o gênero feminino. Acreditamos que a importância dos trabalhos de Simone para a questão do gênero se alicerça, principalmente, na posição crítica, reflexiva e transgressora da autora francesa no que concerne à concepção de feminino.

Em sua obra *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976), Simone convoca as mulheres a saírem da posição de comodismo e de submissão fazendo com que elas passem a enxergar a influência dos valores e da cultura no que diz respeito à compreensão e o entendimento do ser feminino na sociedade ocidental. A obra teórica de Beauvoir (1949) nos aponta para a necessidade de se constituir uma sociedade na qual a igualdade entre os homens e as mulheres seja algo natural, tendo em vista que as habilidades e o destino de um sujeito social não devem ser explicados por dados biológicos e sim por dados existenciais, ou seja, somos o que somos por razões que dizem respeito às nossas escolhas e decisões.

Em um terceiro momento de nossa análise, nos propusemos a verificar a relação entre o romance *L'invitée* (1943) e o ensaio *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) à luz da concepção de feminino apresentada em ambas as obras. Dessa maneira, pudemos constatar que a personagem Françoise retrata a independência financeira, sexual e emocional apresentada, posteriormente, por Simone em sua obra teórica. Ao abdicar dos papéis sociais de mãe e esposa, Françoise se revela, no romance, como uma mulher livre para tomar as suas decisões, para conhecer a si mesma e todos aqueles que as rodeiam e para se incluir no mundo como um ser capaz de exercer as mais diversas ocupações artísticas e intelectuais. Porém, ao focalizarmos a representação de Xavière na obra

ficcional, foi possível observar que essa personagem constrói um *ethos* de uma mulher egoísta, dependente e alheia às questões sociais, traços estes condenados por Simone em sua obra teórica. Não ter a capacidade de decidir o próprio destino e depender economicamente de alguém são atitudes rechaçadas por Beauvoir em *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) porque inserem a figura feminina em uma posição de inércia e inferioridade.

Tomando o discurso ficcional como uma antecipação teórica e o discurso teórico com uma retroação narrativa, ressaltamos que subjetividade e cientificidade encontram-se em um movimento constante de transposição, uma vez que, através de nossas análises, pudemos perceber que o romance não é desprovido de cientificidade assim como o ensaio filosófico não é destituído de subjetividade. De um lado, em *L'invitée* (1943) a cientificidade pode ser observada nos comportamentos e atitudes das personagens femininas e na relação que tais condutas apresentam com a concepção de feminino defendida por Simone na obra ensaística. De outro lado, a subjetividade em *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) se apresenta por meio de posicionamentos e avaliações próprias da autora, como, por exemplo, o posicionamento favorável à legalização do aborto e à desaprovação da função geradora como um fim para a existência da mulher.

O diálogo entre o romance e a teoria se caracteriza, para nós, como essencial para compreender o percurso do pensamento filosófico de Simone de Beauvoir, visto que, em nossas análises, foi possível verificar que o romance origina uma perspectiva existencialista sobre a concepção de feminino que, posteriormente, será defendida no ensaio teórico: somos sujeitos inseridos em uma cultura que tenta ditar o nosso destino seja pela via dos dados biológicos, da psicanálise, do materialismo, dos mitos ou da religião.

A nova concepção de feminino defendida por Simone se relaciona de forma direta com os trabalhos pertencentes à corrente filosófica do existencialismo. Posto isto, julgamos conveniente ressaltar que, ao propor uma corrente de pensamento existencialista feminista, Beauvoir faz com que o leitor tanto do romance quanto do ensaio se coloque na posição de um sujeito que reflete sobre a cultura e a sociedade na qual ele está inserido para que seja capaz de compreender que a mulher não é um ser imutável e definido, cabendo a ela a postura de lutar pela sua liberdade e emancipação social.

Nas obras de Beauvoir, romance e teoria dialogam entre si construindo, desse modo, uma concepção de feminino que pode ser considerada como transgressiva na medida em que Simone rejeita as noções biológica, histórica e social apresentadas anteriormente aos seus trabalhos e instaura uma nova corrente de pensamento sobre a questão do gênero feminino. A inclusão da obra *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976) na lista de livros proibidos pelo Vaticano e a eternização da frase: “On ne naît pas femme: on le devient.” (Tradução nossa: Não se nasce mulher, torna-se mulher) podem ser consideradas como provas da inovação e da ousadia de Simone de Beauvoir.

O diálogo entre o romance e a teoria de Beauvoir nos permitiu atentar para o fato de que a autora constrói uma concepção de feminino que lhe é própria e singular, uma vez que ela concebe uma corrente existencialista feminista, ou seja, Simone alia os estudos filosóficos existencialistas (dos quais ela se insere como um sujeito que desempenha a função de co-construção juntamente com o filósofo Jean Paul-Sartre) aos estudos sobre o gênero feminino, instaurando assim uma nova maneira de significar a mulher na sociedade ocidental.

No meio de tantos diálogos possíveis entre a vasta obra produzida por Simone, buscamos estudar o diálogo entre o romance e a teoria da autora sob a perspectiva da concepção de feminino e, com isso, conseguimos constatar que o discurso ficcional origina uma perspectiva existencialista pautada em uma nova concepção de moral. De acordo com Beauvoir (1947, p. 44):

Non seulement nous affirmons donc que c'est la seule philosophie où une morale ait sa place; car dans une métaphysique de la transcendance, au sens classique du mot, le mal se réduit à l'erreur; et dans les philosophies humanistes, il est impossible d'en rendre compte, l'homme étant défini comme plein dans un monde plein. L'existentialisme seul fait, comme les religions, une part réelle au mal; et c'est peut-être ce qui le fait juger si noir: les hommes n'aiment pas se sentir en danger.

Não apenas afirmamos, pois, que a doutrina existencialista permite a elaboração de uma moral, mas parece-nos até mesmo que é a única filosofia em que a moral tem seu lugar; pois numa metafísica da transcendência, no sentido clássico da palavra, o mal se reduz ao erro; e nas filosofias humanistas, é impossível dar conta da questão, uma vez que o homem é definido como pleno em um mundo pleno. Apenas o existencialismo concede, como as religiões, um lugar real ao mal; e talvez o que faz com que o julgemos tão sombrio: os homens não gostam de se sentir em perigo. (tradução nossa)

Para Simone, ao nos situarmos na teoria filosófica existencialista estamos, conseqüentemente, nos apoiando em uma concepção de moral. No caso da nossa pesquisa, pudemos perceber que se debruçar sobre os trabalhos de Beauvoir, no que diz respeito ao gênero, é como mergulhar em um universo discursivo repleto de condutas e valores que a autora julga necessário para a constituição do que é tornar-se mulher. No entanto, Simone nos atenta para o fato de que a moral não deve ser entendida como algo que é rígido e que deve ser seguido sem contestação. Para Beauvoir (1948, p. 79-80):

La morale n'est pas un ensemble de valeurs et de principes constitués, elle est le mouvement constituant par lequel valeurs et principes ont été posés; c'est ce mouvement que l'homme authentiquement moral doit reproduire pour son compte. Les grands moralistes n'ont pas été des âmes vertueuses, docilement soumises à un code préétabli du bien et du mal: ils ont créé un nouvel univers de valeurs par des paroles qui étaient des actes, par des actes qui mordaient sur le monde; et ils ont modifié la face de la terre plus profondément que les rois et les conquérants. La morale n'est pas négative, elle ne demande pas à l'homme de demeurer fidèle à une image figée de lui même: être moral, c'est chercher à fonder son être, à faire passer au nécessaire notre existence contingente; mais l'être de l'homme est « un être dans le monde »; il est indissolublement lié à ce monde qu'il habite, sans lequel il ne peut exister ni même se définir; il y est lié par des actes et ce sont ces actes qu'il faut justifier.

A moral não é um conjunto de valores e de princípios constituídos; é o movimento constituinte pelo qual valores e princípios foram assentes; é o movimento que o homem autenticamente moral deve reproduzir por sua conta. Os grandes moralistas não foram almas virtuosas, docilmente submetidas a um código preestabelecido do bem e do mal: criaram um novo universo de valores por palavras que era atos, por atos que tocavam o mundo; e modificaram a face da terra mais profundamente do que os reis e os conquistadores. A moral não é negativa, não pede ao homem para permanecer fiel a uma imagem fixa dele mesmo: ser moral é procurar fundir o seu ser, fazer passar ao necessário a nossa existência contingente; mas o ser do homem é um “ser no mundo”; está indissolúvelmente ligado a esse mundo que habita, sem o qual não pode existir nem sequer definir-se; está ligado por atos e são os seus atos que é preciso justificar. (tradução nossa)

Nos seus escritos ficcionais ou teóricos, é possível notar que Beauvoir não possui o desejo de que suas ideias sejam seguidas como uma espécie de seita ou dogma. O que a autora pretende é exatamente o contrário, visto que ela afirma, no início do seu primeiro volume ensaístico (*Le deuxième sexe I: les faits et les mythes*, [1949]1976), que não é de sua pretensão estabelecer verdades, mas apresentar visões de mundo que façam com que o seu público-alvo se coloque na posição de um sujeito crítico social.

Não podemos deixar de mencionar também que a nova concepção de moral feminina elaborada por Simone se alicerça em um dos mais importantes fundamentos da corrente filosófica existencialista: a liberdade. Somos livres para decidirmos o nosso futuro, somos livres para nos portamos como quisermos. É a nossa liberdade que ditará o que seremos e não as imposições culturais, econômicas, religiosas e sociais.

Enquanto mulheres, acreditamos que esta nova concepção de moral feminina cunhada por Beauvoir nos deixa explícita a mensagem de que não é a sociedade que deve ditar o meu vestuário, a cor do meu cabelo, o meu tipo físico, a minha escolha sexual, a hora de ser mãe (e se devemos ser mãe) dentre tantas outras escolhas pessoais ou profissionais. Somos nós, mulheres, enquanto sujeitos autônomos e sociais que devemos nos encontrar em uma posição de igualdade com o sexo masculino, com o que temos direito e com o que desejamos.

Tendo em vista as reflexões que foram expostas no decorrer de nossa pesquisa, pudemos constatar que, no caso de Simone de Beauvoir, a ficção serviu como um importante instrumento de apresentação das teorias filosóficas, uma vez que a concepção de feminino de Beauvoir nos aponta como um projeto que é, ao mesmo tempo, particular e social, iniciando-se no primeiro romance (*L'invitée*, 1943) e perpassando grande parte de suas obras futuras.

Como possibilidades futuras de pesquisa, pensamos que seria interessante investigar qual a representação social de uma mulher feminista tendo em vista a iconografia de Simone de Beauvoir, posto que, se no momento de escrita do ensaio filosófico *Le deuxième sexe I e II* ([1949]1976), Simone era uma mulher jovem e bonita, por que, na grande maioria dos casos, o que encontramos nos dias atuais, é uma iconografia que se baseia em imagem de uma mulher idosa e com o corpo disforme? A noção social de feminista estaria pautada nas ideias de uma figura feminina que, para muitos, não possui atrativos sexuais e que já não se preocupa com a estética e com a beleza? Acreditamos, assim, que tal pesquisa poderia suscitar importantes reflexões sobre o que se entende por feminino, feminilidade e feminismo.

Voltando para o presente estudo, almejamos que a nossa pesquisa possa contribuir para os estudos discursivos sobre o gênero feminino e o discurso filosófico, uma vez que essa temática permite uma gama de possibilidades de leitura, interpretação, diálogos e análises. Almejamos ainda que a nossa pesquisa possa servir de inspiração e



motivação para os mais diversos tipos de estudiosos, sejam eles analistas do discurso ou não, que se sintam instigados não somente pela questão do feminino, mas, acima de tudo, pela condição primeira de todo ser humano: a liberdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. O ensaio como forma. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2013.
- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Nathan Université, 2000.
- ASCHER, Carol. *Simone de Beauvoir: uma vida de liberdade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- BAKHTIN, Mikhail & VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Annablume, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1996
- BEAUVOIR, Simone de. Fotografias em preto e branco encontradas no site: <https://avecbeauvoir.wordpress.com>. Acesso em 10 de outubro de 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe I: les faits et les mythes*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe II: l'expérience vécue*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- BEAUVOIR, Simone de. *La force des choses*. Paris: Éditions Gallimard, 1963.
- BEAUVOIR, Simone de. *L'existencialisme et la sagesse des nations*. Paris: Éditions Nagel, 1948.
- BEAUVOIR, Simone de. *L'invitée*. Paris: Éditions Gallimard, 1943.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: *Bakhtin: conceitos-chaves*. BRAIT, Beth (org.). 4 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- BLEICHMAR, Norberto & BLEICHMAR, Celia. *A Psicanálise depois de Freud*. Ed. Artmed, 1992.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. BRAIT, Beth (org.) Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- BUCKINGHAM, Will; BURNHAM, Douglas; HILL, Clive; KING, Peter; MARENBOON, John; WEEKS, Marcus. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo, 2011.

- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia. & MELLO Renato. (orgs.) *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.
- CORDELLIER, Stéphanie. Actualité et importance de la position antidifférencialiste du Deuxième sexe. In: DELPHY, Christine & CHAPERON, Sylvie. *Cinquantenaire du Deuxième sexe*. Paris: Éditions Syllepse, 2002.
- DANBLON, Emmanuelle. *L'homme rhétorique: culture, raison, action*. Paris: Éditions du CERF, 2013.
- DANBLON, Emmanuelle. *La fonction persuasive*. Paris: Armand Colin, 2005.
- DEGUY, Jacques & BEAUVOIR, Sylvie Le Bon de. *Simone de Beauvoir: écrire la liberté*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- GOTHLIN, Eva. Beauvoir et Sartre: deux philosophies en dialogue. In: DELPHY, Christine & CHAPERON, Sylvie. *Cinquantenaire du Deuxième sexe*. Paris: Éditions Syllepse, 2002.
- MACHADO, Ida Lucia. Emoções, ironia e AD: breve estudo de um discurso literário. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.) *As emoções no discurso*, volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Liège: Mardaga, 1984.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin.
- MENDES, Emília & MACHADO, Ida Lucia. A Análise Semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. In: <http://aledportal.com/descargas/13-2.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2014.

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs.) *Imagem e discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

MENDES, Emília. *Contribuições ao Estudo do Conceito de Ficcionalidade e de suas Configurações Discursivas*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Les Vérités de la Palice*. Linguistique, Semantique, Philosophie. 1 ed. Paris, Maspero, 1975. Trad. Eni P. de Orlandi et al. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.

PLANTIN, CHRISTIAN. Verbete sobre argumentação. In: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

RIBEIRO da SILVA, Antônio Francisco. *O desejo de Freud*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *L'existencialisme est un humanisme*. Paris: Les Éditions Nagel, 1960.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SEARLE, John Rogers. *Expressão e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.